

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA SOCIAL

ANA LAURA LOBATO PINHEIRO

TRAJETÓRIAS AFETIVAS E SEXUAIS ENTRE JOVENS DE PERIFERIA,
BELO HORIZONTE

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO APRESENTADA AO
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS DA
UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS PARA
OBTENÇÃO DO TÍTULO DE MESTRE NA ÁREA DE
ANTROPOLOGIA SOCIAL

ORIENTADORA: MARIA FILOMENA GREGORI

CAMPINAS, SP
SETEMBRO de 2011

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA
POR CECÍLIA Maria Jorge NICOLAU – CRB8/3387
BIBLIOTECA DO IFCH - UNICAMP

L781t Lobato, Ana Laura, 1982-
Trajetórias afetivas e sexuais entre jovens de periferia,
Belo Horizonte / Ana Laura Lobato. -- Campinas, SP :
[s. n.], 2011.

Orientador: Maria Filomena Gregori.
Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de
Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas.

1. Gênero. 2. Sexualidade. 3. Juventude – Belo
Horizonte 4. Favelas. I. Gregori, Maria Filomena, 1959-.
II. Universidade Estadual de Campinas. Instituto de
Filosofia e Ciências Humanas. III. Título.

Título em Inglês: Emotional and sexual trajectories among young people
between suburbs, Belo Horizonte

Palavras-chave em inglês:

Gender
Sexuality
Young – Belo Horizonte
Slums

Área de concentração: Antropologia Social

Titulação: Mestre em Antropologia Social

Banca examinadora:

Maria Filomena Gregori [Orientador]
Guita Grin Debert
Laura Moutinho Da Silva

Data da defesa: 20-09-2011

Programa de Pós-Graduação: Antropologia Social

ANA LAURA LOBATO PINHEIRO

“TRAJETÓRIAS AFETIVAS E SEXUAIS ENTRE JOVENS DE PERIFERIA, BELO HORIZONTE”

Dissertação apresentada ao Departamento de Antropologia Social do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas para obtenção do grau de Mestre em Antropologia Social sob orientação do Prof^o Dr^a Maria Filomena Gregori.

Este exemplar corresponde à redação final da Dissertação defendida e aprovada pela Comissão Julgadora em 20/09/2011.

Comissão Julgadora:

Titulares:



Prof^a Dr^a Maria Filomena Gregori (DA-IFCH-UNICAMP) - (Presidente)



Prof^a Dr^a Laura Moutinho da Silva (DA-FFLCH-USP)



Prof^a Dr^a Guita Grin Debert (DA-IFCH-UNICAMP)

Suplentes:

Prof^a Dr^a Heloisa Buarque de Almeida (DA-FFLCH-USP)

Prof^a Dr^a Regina Facchini – PAGU-UNICAMP

DEDICATÓRIA

À Fernando Antonio Lobato (*in memoriam*) e
minha mãe, Dora, por toda minha hombridade.

AGRADECIMENTOS

A despeito da dificuldade de dimensionar a relevância de distintos apoios sem os quais esta dissertação não seria possível, algumas eu gostaria de nomear.

Agradeço,

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - CAPES, e ao Serviço de Apoio aos Estudantes – SAE/UNICAMP pelas bolsas de auxílio.

Ao Programa de Pós Graduação em Antropologia Social e todo seu corpo docente, pela aposta em minha formação e acolhimento de minhas inquietações antropológicas.

A Maria José, secretária do PPGAS e toda equipe do PAGU pelo apoio institucional.

A minha querida orientadora, Prof.^a Dr.^a Maria Filomena Gregori, para quem dizer obrigado seria pouco no intuito de dimensionar a enorme confiança que fora depositada em mim. A aproximação sempre certa e o acolhimento carinhosamente desafiador desta “professorinha” fizeram de mim uma pesquisadora bem mais austera.

Ao apoio imensurável dos colegas do grupo de estudos; Giovana Feijão, Silvia Aguião, Larissa Nadai, Fabiana Andrade, Carol Parreiras e Camilo Albuquerque.

A revisão cuidadosa e sempre estimulante da querida amiga Marta Moraes.

Com carinho especial agradeço à querida Prof.^a Dr.^a Suely Kofes pela generosidade com que sempre me estimulou à vãos altos e sofisticadas reflexões.

Sou grata também, ao prof. Dr. John Monteiro pela rica experiência de estágio docente, compartilhada com a querida amiga Grazielle Rosseto e a turma 09N de graduação em ciências sociais.

À Prof.^a Dr.^a Guita Grin Debert pela leitura cuidadosa do relatório de qualificação e o incentivo sempre carinhoso.

À Prof.^a Dr.^a Laura Moutinho, agradeço não apenas, o aceite em compor a banca de qualificação, realizando uma leitura interessada e cuidadosa, mas, também seu carinho e amizade que fizeram perenes as provocações e trocas, todas elas fundamentais na elaboração deste trabalho.

Ainda na FFLCH/USP, agradeço à Prof.^a Dr.^a Heloisa Buarque de Almeida por me aceitar em seu curso sobre gênero e antropologia através do qual fui exposta a instigantes leituras e reflexões.

Sou grata também à Magda Ribeiro, Bruna Angotti, Thamara Amoroso, Pedro Lopes e Márcio Zambone, colegas da USP que me ofereceram carinhosa torcida e agradáveis discussões.

À equipe da URBEL, representada pela pesquisadora Wanja de Freitas pelo acolhimento e colaboração na disponibilidade dos dados aqui observados.

Não poderia deixar de expressar minha mais sincera gratidão a todos os jovens, adultos e crianças do Taquaril que aceitaram minha presença em seu cotidiano, cada um ao seu modo, permitindo-me acessar um pouco de suas andanças, medos e sonhos.

Certa de que enfrentar os medos e ausências desta jornada não seria possível sem o companheirismo da turma de antropologia 2008, agradeço enormemente os jantares, as conversas e o estímulo de todos que fizeram a vinda para Barão Geraldo menos só.

Nos contornos baronenses, alguns amigos de hoje para a vida toda, Mônica Amorim, Thamara Gonçalves, Eduardo Belleza, Luanda Sito, Jaqueline Gonçalves e especialmente à Viviane Rosa agradeço a paciência, o carinho e a solidariedade que só mesmo laços de parentesco poderiam sustentar.

À amizade imprescindível de Isabel Luscher, Renata Gonçalves, Lucas Wander Maas, Thiago França, Christiane Pitanga, Mauro Brigeiro e Rita Guimarães que não me deixaram declinar.

A minha família, que soube suportar minhas ausências e transformar a saudade em perseverança.

Por fim, agradeço à Alessandra pelo estímulo às escolhas que me trouxeram até aqui e agora compõem trilhas de novos caminhos.

EPÍGRAFE

"O sonho que acho mais fascinante é o de uma sociedade andrógina e sem gênero (embora não sem sexo) na qual a anatomia sexual de uma pessoa seja irrelevante para o que ela é, para o que ela faz e para a definição de com quem ela faz amor"

G.Rubin

ABSTRACT

In this work we sought to identify the way how different dimensions of social life intertwine in the constitution of a variety of sexual and affective experiences of young people living in a slum known as “Taquaril” in the city of Belo Horizonte. We depart from a presupposition that gender representations and the learning process about sexuality intersect in meaningful ways to establish sexual and affective relationships among young people. We also acknowledge that different experiences produced by social class, race/ethnicity, age, sexual orientation and especially by education levels enable very particular forms of establishing those trajectories. We use here as an analytical unit, the sexual and affective trajectories of young people interviewed aiming to learn the events that marked their sexual and affective experiences as well as the meaning they give to each of those experiences. The methodology chosen, an ethnography, allowed not only to learn about their subjectivity, manifestations of desires and anxieties regarding the challenge and pleasure presented by their sexual and affective relationships but also to know about the places frequented by them and about their social networks, settings that propitiate their meetings, flirting, conquests, dates and hook ups.

Key words: Gender, Sexuality, Youth, Slum

RESUMO

Neste trabalho, buscou-se identificar o modo como diferentes dimensões da vida social se articulam na constituição de variadas experiências afetivas e sexuais de jovens residentes em uma favela em Belo Horizonte, o Taquaril. Partiu-se do pressuposto de que as representações de gênero e o aprendizado sobre a sexualidade se intersectam de maneira significativa no estabelecimento das relações afetivas e sexuais pelos jovens, e também que diferenciadas experiências relativas às dimensões de classe social, cor/raça, idade, orientação sexual e, sobretudo, de educação possibilitam formas muito particulares de constituição dessas trajetórias. Considero, portanto, como unidade analítica as “trajetórias” afetivas e sexuais dos jovens entrevistados a fim de apreender os eventos que marcaram suas experiências afetivas e sexuais bem como o sentido empregado à cada uma delas. A metodologia escolhida, a etnografia, permitiu não apenas apreender sobre suas subjetividades, manifestações de desejos e ansiedades frente ao desafio e prazer de suas relações afetivas e sexuais, mas também conhecer sobre os espaços frequentados por eles e suas redes de relações, nos quais se tornam propícias suas investidas, suas paqueras, ficadas e namoros.

Palavras-Chave: Gênero, Sexualidade, Juventude, Favela

LISTA DE ILUSTRAÇÕES
(FIGURAS E MAPAS)

FIGURA 1 - Planta da cidade de Belo Horizonte 1895	41
FIGURA 2 - Indicação das áreas destinadas às zonas Urbana, Suburbana e Rural de Belo Horizonte feita a partir do projeto de triangulação da rede na planta da construção da cidade 1895	41
FIGURA 3 - Regiões Administrativas de Belo Horizonte por Unidade de Planejamento.	48
FIGURA 4 – Mapa: Universo de Atuação da URBEL	49
FIGURA 5 – Dimensão econômica do IVS, por UPs, 2000	50
FIGURA 6 – IQVU de BH, 2000	50
FIGURA 7 – Gráfico: Mediana da População de Favelas por Regiões Administrativas nos Municípios do Rio de Janeiro e Belo Horizonte.	51
FIGURA 8 – Belo Horizonte por UPs	58
FIGURA 9 – Vista aérea do Taquaril com indicação das regiões	63
FIGURA 10 – Equipamentos sociais do Taquaril	74
FIGURA 11 - Palco Zumbi dos Palmares.	80
FIGURA 12 - Jovens dançando Miami.	80
FIGURA 13 – Localização dos projetos e principais pontos de sociabilidade juvenil	83
FIGURA 14 – Localização das principais casas noturnas de Pagode e Funk citadas pelos jovens do Taquaril	89
FIGURA 15 - Localização dos principais bares e boates citados entre os jovens do Taquaril	93

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CEURB/UFMG - Centro de Estudos Urbanos da Universidade Federal de Minas Gerais

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

IDHS/PUCMINAS - Instituto de Desenvolvimento Humano Sustentável

IQVU – Índice de Qualidade de Vida Urbana

IVS – Índice de Vulnerabilidade Social

OMS – Organização Mundial de Saúde

ONG – Organização não governamental

PBH – Prefeitura de Belo Horizonte

PRODABEL - Processamento de Dados do Município de Belo Horizonte

PRODECON - Programa de Desenvolvimento de Comunidades

SEDES – Secretaria de Estado de Defesa Social de Minas Gerais

SEPLAN - Secretaria de Estado do Planejamento e Coordenação Geral

SIG – Sistema de Informação Georeferenciada

SMAAB - Secretaria Municipal Adjunta de Abastecimento

SMAAS - Secretaria Municipal Adjunta de Assistência Social

SMPS - Secretaria Municipal de Políticas Sociais

UP – Unidade de Planejamento Urbano

URBEL – Companhia Urbanizadora de Belo Horizonte

ZEIS – Plano Estratégico de Urbanização das Zonas de Especial Interesse Social

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO.....	17
A.1 DA FAMILIARIZAÇÃO COM O TEMA E APROXIMAÇÃO DO PROBLEMA	18
A.2 CHEGANDO MAIS PERTO.....	24
CAPÍTULO 1	37
DA GESTÃO TÉCNICA DA CIDADE À PRODUÇÃO POLÍTICA DE FAVELAS	37
1.1 A CONSTRUÇÃO DA CIDADE E A UTOPIA MODERNA	40
1.2 DO GEOPROCESSAMENTO A PRODUÇÃO GENERALIZADA DE FAVELAS	45
1.3 TAQUARIL: UM TERRITÓRIO DE VÁRIOS PEDAÇOS.....	60
CAPÍTULO 2	69
TERRITÓRIOS, TRAJETOS E SOCIABILIDADES JUVENIS.	69
2.1 A GRAMÁTICA DOS ESPAÇOS	72
2.2 EXPANDINDO FRONTEIRAS	76
2.2.1 <i>Ficar na rua, pode?</i>	77
2.2.2 <i>Das Oficinas de esporte, cultura e lazer</i>	81
2.2.3 <i>As festas</i>	85
2.2.4 <i>... noutros territórios</i>	88
2.3 ROMPENDO BARREIRAS	91
CAPÍTULO 3	97
TRAJETÓRIAS, AFETOS E DIFERENÇAS.....	97
1. ENTRE AS CONVENÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADE E OS LIMITES DO TERRITÓRIO.....	105
2. MATERNIDADE E CONJUGALIDADE NA RENOVAÇÃO E INVENÇÃO DOS SCRIPTS	113
3.2.1 <i>Ficar, namorar e desviar-se</i>	115
3.2.2 <i>Sexo, maternidade e união</i>	119
3.3. DA EXPANSÃO DO TERRITÓRIO À EXTENSÃO DOS PROJETOS PESSOAIS.....	122
3.3.1 <i>Entre as oficinas e outros territórios</i>	124
3.3.2 <i>Diálogos, projetos e mudanças</i>	126
CONSIDERAÇÕES FINAIS	131
REFERÊNCIAS.....	135
FONTES.....	143
ANEXOS.....	144
ANEXO 1 - IDENTIFICAÇÃO DOS ENTREVISTADOS.	144
ANEXO 2 - ROTEIRO (PRÉVIO) ENTREVISTAS JOVENS NO TAQUARIL.....	144

APRESENTAÇÃO

O desafio deste trabalho foi compreender sobre a maneira com que diferentes dimensões da vida social, em particular o gênero e a sexualidade articulam-se na constituição de distintas trajetórias afetivas e sexuais entre jovens residentes de uma favela em Belo Horizonte, o Taquaril, foi o desafio deste trabalho. O pressuposto assumido foi de que as marcas de gênero e o aprendizado sobre a sexualidade se intersectam de maneira significativa no estabelecimento das relações afetivas e sexuais pelos jovens e, também, que dessemelhanças em oportunidades e experiências de classe social, cor/raça, idade, orientação sexual, território, arranjo familiar e, sobretudo, de educação e informação possibilitam formas muito particulares de constituição dessas trajetórias.

Com o intuito de apreender não apenas os eventos que marcaram as experiências afetivas e sexuais desses jovens – à medida que os convidei a rememorar-las -, mas, também, o sentido empregado a cada uma delas na seleção que fazem do que contar e como contar, considerou-se como unidade analítica as “trajetórias” dos jovens entrevistados. Considero as reflexões de Gagnon (2006) sobre o que ela chama de roteiros sexuais, que implica “uma unidade suficientemente ampla para abarcar elementos simbólicos e não-verbais numa sequência de condutas organizadas e delimitada no tempo, por meio da qual as pessoas contemplan o comportamento futuro e verificam a qualidade do comportamento em andamento” (p.114). Dito de outra maneira, os roteiros constituem um conjunto de representações, desejos e projeções que os indivíduos elaboram e organizam a fim de alcançar um determinado objetivo sem, no entanto, terem sob controle todos os sentidos e direcionamentos dos mesmos. Poderíamos chamar de projetos, mas, neste caso, desconsideraríamos a dimensão inconsciente e de contingência com as quais os roteiros estão implicados necessariamente. Nesse sentido, as trajetórias contemplan os desejos, as escolhas bem como os subterfúgios e estratégias de recuo e improviso adotadas pelos sujeitos diante as circunstâncias às quais se vêem presentes e, também, considero na constituição destas trajetórias elementos implícitos em seus relatos, mas, que de forma não ordenada fazem menção ou me ajudam a entender eventos de outros momentos da narrativa.

A metodologia escolhida, a etnografia, permitiu não apenas apreender sobre suas subjetividades, manifestações de desejos e ansiedades frente ao desafio e prazer de suas relações afetivas e sexuais, mas, também, conhecer sobre os espaços frequentados por eles e suas redes de relações, nas quais se tornam propícias suas investidas, suas paqueras, suas ficadas, seus namoros.

A.1 Da familiarização com o tema e aproximação do problema

As motivações principais que tive ao empreender esta investigação foram basicamente duas. Uma delas refere-se à minha experiência pessoal que vem sendo reinterpretada a cada nova investida teórica, seja na assimilação das categorias e processos classificatórios de identidades de gênero e sexuais, seja no enfrentamento cotidiano do modo como tais dimensões se dispõem mediando minha experiência mundana. A outra motivação está circunscrita às inquietações teóricas diante desta temática que foram sendo suscitadas ao longo das pesquisas que venho participando nos últimos cinco anos. Meu primeiro estudo buscava decifrar as equações entre classe/gênero e orientação sexual que se apresentava característica a determinados lugares do circuito LGBT de Belo Horizonte da zona sul/centro e fora do hipercentro¹. O segundo objetivou explorar as relações entre o campo político e campo identitário, refletindo sobre as conexões possíveis entre voto e orientação sexual².

Outros dois estudos que realizei, foram, particularmente marcantes. Situados em investigações multicêntricas cujas reflexões focalizaram a importância do entendimento sobre as relações de gênero para a vivência da sexualidade. Em um deles, cujo escopo era a saúde sexual e reprodutiva de mulheres jovens de periferia, o foco era as desigualdades de gênero e práticas preventivas à gravidez e DST's³. No caso brasileiro, particularmente, obstinava-se em criar indicadores de autonomia de gênero. Foi através dele que se deu minha primeira aproximação não apenas com o Taquaril (lócus desta investigação), mas com pesquisas em favela de modo geral. Para participar como entrevistadora deste estudo, fui submetida a um treinamento intensivo⁴ de questões

¹ Refiro-me a uma pesquisa exploratória realizada em 2005, durante a graduação na PUCMINAS. Baseada no mapeamento do circuito LGBT de BH e observação em vários deles. No entanto, não pude dar continuidade, pois ao ser submetido ao comitê de ética da Pró-Reitoria de Pesquisa da PUCMINAS, a pesquisa foi vetada através de parecer que se referia a dois documentos papais, reconhecendo a relevância da investigação, mas como instituição católica considerava o tema da pesquisa uma afronta a moral católica.

² Este trabalho, realizado com gays e lésbicas de 20 a 30 anos, durante o curso de comportamento eleitoral, foi apresentado como pôster no Encontro da Associação Brasileira de Estudos de Homocultura - ABEH de 2006, em Belo Horizonte.

³ Como parte do Programa de Resposta Comunitária ao HIV/AIDS da *United Nations Research Institute for Social Development* – UNRIDS, o estudo chamado “Vulnerability and Susceptibility to HIV/AIDS among Poor Young Women Living in a Slum Area in Brazil” foi realizado em 2005 com uma amostra de 357 mulheres jovens residentes no Taquaril, cuja análise preliminar foi publicada na revista AIDS CARE.

⁴ O treinamento teve duração de oito horas e tinha como objetivo principal introduzir os aplicadores à temática de gênero e sexualidade, informando também os pressupostos da pesquisa e suas principais orientações teóricas. Para a abordagem

de gênero e estratégias metodológicas para abordagens em favela. Nessa ocasião, fui estimulada a pensar no quanto minha própria experiência sexual e também meu “estilo” (FACCHINI, 2008) poderiam interferir na aplicação dos questionários e, conseqüentemente, na qualidade da informação coletada, já que neles continham várias perguntas sobre práticas sexuais.

Dois anos depois, esse estudo foi replicado com um survey e grupos focais, não apenas em outras favelas, mas também em estratos médios de Belo Horizonte. O trabalho de campo de levantamento quantitativo ficou sob minha responsabilidade e ao assumir um papel mais amplo no processo da investigação, o tratamento dos dados foi realizado sob grande motivação pelas questões relacionadas a gênero no âmbito da sexualidade. Embora tivéssemos conseguido dissociar as desigualdades de gênero das de classe⁵, tarefa nada fácil, já assinalada em muitos estudos brasileiros sobre desigualdade, para mim, ainda era difícil pensar nos descolamentos entre a sexualidade e o gênero como vinham sendo feitos em outras perspectivas que consideram o gênero como elemento obliterador da sexualidade (DOWSETT, 2006). Como resultado dessa experiência, apostei em análises estatísticas multivariadas que pudessem apreender melhor as assimetrias de gênero, considerando não apenas as distinções de classe e escolaridade⁶, mas um conjunto de vinte e cinco variáveis, entre as quais estava: a caracterização sócio-demográfica; as diferentes dimensões de autonomia e também o comportamento sexual e reprodutivo.

Outra experiência marcante foi em um estudo, também multicêntrico, que tinha como meta analisar serviços de aconselhamento em sexualidade, a fim de estabelecer diálogos e trocas de metodologias entre Brasil, Kenya, Uganda e Índia, países que haviam sido considerados pela OMS, como tendo experiências bem sucedidas nos serviços de aconselhamento e combate ao HIV/AIDS⁷,

em favela especialmente, foi preciso detalhar sobre a seleção das entrevistadas via dados do Posto de Saúde local, assinalando o perfil, as dificuldades em realizar entrevistas com privacidade, especialmente quando eram adolescentes entre 15 e 18 anos cujo consentimento dos pais fora dispensado pelo comitê de ética.

⁵ Em análise comparativa com jovens da favela e da classe média de BH, foi possível criar indicadores para discutir desigualdades de gênero independentemente dos fatores econômicos e ideológicos tão enraizados nos estudos de pobreza e desigualdade social sobre as diferenças de classe. Para a classe média, por exemplo, costumava-se supor maior flexibilidade e sofisticação dado o alto grau de escolaridade e capital cultural, enquanto às classes baixas associava-se maior tradicionalismo, reforçando visões dicotômicas e reducionistas sobre o comportamento social.

⁶ Essas análises compuseram minha monografia de conclusão de curso, defendida no Departamento de Ciências Sociais da PUC MINAS, em junho 2007, e se desdobraram no artigo “Mulheres jovens em favela: Diferentes famílias, diferentes trajetórias afetivo-sexuais” apresentado no seminário temático 23 no encontro anual da ANPOCS, em outubro de 2007.

⁷ Esse estudo, chamado “Assessing the conditions and quality of counseling related to sexuality and sexual health in Uganda, Kenya, Brazil and India” foi realizado no período entre 2006 e 2007, na cidade de São Paulo, e se deu pela parceria entre a Organização Mundial de Saúde e o Royal Tropical Institute. Para mais ver CHACHAM, Alessandra S. & HILBER, Adriane M.(2009) *Promising practices of sexuality counselling: the experience in Brazil (Coletivo Feminista de Sexualidade e Saúde)*. Amsterdam: KIT

sem, no entanto, deter documentação adequada à comparação entre as mesmas. No caso brasileiro, esta análise foi realizada junto à ONG Coletivo Feminista de Saúde e Sexualidade em função de seus serviços serem considerados pela OMS como de excelência. A análise se constituiu, basicamente, por entrevistas com os profissionais de saúde e conselheiros em sexualidade, bem como com parceiros do Coletivo; observação de consultas e sessões de aconselhamento; análise de anamnese das usuárias por amostra; grupos focais entre mulheres usuárias desses serviços de diferentes faixas etárias, com idade desde 18 até 65 anos. Nos grupos focais, foram relatadas experiências muito distintas sobre o conhecimento do próprio corpo, suas representações de desejo e fantasias, dilemas e tabus quanto ao orgasmo feminino, desafios quanto à sexualidade de seus filhos, entre outras. Considerando que o referido serviço era oferecido por uma ONG feminista criada nos anos 70, que particularidades esse contexto nos permite pensar sobre as experiências do gênero e da sexualidade neste espaço e como isso pôde implicar num serviço de aconselhamento em sexualidade de excelência? Como as representações de gênero podem variar o modo como as pessoas aprendem e experimentam sua sexualidade?

Essas investigações aguçaram, ainda mais, minha curiosidade sobre os processos de aprendizado e vivência da sexualidade. E foi então que avalei com considerável interesse a possibilidade de debruçar-me sobre a discussão do modo como diferentes dimensões da vida, especialmente o gênero e a sexualidade, - para além do estabelecimento de indicadores de autonomia ou perfis de vulnerabilidade - mas, sobretudo, com o intuito de compreender o modo como mulheres e homens jovens, no contexto de favelas, subjetivam e renovam seus atributos de gênero, conjugando-os às suas vivências da sexualidade. Busco entender como certas dimensões da vida social - produtoras de diferenças e com frequência também de desigualdades, como classe, raça/cor, territórios e, especialmente, gênero - criam alternativas e um campo de possibilidades para a vivência da sexualidade, dependendo de como elas se combinam, configurando, portanto, determinadas trajetórias afetivas e sexuais.

Elaborar sobre o modo como certas dimensões da vida social se intersectam e, mais precisamente, tomá-las como categorias analíticas nos processos de diferenciação social têm mobilizado esforços significativos na Antropologia, bem como nas Ciências Sociais, na busca de um melhor entendimento sobre a produção de sujeitos na nova ordem global (BRAH, 2006; PISCITELLI, 2008). E, talvez, seja exatamente em torno da noção desse sujeito contemporâneo e, sobretudo, do modo como ele se constitui é que esteja pautada toda a emergente discussão em torno das interseccionalidades e/ou articulação.

Muito embora possamos encontrar trabalhos que já lidavam com as categorias de classe, raça/cor, gênero ou religião, por exemplo, de modo geral, essas apareciam como formas de ponderação para avaliar o impacto de uma sobre a outra em análises específicas. Tais análises recaem, predominantemente, sobre avaliações de desigualdades sociais, como, por exemplo, na inserção no mercado de trabalho, nos níveis de escolaridade, no acesso a determinados serviços, bens ou habitação entre outros. Ao trabalhar com cada uma delas fechada em si mesma, há um efeito quase inevitável de sobreposições de assimetrias na busca de elucidação das desigualdades e demandas por direitos. Porém, quando lidamos com os modos de constituição desses sujeitos de direitos podemos observar o obliteramento que se dá na sobreposição de assimetrias em debates no campo dos direitos. O discurso de Sojourner Truth⁸, a respeito das diferenças no tratamento e reconhecimento dos direitos da mulher quando branca ou negra parece-me exemplar nessa discussão. Ainda que proferido em contexto político específico, às vésperas de uma guerra civil que culminara na abolição da escravidão nos EUA, essa ex-escrava, conhecida como oradora abolicionista, realizou seu discurso durante a segunda convenção dos direitos da mulher, em 1851, no estado de Ohio. A figura negra poderia ter dessexualizado e degenerificado seu corpo, contudo, sua fala redirecionou os olhares de homens e mulheres, religiosos e não, deslocando a noção de mulher, concomitantemente a de negra e ex-escrava, que seu discurso corporificava.

Após mais de cem anos, já na década de 1980, nos ares da terceira onda do movimento feminista⁹, demandas por uma leitura pormenorizada sobre os sujeitos a partir de categorias de diferenciação se intensificaram. Na Antropologia, o que parece mudar com a perspectiva da interseccionalidade, é o próprio estatuto das categorias na composição de modelos analíticos, não havendo sobreposição e sim conjugação entre elas. A literatura que vem tentando lidar de modo articulado com essas categorias de diferenciação indica, justamente, o deslocamento do foco, menos em análises assertivas sobre o peso delas na conformação das desigualdades e mais na compreensão de como elas constituem os sujeitos sob um grau de imbricamento e de articulação. Em outras palavras, quando autoras como Brah (2006) aponta para a necessidade de olhar para essas categorias articuladoras como uma chave analítica, acaba por desvelar processos pouco discutidos até então pela literatura especializada. Como aqueles observados a partir da interseccionalidade tais como a

⁸ Este discurso, proferido na Women's Convention em Akron, Ohio, em 1851, foi intitulado anos depois de "Ain't I A Woman?" e pode ser acessado em <http://www.sojournertruth.org/Library/Speeches/AintIAWoman.htm>.

⁹ A chamada terceira onda do movimento feminista refere-se ao período de revisão crítica do próprio movimento no qual a diferença assumiu papel importante nas negociações internas ao próprio pensamento político que se constituía sob influência do pós-estruturalismo nos anos 1990.

racialização do sexo, a generificação da raça, a etnicização do corpo ou a sexualização da raça e do gênero, entre outros.

Ajuda-nos a compreender tal esforço, se consideramos o impacto sofrido pelas ciências humanas como um todo na segunda metade do século XX, com a mudança no entendimento sobre a noção de sujeito e o modo como ele se constitui. Saiu-se de um paradigma em que o sujeito era visto como unificado, ancorado por unidades binárias e passou-se a lidar com descentralidades e fragmentações a partir das quais o sujeito contemporâneo tem compostos seus processos de subjetivação polissemicamente. Muito embora Stuart Hall (2001) nos indique cinco diferentes perspectivas sobre esse descentramento do sujeito cartesiano no mundo moderno – primeiro a de tradição marxista, segundo a freudiana, terceiro a sousseriana, quarto a foucaultiana e por último o pensamento feminista –, escolho apenas uma, a foucaultiana, entendendo que nela encontro elementos mais profícuos para a análise a que me proponho.

Minha escolha se deve a dois pontos específicos que quero discutir a partir de Foucault. O primeiro, sobre os efeitos desse descentramento no entendimento do sujeito contemporâneo e o segundo diz respeito não apenas a relevância, mas, sobretudo, à centralidade que a sexualidade assumiu nos processos de subjetivação. Num dos seus primeiros escritos em 1961, tratando sobre a loucura, Foucault nos mostrou como o modelo de uma sociedade disciplinar e suas relações de sujeição produzem relacionalmente sujeitos nas tensões entre a classificação, a denominação e o enfrentamento e a obediência. Envoltos em um número de práticas entre os jogos de verdade e práticas de poder, os sujeitos se constituem diferentemente e contingencialmente. Para esse autor, o sujeito é uma “forma” que se compõe nas relações. Nas palavras dele, “você não tem consigo próprio o mesmo tipo de relações quando você se constitui como sujeito político que vai votar ou toma a palavra em uma assembléia, ou quando você busca realizar o seu desejo em uma relação sexual” (2004, p. 275). De um modo mais ativo, Foucault considera que o sujeito se constitui, também, a partir de esquemas que encontra em sua cultura, sociedade e grupo social, os quais são bem variáveis, impossibilitando, portanto, falar em sujeitos sob uma perspectiva *a priori*.

Na *História da sexualidade*, de 1976, Foucault assinala, detalhadamente, o modo como a busca obstinada pela verdade da sociedade burguesa ocidental, refletida na conformação de campos de conhecimento científico, em especial a medicina, pôs o sexo em discurso. Era a primeira vez que uma sociedade afirmava ter “seu futuro e fortuna ligados não somente ao número e à virtude de seus cidadãos, regras de casamento, organização familiar, mas à maneira como cada qual usava seu sexo” (1977, p.29). E foi fazendo com que os indivíduos falassem sobre seu sexo que se acreditou ser

possível obter a verdade sobre eles. O modelo confessional passou a ser instrumento privilegiado entre os jogos de verdade e as práticas de poder que conformaram uma espécie de projeto de ciência do sujeito. Era, pois, na sujeição que homens se constituíam como sujeitos. Numa rede sutil de discursos, saberes, prazeres e poderes, o sexo fora colocado num processo que o disseminava na superfície das coisas e dos corpos que o excitam, manifestam-no, fazem-no falar, implanta no real e lhe ordenavam dizer a verdade (1977, p.71). A incitação discursiva do sexo, no Século XVIII, podia ser política, econômica, técnica analítica, contábil, classificatória e variava dependendo do campo ao qual ela estivesse se ocupando. E se o modo de produzir conhecimento, bem como constituí-lo, fora feito em campos tão distintos, é condizente a atual necessidade de pensar os sujeitos sob diferentes dimensões. Dimensões estas que na tessitura das dinâmicas sociais criam, classificam, hierarquizam e subvertem as posições possíveis às quais os sujeitos podem ocupar culturalmente na sociedade e grupos de que fazem parte.

Intersectar gênero, sexualidade, classe, cor/etnia, idade, escolaridade e outras várias dimensões que façam parte das vidas dos sujeitos de nossas pesquisas, tem refletido, portanto, um esforço ousado em conjugar um amplo espectro de chaves interpretativas sobre a constituição desses sujeitos e o campo de possibilidades que lhe são oferecidas, bem como por eles construídas entre seus desejos e desafios.

Verena Soltke (1991) parece ter sido uma das primeiras autoras a propor mais claramente uma perspectiva articulada entre as três principais formas de diferenciação e produção de desigualdades sociais na chamada sociedade industrial burguesa, apontado como objetivo de sua reflexão desenvolver o que ela chamou de “uma teoria da desigualdade”, na sociedade de classes, que pudesse dar conta da relação entre dois fenômenos: gênero e raça. Sua conexão entre raça e gênero na sociedade de classes se deu especialmente combinada ao modo como a sexualidade era entendida, praticada e revelada. A preocupação da “classe” burguesa com a pureza da “raça” que manteria sua posição nas hierarquias daquela sociedade dependia sobremaneira do cerceamento do “sexo” de determinadas “mulheres”, cuja reprodução era privilegiada.

A discussão privilegiada que o foco na experiência traz também é assumida por Avtar Brah (2006) ainda em que em contexto distinto. Atenta às sutilezas dos processos de racialização, ela destaca a importância da análise das subjetividades para compreender a dinâmica de poder da diferenciação social. Preocupada em articular discursos e práticas inscritos nas relações sociais, posições de sujeito e subjetividades, ela propõe que pensemos a diferença como quatro categorias analíticas distintas - como experiência; como relação social; como subjetividade e como identidade -

e nos mostra como a própria ideia de diferença é contextual e contingente, o que para ela indica ausência da obrigatoriedade de hierarquia e opressão quando se trata de diferença.

No entanto, se considerarmos que as hierarquizações também são fruto dos mesmos jogos de verdade e práticas de poder, através dos quais as subjetivações são constituídas em cada um desses contextos e localidades em que as diferenças se formulam, também serão dadas a elas distintos graus de valor. Muito embora o deslocamento de contexto nos possibilite o descolamento de certas noções e valores empregados localmente nessas diferenças. Em outras palavras, entendo que não seja plausível inculcar hierarquias à noção de diferença em si, mas ainda permanecem obscuras as razões pelas quais, e a maneira pela qual sistematicamente sejam atribuídas às diferenças formas de hierarquizações, ainda que consideremos as hierarquias no plano das possibilidades ou apenas preferências.

Diante do exposto acima, entendo que tomar como unidade analítica as trajetórias afetivas e sexuais é, também, considerar as experiências, bem como as possibilidades e subterfúgios para realizações dos desejos. Também considero, na constituição dessas trajetórias, elementos implícitos em seus relatos que de forma não ordenada fazem menção ou me ajudam a entender eventos de outros momentos da narrativa.

De modo geral me orientei pelos seguintes questionamentos: Como essas trajetórias se constituem e variam entre si? Como as dimensões de raça/cor, classe, território e gênero se compõem em equações que privilegiam alguns caminhos e obliteram outros? Quais alternativas e subterfúgios parecem possíveis e se apresentam como escolhas, ainda que subótimas para a orientação de seus desejos e planos?

A.2 Chegando mais perto...

O trabalho antropológico demanda de nós algumas habilidades e também sensibilidades com as quais travamos nossas reflexões resultantes não apenas do confronto entre a teoria acumulada e a realidade vivenciada (que traz novos desafios para ser entendida e interpretada), mas também entre o pesquisador e os sujeitos de sua observação (PEIRANO, 1995). Sob o “olhar, ouvir e escrever”¹⁰,

¹⁰ Expressão cunhada por Roberto Cardoso de Oliveira com intuito de descrever o trabalho do antropólogo. Para mais

aprendemos com nossos interlocutores sobre suas vidas, mas também sobre nós mesmos. Neste tópico, detalharei um pouco mais sobre minha inserção, no campo bem como o modo como as relações com os membros de uma família em especial foram constituídas nesta investigação e constitutiva desta pesquisadora.

As escolhas gráficas na construção desse texto são as seguintes: transcrevo em *itálico* todas as expressões e termos que tomo emprestado dos entrevistados ao descrever um lugar ou situação e, reservo as aspas para os meus próprios destaques. Como garantia de confidencialidade todos os nomes dos entrevistados são fictícios e aqueles por eles citados estão apenas com a inicial hachurada.

Já havia estado no Taquaril e em outras favelas de Belo Horizonte. Porém, dessa vez, arranjei uma “entrada” diferente no campo e ela inspirava certa ansiedade, que não era apenas metodológica. Preocupava-me, especialmente, a variação dos caminhos que o trabalho poderia ter, dependendo do modo como eu fosse vista por lá. Deslocada do lugar de mera “entrevistadora”, como nos estudos anteriores de tipo *surveys*, não estava mais apoiada em minha prancheta com o endereço das casas em que deveria precisamente selecionar colaboradores, nem mesmo tinha meu corpo amparado pelo crachá com o qual eu justificava minha presença ali. Agora estaria exposta e a leitura que aquelas pessoas pudessem fazer de mim era fundamental não apenas para a realização da pesquisa, mas também para o que através daquelas relações eu me tornaria.

Se antes eu tinha estado “no” Taquaril agora estaria “com” as pessoas do Taquaril. Mas qual seria a diferença entre ir e estar, entre visitar e morar no Taquaril, para uma jovem de vinte e seis anos, parda, de origem na classe média baixa com educação superior, homossexual e transgênero? Mantendo-me na categoria de visitante e pesquisadora, a princípio, nenhuma diferença faria das outras idas àquele, como em outros lugares de configuração correlata, não fosse o sutil detalhe de não mais me sentir de passagem e, sobretudo, de querer me sentir acolhida.

O período de residência no Taquaril para realização do trabalho de campo se deu por nove semanas, entre os meses de dezembro de 2008 e fevereiro de 2009. Os primeiros contatos foram estabelecidos cerca de dois meses antes de me mudar e até hoje os mantenho com alguns deles, por telefone, mensagens de e-mail e sms ou mesmo pelo Orkut¹¹. Parte desse tempo, fiquei hospedada na casa de uma família, no Granja de Freitas¹², um conjunto habitacional vizinho, e outra parte no

ver CARDOSO DE OLIVEIRA, 1998.

¹¹ SMS são mensagens de texto via celular e o ORKUT uma rede de relacionamentos na Internet.

¹² O Granja, vizinho ao Taquaril, foi criado pelo programa de habitação da prefeitura de Belo Horizonte para reassentar

próprio Taquaril.

A primeira pessoa do Taquaril a quem fui apresentada, através de uma amiga também pesquisadora, foi Toninho, um jovem de forte mobilização política no bairro que me ajudou nos primeiros contatos e estadia no Taquaril. Dona Nélia, mãe de Toninho, morava há mais de 20 anos no Taquaril e há apenas dois, após separação de seu último marido, mudou-se para um dos apartamentos do Granja. Lembro-me do primeiro dia como se fosse hoje, descemos de moto até o conjunto e como a praça do Taquaril, nosso ponto de encontro, localiza-se em ponto de maior latitude do bairro, a descida dá uma ampla vista do Granja, de parte do Taquaril e, especialmente, do Alto Vera Cruz – “Alto”, um bairro vizinho também incluso no grupo de vilas com alta “vulnerabilidade social” pela prefeitura de BH. Durante a descida, avistei o grande número de famílias que ainda vivia nas encostas do morro que beira o afluente do rio Santa Tereza, muito embora boa parte estava sendo removida para a canalização do rio. A vista ampliada da região me fez dar conta de que aquele cenário era muito maior e mais complexo do que eu imaginava.

Dona Nélia, mulher de alta estatura, cabelos longos e cacheados, com idade em torno de quarenta e cinco anos - que mesmo diante de certa irritação com seus outros dois filhos discutindo sobre a desorganização da casa – recebeu-me muito bem humorada. Fui apresentada aos dois filhos caçulas que na companhia de dois outros amigos me cumprimentaram levemente constrangidos. Dona Nélia mostrou a casa, o quarto onde me hospedaria e alertou sobre seu jeito explosivo e franco pedindo enfim para que eu me sentisse à vontade em sua casa. Dizia querer estar mais bem *preparada* para me receber, mas que eu não ligasse. Tentei tranquilizá-la, dizendo que a bagunça não me importava, mas confesso que foi difícil com o passar dos dias não me importar. No dia seguinte voltei já para ficar.

Além de Toninho, Dona Nélia teve outros cinco filhos, dos quais apenas dois moram com ela e seu atual companheiro: os caçulas Hugo e Otto, com 16 e 15 anos respectivamente. Há mais três garotas: Joana (22 anos), que morava com o marido e dois filhos num outro conjunto habitacional, Queila (20 anos), que mora com a companheira e sua filha de três anos na região metropolitana de BH, e Patrícia (18 anos), que mora com o pai, o companheiro e a filha de um ano.

As diferentes relações que estabeleci com os membros dessa família e o modo como elas também foram me constituindo como moradora-pesquisadora no Taquaril, podem ser melhor evidenciadas a partir das distintas maneiras com que fui interpretada, confrontada e incorporada,

famílias removidas de áreas de risco do próprio Taquaril em sua urbanização bem como de outras áreas e/ou moradores

seja pelas inscrições de classe, escolaridade, território, gênero ou orientação sexual. Começo pela dimensão da classe social à qual incluo renda, posição social e como nos ensinou Alba Zaluar (1999), pesquisando na Cidade de Deus, também marca a “educação” que tivemos. Embora apreciasse as reflexões de Favret- Saada (1977) sobre a importância de nos deixarmos ser “afetados” pela experiência de nossos sujeitos de pesquisa e, com isso, redistribuir o peso da linguagem na interação, a angústia pelo temor de me deixar levar pela soberba do conhecimento disciplinar era profunda.

Sentir-me em casa, implicaria uma série de partilhas e solidariedades com eles. Não imaginei que morar na favela seria difícil. Os temores da violência relacionada ao tráfico, constantemente presentes nas manchetes de jornais, por mim estiveram suspensos durante certo tempo. Aqueles que moram e circulam por favelas aprendem que o risco é nominal. Ou seja, dentro da favela está em *perigo* aqueles que, de alguma maneira, se envolvem com o tráfico e/ou seus membros, pois os garotos do *movimento* identificam rapidamente entre os de fora quem somos e o que lá estamos fazendo. Fazer as primeiras andanças na companhia de Toninho, nesse sentido, colocou-me em posição confortável de circulação, o que não me blindou dos olhares atentos, é claro.

O que mais me surpreendeu, entretanto, foi o imenso incômodo que alguns dos hábitos daquela família me provocavam, especialmente no que diz respeito à higiene e à organização da casa. Embora o apartamento fosse pequeno, mantê-lo limpo e organizado era difícil, tinha gente entrando e saindo a todo tempo, ora amigos dos meninos, ora vizinhos. Como forma de me sentir útil e também mais confortável, comecei a assumir algumas responsabilidades quanto à limpeza e organização da casa.

Lidar com a escassez não era novidade e, de certa forma, servira de lição para valorizar a fartura em outros tempos. Porém, não hesitei de, em certos momentos, sutilmente, ir à padaria ou supermercado e trazer algumas “coisinhas” para casa. Dona Nélia ficava desconfortável com essa minha conduta, nunca me deixou pagar aluguel pelo quarto em que dormia, pois *em casa de pobre onde comem quatro comem cinco*, além do mais eu era *amiga do Toninho*, assim ela completava. Fora isso, deixar faltar as coisas também era para ela uma estratégia de fazer com que o atual companheiro se mostrasse “homem” na casa. Como ela me disse várias vezes, *homem pra transar podia achar em qualquer esquina, mas homem pra ter em casa tem que “cuidar” da família*. E cuidar da família não apenas para ela, mas para muitas outras jovens com quem conversei no

de rua vindos do projeto de aquisição e adaptação a residência própria da prefeitura. Para mais ver PBH - Habitação.

Taquaril, significava ser o principal responsável pelas contas da casa, aluguel, supermercado, água, luz, material escolar, bem como da segurança dos membros. Por outro lado, quando ela precisava de dinheiro para dar aos filhos ou comprar frutas e verduras para a filha e neta que moravam com o ex-marido, não hesitava em me pedir. Pedia-me emprestado e depois eu agia como se tivesse me esquecido e desconversava, afinal estava morando com eles sem pagar nada por isso. Pude perceber, porém, que com o ex-marido era também um modo de se impor, ao contrário do companheiro. Sempre que podia, ela levava umas *coisinhas* para casa da filha e ex-marido demonstrando a *preocupação* que ela tinha e ele deveria ter com a filha e neta.

Após o primeiro mês decidi ir morar na região mais central do bairro e me mudei para a casa de Patrícia, filha da Dona Nélia. Com ela as trocas eram bem mais tranquilas. A relação anfitriã-visita foi diluída e estabelecemos algo como uma troca de favores por empatia. Ela não estava trabalhando e passava boa parte do dia por conta da filha, enquanto isso eu não apenas ajudava na organização da casa, mas me sentia à vontade para comprar frutas, verduras e carnes, bem como preparar nossa refeição. Se por um lado a configuração de chefia da casa era distinta da mãe, já que ela dividia as responsabilidades com o pai, por outro, havia também maior facilidade em lidar com minha ajuda, posto que nossa idade nos aproximava em vários aspectos da vida e ela não se sentia obrigada a me “recepcionar”. Deixei de ser, então, uma visita e passei a ser vista como amiga da família, o que me deixava muito mais à vontade com todos eles e pude ter conversas e fazer favores que estavam respaldados na confiança e no carinho, para além da concessão deles à uma amiga do Toninho.

Com os garotos, eu mantinha assuntos diversos: música, moda, gírias, paqueras, projetos de vida e outros tantos. Hugo, por exemplo, ensinou-me sobre a musicalidade da favela, quais eram os estilos e artistas predominantes nas festas em cada tipo e lugar. Eu não teria, portanto, melhor companhia para ir às festas no Taquaril. Além de seus ensinamentos, eu contava com sua demasiada animação, para ele era conveniente ir comigo, pois assim sua mãe permitiria, fazendo ressalvas apenas em relação ao consumo de bebidas alcoólicas. Já Otto gostava de me falar não apenas sobre o que ele gostava de ouvir, mas também de “criar”. Tivemos uma oportunidade marcante a esse respeito quando retornávamos do cinema. Ele nunca tinha ido ao cinema; então, decidi levá-lo. E foi particularmente curioso perceber ele se aproximando aos poucos para me contar sobre seus desejos e sonhos de gravar suas composições.

Pela manhã peguei o jornal¹³ que sua mãe sempre trazia, quando voltava do trabalho, e circulei uns três ou quatro filmes dentre os quais achei que ele poderia gostar, que estavam em cartaz em um shopping do centro. Pedi a ele que lesse as sinopses dos filmes e escolhesse o que tivesse mais interesse em assistir, envergonhado, disse que qualquer um servia, mas insisti. No fim da tarde seguimos para o shopping. No percurso de ida, não trocou uma única palavra comigo. Chegamos ao Shopping Cidade, compramos os ingressos, pipoca e refrigerante e entramos no cinema. O filme não era nenhuma superprodução cinematográfica, era uma comédia, divertida e leve. Contudo, foi comovente perceber seus olhinhos brilhando diante daquela tela enorme! Após o filme, lanchamos numa rede de “fast-food” e no caminho de volta, mais à vontade e, de certa forma, agradecido me poupou do silêncio e me contou várias coisas sobre o hip hop e os rappers. De quais ele gostava mais, de quais não gostava. Perguntou-me sobre o Rio de Janeiro, o que eu achava de sua vontade em ir até lá “investir” na carreira de rapper e assim foi aos poucos identificando afinidades e enfraquecendo nossas distâncias. (Diário de campo, 4 de fevereiro de 2009)

Seu desejo de tornar-ser rapper, fazia-o se aproximar de mim na busca de admiradores, mas também procurava conselhos. Eu era mais velha e “supostamente” conhecia um pouco mais sobre o circuito musical para fora do Taquaril. Na verdade, eu conhecia pouco, apenas ações municipais específicas para a promoção da “cultura de periferia” e, particularmente, o que tinha sido levantado e repercutido do Guia Cultural de Vilas e Favelas de Belo Horizonte, feito por Clarisse Libânio (2004). Mas foi ele, na verdade, quem me ensinou sobre a indústria cultural do hip hop no Brasil. Admirado e curioso pelas novidades e projetos desenvolvidos pelos morros do Rio de Janeiro, *berço do movimento no Brasil*, ele já tinha até alguns contatos para realizar o desejo de participar em um festival de MCs naquela cidade.

A minha escolaridade relativamente elevada e em área de conhecimento pouco popular inspirava entre alguns curiosidade e admiração, enquanto para outros inspirava indiferença. Com Dona Nélia havia certa tensão, pois ela não chegava a desprezar o conhecimento que eu “supostamente” possuía - prática cada vez mais comum de moradores de favelas que, fartos da reprodução de sua imagem sob a ótica da falta, reivindicam legitimidade ao que eles próprios pensam de si - mas ela se mostrava desinteressada. Por outro lado, contava-me muitas histórias sobre seu trabalho, de como era generosa para ensinar aos novatos, e dura para cobrar-lhes perfeição e sobre seus malabarismos na militância por melhorias na comunidade. Assim foi quando, após encontrarmos uma funcionária da creche na rua, ela me contou sobre suas estratégias, liderando um grupo de mulheres para garantir que a nova direção eleita fosse a que elas julgavam a mais

¹³ Em Belo Horizonte há dois jornais populares, o *Super Notícia* e o *Aqui*, com custo de R\$ 0,50, produzidos pelos dois principais jornais da cidade o *Estado de Minas* e o *Tempo*, nos quais há as principais notícias do dia em linguagem mais coloquial e recursos linguísticos, bem como de imagens mais atrativos para leitores menos assíduos. Esses jornais são reconhecidos também por seu forte caráter sensacionalista e violento nos moldes do extinto *Notícias Populares da Folha de São Paulo*.

“adequada” para o cargo, mesmo ela não trabalhando lá diretamente.

No Taquaril, há muitas trajetórias de mobilizações políticas e envolvimento com movimentos sociais, associações de bairro e mesmo partidos políticos. Confesso que não sei dizer se o fato da prefeitura de Belo Horizonte ter sido liderada pela esquerda¹⁴, nas duas últimas décadas ininterruptamente, implica algum reflexo nessas relações. Mas, certamente, podemos supor que há reflexos no impacto de políticas continuadas de assistência social. E, como eu disse anteriormente, a própria ocupação do lugar está profundamente marcada por mobilizações articuladas entre a comunidade e o poder público.

Dona Nélia adorava me contar como ela conseguiu sozinha construir sua primeira casa, substituindo o barraco de lona e madeira por um teto de alvenaria, apesar do ex-marido ser pedreiro. Esses eram aprendizados que eu certamente não obtinha e, ainda que a intenção não fosse me ensinar, ela comprazia-se em que eu soubesse respeitá-la. Talvez por isso, tantas vezes, ela recusava e desconversava quando eu ameaçava falar de mim, minha pesquisa ou minha vida pessoal. De alguma maneira, se eu estava lá, pesquisando na favela, eu só poderia querer saber da favela, certo?! Dona Nélia foi uma ótima professora sobre o Taquaril e as dificuldades de uma vida na favela.

Com Patrícia e Joana, a dinâmica era diferente. Não havia a mesma distância etária como com a mãe delas. Além disso, Dona Nélia passava o dia fora, trabalhando, e só me restava a companhia dos dois garotos ao longo do dia. As meninas pareciam sentir certa obrigação em me “acolher”, mas ao mesmo tempo o faziam com prazer e curiosidade. Eram mulheres, jovens e moravam no Taquaril.

A Joana morava apenas temporariamente, porque estava desempregada e era período das férias de seus filhos na creche. Ela e Patrícia me contavam de suas vidas e me faziam verdadeiros interrogatórios sobre minha vida. Patrícia queria saber de tudo! Sobre meu trabalho, o que eu estudava, como era o curso de mestrado, como tinha sido minha graduação. Mas falava também de seus anseios de voltar a estudar, trabalhar e quem sabe fazer uma faculdade, *melhorar de vida né!* Às vezes, ela me testava fazendo-me “comprovar” nossas semelhanças. Lembro-me a primeira vez que almocei em sua casa e, para meu azar, havia no cardápio um dos poucos ingredientes da culinária mineira que sempre detestei: moela de frango. Mas não tive coragem de rejeitar até porque junto com a “moela de frango” só havia arroz e feijão, e seria muita desfeita recusar justo a moela,

¹⁴ Refiro-me à lideranças de esquerda no intuito de não desconsiderar as coalizões, mas houve predominância de representantes do Partido dos Trabalhadores (PT). Sendo eles: Patrus Ananias, 1993-1997; Célio de Castro, 1997-2002; Fernando Pimentel, 2002-2009.

sendo a “carne” um item privilegiado não apenas naquela casa, mas ela assim o é na dieta das famílias brasileiras de modo geral. Eu me servi com pouca comida e assim que ela viu meu prato exclamou: *não gosta de comida de pobre não é?! Pode comer mais ou você tá de regime*, ironizando certamente. Eu disse que tinha me servido pouco sim, mas que repetiria. E assim o fiz, torcendo para conter as náuseas que o cheiro da moela me causava.

Joana se centrava na minha vida familiar, pois para ela os assuntos de pesquisa eram desinteressantes. Saímos algumas vezes, mas ela sempre se recusava a falar comigo mais explicitamente sobre meus assuntos de pesquisa ou sobre suas paqueras e suas baladas, e respondia sempre dizendo *ih não vem me pesquisar não hein!* Adorava me convidar pra sair, dançar. Frequentávamos a academia de musculação juntas, mas nada de entrevistas, ainda que informais. Sinto que, de alguma maneira, eu a fazia refletir sobre seus próprios caminhos e isso a incomodava. Por outro lado, várias vezes, ela me inquiria no sentido de testar nossas distâncias. Perguntava sobre a casa de minha mãe, como eram meus irmãos e enfaticamente dizia: *you não vai esquecer da gente quando for embora não, né?!* Eu era apenas um pouco mais velha e, embora fosse de uma região também periférica da cidade, o que causou certa solidariedade, eu tinha, entretanto, “estudo” e isso nos distanciava. Ela não terminou o ensino médio e se casou cedo em função da primeira gravidez. Naquele momento da pesquisa, tinha dois filhos e se encontrava em processo de separação do marido, além de estar desempregada. Fiz companhia a ela numa entrevista de emprego e no caminho, conversando, convenci a ela de que teria melhores chances de emprego se voltasse a estudar e concluísse o ensino médio, pelo menos.

Um estudo feito em favelas da zona sul de Belo Horizonte observou que ter segundo grau, infelizmente, não garante melhor inserção no mercado de trabalho, pois elas continuam ocupando trabalhos de baixa qualificação profissional como manicure, balconista ou empregada doméstica (CHACHAM et al., 2008). Mas Joana tinha um diferencial, havia feito curso profissionalizante em acabamentos internos que poderia aumentar suas possibilidades de trabalho. Embora ela tenha decidido voltar a estudar (até lhe comprei os cadernos de presente como incentivo), na última vez que liguei para eles soube que ela não continuou os estudos, pois estava grávida novamente e morando com o novo companheiro.

Embora alguns deles tenham ficado à vontade para me perguntar de meu trabalho ou minha família, foi especialmente curioso o fato de nenhum deles, em momento algum, perguntar sobre minha vida afetiva. Digo curioso, porque a todos eu disse claramente que minha pesquisa estava relacionada ao tema de relações afetivas e sexuais. Em alguns momentos, os garotos conversaram

comigo sobre namoro, pediram conselhos, contaram casos de paqueras que tiveram com algumas garotas, contudo em nenhum momento me perguntaram sobre mim, o que seria absolutamente razoável num contexto de confidências trocar esse tipo de informação, perguntar sobre experiências. Houve, no entanto, duas situações que me levaram refletir a respeito desse silêncio, pois, até certo momento, eu poderia supor que esse aspecto havia sido obliterado pelos outros tantos envolvidos em nossas relações. O que não significa dizer que não tenha sido motivação para algumas investidas curiosas e outras resistências em relação a mim, mas, ainda assim, de forma muito sutil.

A primeira delas foi o fato de Patrícia ter dito algumas vezes que eu precisava conhecer a sua irmã Queila. Segundo Patrícia, sua irmã era uma pessoa muito *bacana* e interessante para eu entrevistar, já que ela tinha apenas 20 anos e já era mãe, além de morar com sua companheira há 2 anos. Eu nunca soube ao certo o que de mim havia sido dito à Queila, mas no dia em que nos conhecemos e fui apresentada já como amiga e não mais como “*a menina de São Paulo que está fazendo pesquisa aqui*”, eu e Joana estávamos combinando de sair no sábado à noite e ela foi convidada a dar sugestões. Sem rodeios nem constrangimentos, os dois lugares que ela sugeriu eram casas noturnas voltadas para o público LGBT. Mas o curioso não foi a sugestão, mas sim a ausência de “*estranhamento*” de suas irmãs que sabiam da característica do lugar. Como eu não havia mencionado explicitamente sobre minha orientação sexual para elas, confesso que fiquei esperando reações, mas elas não tiveram reação alguma, e foi só a partir daí que comecei a tentar perceber se havia alguma insinuação, constrangimento, reservas ou qualquer sinal de reação à minha homossexualidade.

A segunda situação foi bem mais explícita e, particularmente, desestabilizadora. Eu havia me mudado para a casa da Patrícia nas duas últimas semanas do trabalho de campo. Embora já passasse muito tempo por lá com o período mais intenso de visitas às oficinas do Fica Vivo!¹⁵ e realização das entrevistas, precisei ficar para dormir também. Bem, a casa só tinha dois quartos, um para a

¹⁵ O Programa Controle de Homicídios Fica Vivo! tem como público-alvo jovens de 12 a 24 anos em situação de risco social e residentes nas áreas com maior índice de criminalidade do Estado. As atividades do Fica Vivo! são baseadas em dois eixos de atuação: intervenção estratégica e proteção social. O grupo de intervenção estratégica reúne os órgãos de defesa social (Polícias Civil, Militar e Federal) e ainda o Poder Judiciário, o Ministério Público, a Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) e as prefeituras municipais. Esse eixo tem como responsabilidade o planejamento e a coordenação de uma repressão qualificada e eficiente. A proteção social é baseada na formação de redes comunitárias que garantam soluções locais para a prevenção à criminalidade a partir da participação dos jovens. Essa ação é desenvolvida nas comunidades pelos núcleos de referência, que são espaços localizados nas comunidades para o atendimento aos jovens, a constituição de uma rede local de parceiros, a promoção de ações comunitárias e o desenvolvimento das oficinas. Através de oficinas de esporte, cultura, inclusão produtiva e comunicação, as ações têm como objetivo intervir na realidade social antes que o crime aconteça, diminuindo os índices de homicídios e melhorando a qualidade de vida da população.

Patrícia, o companheiro e a filhinha, e o outro, com duas camas de solteiro para seu pai. Então eu passei a dividir o quarto com ele. Numa das noites, o pai dela chegou, alegre e divertido como sempre e veio nos contar, enquanto preparávamos o jantar, o ataque de ciúme que a namorada dele deu ao saber que estávamos dividindo o quarto. E como resposta, ele disse para ela não se preocupar. E não porque ele não me achasse bonita ou interessante, mas porque *da fruta que ele come eu comeria até o caroço*. Todo mundo caiu na gargalhada e sem nenhum olhar atravessado ou expectativas de reações. Pela primeira vez eu via alguma manifestação quanto à minha homossexualidade. Por um lado, ficou irritado de ser cobrado pela namorada a dar satisfações; mas, por outro, ele achou divertidíssimo dizer que, na verdade, eu não representava risco algum.

Foi muito interessante perceber que, na verdade, o receio de gerar desconfortos era meu. E provavelmente por eu, até então, não falar abertamente se tinha namorada ou não, se frequentava bares gays ou não, ou qualquer outra coisa que possibilitasse um diálogo aberto a esse respeito é que nenhum deles tinha se sentido à vontade para falar, perguntar ou mesmo fazer piadinhas, como fez o senhor Abreu. Eu, sinceramente, não acho que teria sido resistente em falar sobre a minha homossexualidade ou homossexualidades, em geral, mas me recusa fortemente em constrangê-los ao verbalizar sobre algo que “supostamente” incomodava. Lembro-me bem de logo na primeira conversa informal que tive com os técnicos e oficinairos do FicaVivo!, após uma reunião, em que falávamos sobre bares da região e lugares de lazer noturno eu não tive receio algum ou mesmo cuidado em omitir sobre minha homossexualidade. Durante alguns poucos segundos percebi certa surpresa, mas depois a conversa seguiu solta e amistosa como havia começado. De alguma maneira, eu via os técnicos desse projeto mais como pares do que os membros da família que me acolhera e isso me deixava, relativamente, mais relaxada para me expor diante deles. Mas minhas suposições sobre os possíveis incômodos foram sendo desfeitas ou reiteradas aos poucos. E os resultados delas variavam de acordo com o jogo de interações que eu mantinha particularmente com cada um daquela família.

O fato é que eles me entendiam e me respeitavam muito mais do que eu podia imaginar e o grau de afeto e empatias geradas por nossa convivência ia muito além de uma simples troca de favores convenientes. Eles não precisavam de mim; no entanto, eu, ao contrário, não teria tornado possível a convivência e tamanho aprendizado não fosse a solidariedade dessas pessoas, que me acolheram em suas casas, dividiram comigo desejos e sonhos, dilemas e alegrias, memórias e rotinas com as quais fui estimulada a pensar sobre a natureza do trabalho antropológico, seus limites e desafios, e mais especialmente me fizeram refletir sobre as minhas próprias escolhas de como

“estar” no mundo.

Muitos dos relatos e configurações que minha relação assumiu com essas pessoas podem ser intrigantes se comparadas à experiência de outros colegas antropólogos. Por isso, adianto meu palpite de que o fato de me inserir na favela através da acolhida por uma família mudou, consideravelmente, minha relação com as pessoas *versus* os sujeitos da pesquisa. Eu não estava na casa deles para pesquisá-los, mas precisava de seu apoio para realizar meu trabalho. Nossas trocas se deram, como para muitos pesquisadores, no plano dos afetos: foi preciso estabelecer alguma confiança, mas foram fundamentais as empatias. De mim não esperavam mais do que atenção, reconhecimento de seus dramas e solidariedade. Nunca me pediram favores que de alguma maneira pudesse significar aproveitamento de nossas diferenças.

Alba Zaluar (1999) conta das caronas e inúmeras fotografias que teve de fazer na Cidade de Deus, as doações para o bloco de carnaval, rodadas de cervejas. Embora eu estivesse equipada com lap top, máquina fotográfica, gravador de voz e pudesse dispor de algum dinheiro, para as pessoas com quem morei nada disso interessava. Suponho que o fato de estar instalada lá e integralmente disponível fazia com que para os sujeitos de minha pesquisa – com quem eu me encontrava pelas ruas, na praça ou em algum evento ou oficinas – não houvesse necessidade de demandar favores. Por outro lado, o tema da pesquisa não parecia me dotar de conhecimentos ou acessos privilegiados sobre os quais eles quisessem me ter com mediadora. Exceto pelo núcleo do Fica Vivo!, cujo contato estreito fiz questão de rapidamente me desvencilhar. A forte atuação de projetos sociais, sobretudo entre os jovens, dava-lhes certo sentimento de posse sobre os garotos e as garotas. Isso implicava positivamente numa maior vigilância da vida dos jovens, mas infelizmente numa maior regulação também. E, por essa razão, eu sutilmente mantive contato com membros dos projetos o suficiente para ser apresentada aos jovens e rapidamente estabelecia contatos fora dos ambientes das atividades dos projetos.

O que sinto mais fortemente, agora que olho com certo distanciamento das relações estabelecidas no Taquaril, é que havia uma demanda pela minha atenção e o desejo de fazer daqueles encontros mais do que uma simples concessão de informações e histórias. Para aqueles com quem mantive contato mais estreito ao longo do período em que morei no Taquaril, o desejo de manter um contato posterior, independente do tempo de realização da pesquisa, era notável. Com a família de Dona Nélia troco notícias constantemente, com a oficina do FicaVivo!, com meus entrevistados mantenho visitas, continuo ouvindo-os falar sobre suas vidas, suas paqueras, o trabalho, os sonhos e sobre o que mais eles quiserem contar.

A despeito de minha chegada ter sido marcada por muita ansiedade em relação a minha “aceitação” seja por minha estética, pela escolaridade e distanciamento de suas linguagens, também me preocupava a possibilidade de nossas diferenças de classe e modos de vida se tornarem barreiras. Enquanto minha postura de pesquisadora de fora imperava, o que refletia era a demasiada insegurança. Mas o que foi se revelando na medida em que me familiarizava com aquelas pessoas, com suas narrativas e práticas era de que não havia muito o que temer. Era preciso, apenas, que me deixasse levar por suas memórias. Nossas diferenças revelaram-se através de mim em nossos diálogos e provocações. Quero dizer, a cada vez que eu era convidada a prestar atenção no modo como me comportava ou me referia a eles era também convidada a olhar para o que eles diziam e faziam. Nossas relações me revelavam neles e o faziam revelar-se em mim.

Tomando como referência o modo como Foucault (2004) entende os processos de subjetivação a partir de esquemas que encontramos em nossa cultura, sociedade e grupo social, utilizo-me da descrição acima para tentar indicar como as inscrições de classe, escolaridade, gênero, sexualidade e território marcaram o campo de possibilidades de relações que tive com os moradores do Taquaril. Desse modo pretendi, também, pinçar algumas das minhas hipóteses sobre como essas categorias se articulam mediando as escolhas num determinado espectro de alternativas.

No caso de minha constituição como pesquisadora-moradora no Taquaril, ser mulher e estar, minimamente, disposta a encarar o trabalho doméstico, como parte de minha integração na casa e com a família que me recebeu, teve grande efeito. Destaco em especial o modo como fui acolhida em seus cotidianos e tive acesso a relatos bastante ricos sobre suas relações com a casa, a família, seus vizinhos, frustrações, medos e desejos de maneira absolutamente espontânea e cheia de cumplicidade.

Acredito que aspectos de minha transgeneridade somados a minha idade afastaram de mim olhares e mesmo brincadeiras (muito comuns) que insinuassem qualquer tipo de prática relativa a certa feminilidade, seja pela ausência completa de preocupação com minha circulação em horários tidos como perigosos, seja pelo silêncio sobre minha vida afetiva ou mesmo pela discrição sobre meu modo de vestir. Assim, eu fiquei livre para ir e vir quando bem quisesse, pude sempre me manter discreta nos assuntos de moda entre as mulheres evitando o constrangimento de ser convidada a emitir quaisquer comentários. Por outro lado, meu acesso às conversas masculinas ficou restrito às entrelinhas de diálogos coletivos na sua maioria cuidadosos com as piadas e deboches.

Ter maior escolaridade sem que isso significasse também maior renda, melhor emprego ou mesmo percepção de um distinto estilo de vida, rendeu-me acessos e interações diferenciadas. Como

a distinção de classe era a que mais fortemente aparecia nos primeiros contatos e logo sinalizava a pouca diferença que havia entre eles e a minha família, em pouco tempo, estabelecemos certa solidariedade em relação à escassez da vida. Assim o que eu oferecia era aceito, mesmo que com certo constrangimento, mas mais do que aquilo não me era pedido.

Certa aproximação de alguns jovens foi possível principalmente quando para eles ficaram claros não apenas meus conhecimentos e interesse pela sexualidade como tema, mas a minha própria homossexualidade. Assim, contar algumas de suas histórias ou mesmo fazer perguntas sobre práticas e estratégias preventivas parecia particularmente mais fácil para alguém “supostamente” mais aberto a determinadas questões. Ao mesmo tempo, foi difícil interagir e acessar homens da minha idade ou um pouco mais velhos, aos quais minha orientação sexual não parecia ser tão perceptível e, quando estava, geralmente haviam resistências.

Levando em conta as considerações acima, estou inclinada a apostar que o imbricamento das dimensões de classe, gênero, sexualidade, e território é composto de modo situacional e variável não apenas às diferenças entre os sujeitos, mas, especialmente, ao contexto de produção de suas relações. Portanto, mais do que identificar diferenças e suas capacidades de mobilidade para entender a relevância deste imbricamento na constituição das trajetórias afetivas e sexuais entre os jovens do Taquaril, seria preciso, também, atentar para um jogo contingente de articulação e entre as inscrições de diferenças para cada um dos sujeitos em questão. Estou certa de que este é um desafio de ampla envergadura, contudo é nesta direção que me ponho ao longo da investigação que se inicia nesta dissertação.

A estrutura do texto que se segue foi organizada a partir de três grandes elementos principais: o contexto, os espaços e as trajetórias. No primeiro capítulo, indico o contexto histórico e político referente a habitação das camadas populares no município de Belo Horizonte. Dentro deste contexto indico as especificidades de Belo Horizonte em suas políticas e produção de conhecimento sobre a ocupação e uso do solo da cidade. Os espaços são apresentados no segundo capítulo seguindo o fluxo dos trajetos dos jovens com quem convivi. A descrição das principais atividades de lazer bem como dos espaços freqüentados foi composta pela descrição que obtive entre os próprios jovens somadas às minhas observações. Já no terceiro capítulo, ganham formas as trajetórias. Constituídas a partir de três grandes eixos que considero mais marcantes entre as experiências relatadas para alguns sujeitos do que outros.

CAPÍTULO 1

DA GESTÃO TÉCNICA DA CIDADE À PRODUÇÃO POLÍTICA DE FAVELAS

Domingo, 9 de novembro de 2008, após um agradável café da manhã em que minha amiga-pesquisadora Claudinéia me descrevera um pouco sobre sua investigação no Taquaril e, particularmente, sobre sua relação com Toninho, seu principal colaborador, que também seria meu primeiro contato - seguimos para o Taquaril. Esse era um dia atípico naquela localidade. Com a colaboração de Toninho, um jovem de forte articulação política, a associação de comerciantes do conjunto Taquaril organizara a segunda-feira de artesanato, cujo objetivo era o de divulgar e aquecer o comércio local. Já passavam das onze da manhã e não havia muitas pessoas na praça *Che Guevara*, onde acontecia a feira. No palco circular *Zumbi dos Palmares*, localizado bem no início da praça, estava Toninho comandando o som que animava a festa, rodeado de outros jovens que ali se apresentariam, alguns dançando passos de dança de rua, outros como DJs ou Rapers que usavam do *Funk* e do *Rap* para falar de suas experiências de vida e pensamentos diversos sobre a marginalidade, seus desafios, desejos etc. De modo geral, o público que poderíamos chamar de adulto se aglomerava nas barracas e na organização do evento. Os produtos exibidos eram dos mais diversos. Ao longo de uma das ruas, paralelas à praça, havia barracas dispostas frente a frente, onde encontrávamos bijuterias, roupas de lã para bebês, retratos e abajures decorados com biscuits, casinhas confeccionadas com palitos de picolé, tortas e doces, churrasquinho e/ou cestinhas feitas de jornal. Havia, também, em uma das barracas, a equipe do núcleo de Mediação de Conflitos do Tribunal de Justiça - MG¹⁶, que, naquela ocasião, fazia plantão de atendimento, aproveitando o aumento do fluxo de circulação de moradores na praça. Enquanto eu aguardava a conversa de Claudinéia com Toninho, na qual discutiam sobre minha acolhida, pude observar algumas pessoas que se aglutinavam em frente ao palco ouvindo os informes sobre a feira, dançando e/ou aguardando a próxima atração. Uma senhora, em especial, chamou-me a atenção. Aparentando idade em torno dos sessenta anos, dançava energicamente todas as músicas tocadas. Havia, também, muitas crianças e jovens. No lado esquerdo abaixo do palco, uma jovem, em particular, intrigava-me. Embora tentasse me observar discretamente, sua ansiedade não me impedia de perceber que, por várias vezes, ela me olhava com ar investigativo. Alguns minutos depois, já tendo sido apresentada a Toninho e acertado com ele meu primeiro lugar de moradia, descobri que a garota era a namorada dele. Imagino que já avisada de minha visita e de minhas intenções prévias de me instalar na casa de Toninho, sua curiosidade aumentara com minha chegada. Fui, também, apresentada à uma senhora muito simpática, chamada de mãe por Toninho, que me recebeu com carinho e se dispôs a me acolher em sua casa, ponderando apenas a necessidade de conversar com o marido a respeito. Eu e minha amiga também circulamos um pouco pelos arredores da praça e ela me mostrou os principais pontos de referência da região, bem como de sua pesquisa que considerava serem úteis para mim. Mais especificamente, em duas ruas adjacentes à praça, localizavam-se o Projeto Providência - vinculado à Igreja Católica; o grandioso templo da Igreja Batista, onde também funciona um restaurante popular mantido em parceria com a prefeitura; o núcleo do programa Fica Vivo; o espaço do projeto Planetário e do

¹⁶ Como parte da Política de prevenção à criminalidade da Secretaria de Estado de Defesa Social de Minas Gerais o Programa de Mediação de Conflitos visa prevenir conflitos que possam gerar ações violentas ou delituosas através de atendimentos, mediação e projetos locais e institucionais. SEDES-MG 2009.

recém extinto Agente Jovem. Na outra rua, ficam o posto de saúde, a escola municipal onde também se concentra o comércio com bares, mercadinhos, salões de beleza, e lojas de concerto de eletrônicos. Após voltar à praça, seguimos até a barraca de bebidas, e conversamos um pouco com dois ou três jovens atendentes. Quando perguntados sobre os reflexos da feira na localidade, disseram que naquela edição, em especial, estava esvaziada, pois naquela manhã havia tido a presença da polícia em função de um caso de estupro nas proximidades da praça. (notas do diário de campo).

O relato acima, baseado em minhas notas do diário de campo, descreve a primeira visita que fiz ao Conjunto Taquaril, com a finalidade de entrar em contato com pessoas que pudessem facilitar meu acesso à moradia para realização da pesquisa de campo. Embora não tenha me despertado a atenção de início, nem mesmo ao longo do período em que lá morei, algum tempo depois, refletindo sobre o material registrado, foi tornando-me mais perceptível que boa parte do que hoje conheço sobre o Taquaril, sua história, atividades, dilemas, já estavam, de alguma maneira, presentes nessa primeira observação, seja mediante seu histórico de mobilizações representado, por exemplo, nos nomes escolhidos para a praça Che Ghevara, ou o palco Zumbi dos Palmares, seja a especial atenção aos adolescentes e jovens via atividades esportivas e/ou culturais por meio projetos sociais executados por ONGs e governos estadual, municipal e igrejas, ou mesmo as tentativas de aproximação por agentes do Estado como a equipe de mediação de conflitos; o silenciamento da violência refletidos no esvaziamento da feira após a presença da polícia naquele mesmo dia; ou os modos de organização do comércio local, como bem evidencia a própria feira.

A compreensão do atual contexto social, político e institucional do Conjunto Taquaril, na cidade de Belo Horizonte, demanda um vôle maior no tempo e no espaço. O processo de ocupação, fruto de uma política de habitação, bem como a constituição de uma rede de serviços e projetos sociais, que caracterizam e singularizam esse lugar, resultam de longas e reiteradas ações por diferentes segmentos sociais, que ora coadunam a configuração de outros territórios favelados, ora nos impõem reflexões desafiadoras para dar inteligibilidade a suas particularidades.

Realizar pesquisas em favelas no Brasil contemporâneo tem implicado lidar com algumas questões urgentes e comuns a muitas delas. Extrapolando o escopo da pobreza, quanto às condições de moradia, acesso a serviços básicos de saúde, educação e transporte, nos últimos vinte anos, particularmente, tem-se enfrentado, também, a temática da violência e da criminalidade (MACHADO, 2008; ZALUAR, 1998). Entretanto, há uma experiência da vida urbana inscrita nos territórios e trajetos dos “favelados” que, já há algumas décadas, vem recebendo especial destaque da antropologia brasileira. Seja por suas redes de relações e solidariedades, suas alternativas aos modelos de cidades cada vez mais segregadas, ou mesmo suas leituras da vida e do mundo, que

comumente governos ou ONGs subestimam em função de suas misérias, privilegiando suas faltas para promoção de políticas.

Em Belo Horizonte, encontram-se, atualmente, pelo menos duas especificidades no que se refere ao tratamento administrativo e político da ocupação informal do solo da cidade por populações de baixa renda, nas quais suponho refletir certa “obsessão” pela técnica para produzir políticas ou informações sobre a cidade. A primeira especificidade alude ao reconhecimento prematuro (em 1909) - se comparada a outras metrópoles brasileiras - do direito à cidade, resultante da tensão entre a primazia do planejamento urbano e as reações de contestação, por aqueles que requeriam não apenas melhores condições de vida e trabalho, mas, sobretudo, de cidadania (GUIMARÃES, 1991)¹⁷. Os efeitos da presença prolongada de uma administração de cunho democrático popular (desde 1993) caracterizam a segunda especificidade desse município, junto a qual ocorreu uma progressiva descentralização do governo municipal e também a conformação de arranjos inclusivos de diferentes atores e segmentos sociais, políticos e acadêmicos nas decisões políticas (BOSCHI, 2005).

Este capítulo versará, portanto, das especificidades de Belo Horizonte quanto à natureza deste fenômeno urbano chamado favela. Por um lado, apontarei a partir de seus aspectos históricos e políticos a consolidação não só administrativa, mas também ideológica da gestão técnica do espaço urbano e como isso culminou no reconhecimento de direitos relativos à habitação. De outro, observo a produção de informação institucional e acadêmica sobre as favelas em Belo Horizonte, dos últimos vinte anos, a fim de compreender os sentidos políticos, sociais e culturais que são dados à elas. Para tanto, este capítulo será dividido em três partes, sendo a primeira destinada a uma retomada histórica da criação de um projeto de cidade moderna para Belo Horizonte. Na segunda, tentarei situar as políticas de habitação popular em meio a produção acadêmica e técnica dos sentidos de favelas. E por fim, busco circunscrever o Conjunto Taquaril no cenário belorizontino de um sem número de favelas e programas destinados às áreas consideradas de maior vulnerabilidade social.

¹⁷ Através do decreto estadual 2.486 foi concedido aos trabalhadores não só áreas para construção de casas, mas, sobretudo, o título dos mesmos. Uma decisão inovadora do governo local numa época em que a higienização das grandes cidades primava pelas remoções de ocupações ilegais e desordenadas, ainda que essas estivessem acompanhadas de altas exigências sobre a documentação do novo proprietário e os moldes das construções.

1.1 A construção da cidade e a utopia moderna

A “moderna” cidade construída para ser a nova capital do estado de Minas Gerais foi inaugurada em 1897 e modelada pelo cientificismo positivista da época. O projeto do engenheiro carioca Araújo Reis, inspirado no higienismo de Haussman e nos traços simétricos de L’Enfant¹⁸, refletia o temor pela desordem urbana gerada pela imprevisibilidade, bem como pelos conflitos entre atores de diferentes segmentos sociais como observado em cidades industrializadas ou mesmo na antiga capital de Minas Gerais, Ouro Preto. Na nova capital, deveriam reverberar a gestão técnica e racional do espaço. Barros (2005) demonstra como se consagrou a perspectiva da centralidade em sua descrição da Avenida do Contorno, um dos principais destaques daquela empreitada que, emoldurando a área planejada e higienizada da capital, funcionou como uma espécie de marco de uma fronteira social entre a parte urbanizada e a área suburbana. Não mais como resultado da vida social, Belo Horizonte tentava denotar uma cidade que respondia às expectativas do que idealmente se esperava dela, definindo seus limites e suas possibilidades de trocas urbanas, fixando previamente suas fronteiras e fluxos (BARROS, 2005).

¹⁸ Duas influências nos projetos urbanistas do Brasil republicano. Georges-Eugène Haussmann, um urbanista francês responsável pela reforma da cidade de Paris na segunda metade do século XIX. Para mais sobre suas influências ver SALGUEIRO, 1995 e Pierre Charles l’Enfant, engenheiro - militar e também francês responsável pelo projeto da cidade de Washington em 1791. Para mais sobre suas influências ver MENEZES, 2009.



FIGURA 1 - Planta da cidade de Belo Horizonte 1895
 FONTE: Comissão construtora da nova capital obtida em GUIMARÃES, 1991.

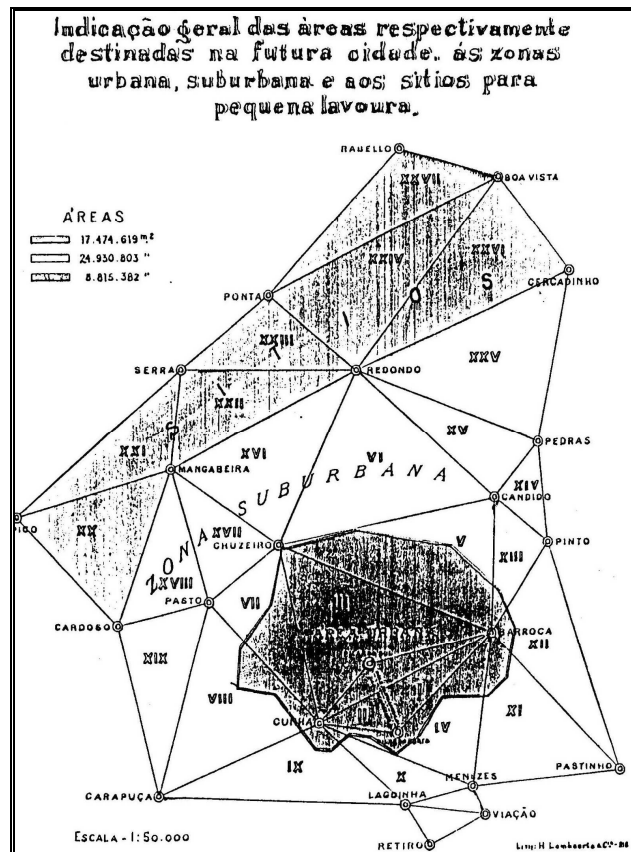


FIGURA 2: Indicação das áreas destinadas às zonas Urbana, Suburbana e Rural de Belo Horizonte feita a partir do projeto de triangulação da rede na planta da construção da cidade 1895
 FONTE: Comissão construtora da nova capital obtida em GUIMARÃES, 1991.

Com a ocupação prevista apenas para funcionários públicos e pequenos empresários vindos de Ouro Preto, que fugindo da crise cafeeira estimulariam o crescimento da cidade com seus novos negócios, o grande número de trabalhadores que migrou para trabalhar na construção da cidade não encontrou abrigo na zona urbana de Belo Horizonte - interna à Avenida do Contorno. A cidade seguia esvaziada pelos altos preços e exigências sobre as formas de construção nos loteamentos. Nas áreas suburbanas, uma parte deveria aguardar o desenvolvimento da cidade para que fosse ocupada gradativamente, e outra parte estava destinada a pequenas lavouras para o abastecimento da cidade.

Foi, no entanto, aproveitando-se da falta de fiscalização propositada e das seguidas crises econômicas que inviabilizaram medidas diretas, que barracos e cafuas¹⁹ foram sendo construídos em volta do perímetro urbano e, também, paralelamente às linhas do bonde. Inicialmente, a prefeitura parecia ignorar tais alocações contando que, com a finalização das obras, essas famílias deixariam a cidade, mas foi surpreendida pela força política através da qual esses trabalhadores requeriam providências do governo local, não apenas de habitação, mas também da infraestrutura que apenas havia sido disposta na zona urbana. Crescendo de fora para dentro, Belo Horizonte foi se configurando em um modelo de cidade bem distinto daquele planejado que deveria ter seu crescimento monitorado, mantendo seus signos de modernidade.

No período entre o final do século XIX e início do XX, a administração local adaptou seu modelo na tentativa de atender às reivindicações dos trabalhadores, cuja mão de obra era essencial para construção e desenvolvimento da cidade. Porém, sem perder sua atenção ao cientificismo estético, tão caro ao modelo de cidade desejada²⁰. O código de posturas de 1898 orientava a ocupação do espaço cedido para construção livre em áreas mais afastadas de modo que não poluisse os monumentais *boulevares* da nova capital (GUIMARÃES, 1991).

O reconhecimento dos direitos de habitação dos moradores mais pobres em Belo Horizonte tem como marco o Decreto Estadual de 1909²¹. Composto de 21 artigos, o referido decreto discriminava áreas da cidade em que deveriam ser alocadas as famílias operárias, devidamente atestadas pelos vínculos de trabalho, compromisso com os costumes e certificados por sua idoneidade, para a concessão do título do terreno. Valadares (2005) mostra que, também no Rio de Janeiro, desde o início do século XX, podíamos encontrar certa preocupação por parte da

¹⁹ Os barracos seriam as construções feitas de tábuas, cobertos com capim ou zinco e as Cafuas aqueles feitos de barro e coberto de capim.

²⁰ A influência higienista de Haussmann e a monumentalidade de L'Enfant inspirou Araújo Reis a construção de modelo de cidade onde a primazia da técnica sobre a política deveria atuar com intervenção equilibrado do Estado.

²¹ Em anexo uma cópia deste.

intelectualidade carioca com os mesmos processos de ocupação do solo, mas essa não parece ter estado presente nas decisões administrativas da cidade. A grande diferença, talvez, venha do próprio contexto das duas cidades e dos sujeitos que cada uma imaginava ter de “enfrentar”. O Rio de Janeiro, seguindo os ares da nova República, passara por uma grande reforma sanitaria que, cumprindo exigências da recente burguesia industrial brasileira, retirava dos morros e cortiços os “vagabundos” da cidade. Belo Horizonte era um campo limpo para implementação de um projeto absolutamente novo em estrutura, formas, políticas e imagens do qual as casas do operariado não podiam escapar. Na descrição de Guimarães (1991),

a casa era vista como instrumento de socialização, um segmento da organização social. O número de cômodos e a sua distribuição interna revelavam uma ordem e funcionalidade imprimida no espaço, onde dever-se-ia reproduzir um determinado tipo de família, no caso, a operária (p. 84).

As políticas de habitação e urbanização em Belo Horizonte eram, portanto, menos tentativas de higienizar a cidade contra epidemias, como ocorreu no Rio de Janeiro, e mais mecanismos de controle material e simbólico da dinâmica de ocupação do espaço da cidade. Seu signo de modernidade dependia, em grande parte, de sua capacidade de integração e “socialização” de sua população ao novo estilo de vida urbano. As orientações do código de costumes, para a construção dos passeios e jardins, bem como a própria disposição dos cômodos nas casas, separando a intimidade dos pais do convívio dos filhos, eram mesmo a docilização dos corpos operários para a desejada modernidade (FOUCAULT, 2008). Para Guimarães (1991), a instrumentalização da moradia serviu, porém, muito mais para *“controlar, cooptar, reproduzir e integrar a massa trabalhadora, não se verificando a função educativa, disciplinar a não ser enquanto discurso”* (p.291), posto que o rigor na concessão de terreno não se reproduzia as medidas fiscalizadoras e monitoramentos, dado o constante desequilíbrio econômico e político da época, ou seja, a ocupação desse novo espaço físico e social não veio acompanhada, como esperado, de novo comportamento social e formas de circulação espacial.

E o destino administrativo de Belo Horizonte seguiu no tempo reverberando em seu espaço²². Embora também ocorressem remoções de áreas invadidas, até metade do século XX, a atenção à estética era prevalente e aliada à especulação imobiliária, com uma velocidade inesperada,

²² Recentemente foi inaugurada a “cidade administrativa” do Estado de Minas Gerais. Um complexo arquitetônico para abrigo de todo o secretariado estadual, localizado na região metropolitana de Belo Horizonte, próximo ao Aeroporto Internacional Tancredo Neves - Confins.

ia remodelando o uso e ocupação do solo, empurrando os mais pobres para longe do centro e aqueles que nem mesmo longe poderiam construir suas casas, levantavam suas cafuas e barracos em estreitos trechos vazios entre uma avenida e outra, um prédio e outro, ou um morro e outro.

Após os anos de 1950, sob influência dos recenseamentos feitos no Rio de Janeiro no Governo Vargas, com a ajuda da igreja, os movimentos sociais populares se fortaleceram também em Belo Horizonte e novamente colocaram o governo local a pensar em alternativas para os problemas de habitação e infraestrutura básica, resultando na criação do Departamento de Bairros Populares em 1955, produtor do primeiro cadastramento de “favelas” da capital mineira. Em 1958, foi feita uma atualização desses dados e, em 1963, um novo registro que - acompanhado do debate feito no 1º Seminário Nacional de Habitação e Reforma Urbana - resultou na construção de conjuntos habitacionais para a população favelada, sob responsabilidade do governo do Estado. Embora também estivessem previstas urbanizações de algumas favelas, o golpe militar de 1964 interrompeu o projeto.

Excepcionalmente, durante a ditadura militar, políticas de remoção foram sistematicamente realizadas em Belo Horizonte, assim como em várias outras metrópoles brasileiras. E, possivelmente, como efeito da disciplina militarista da cidade, ocorreu a criação de secretarias e órgãos técnicos que foram fundamentais no processo de produção de informação sobre a geografia da cidade e de novos instrumentos de regulação²³. Um marco importante nesse período foi a implementação do Programa de Desenvolvimento de Comunidades (PRODECON), da Secretaria de Estado do Planejamento e Coordenação Geral (SEPLAN/MG), entre 1964 e 1984. Com o PRODECON, pela primeira vez, um programa de urbanização contava com a participação da população local, não só na escolha da área de construção dos conjuntos, mas, também, através do trabalho em mutirão, na realização das obras. E, novamente, foi seguida de um código de posturas especiais para essas áreas.

A criação de duas companhias, em especial, marca profundamente o tratamento dado aos usos do espaço da cidade até os dias de hoje. A primeira delas, empresa de Processamento de Dados do Município de Belo Horizonte (PRODABEL) que, a partir de 1974, tornou-se órgão responsável pelo processamento de informações do município. Em 1989, a Prodabel realizou um levantamento

²³ Vale destacar: a Lei de Uso e Ocupação do solo de 1976 que foi revista em 1985; em 1983 foi elaborada a Lei Pro Favela, mesmo ano de fundação da Federação das Associações de Bairros e Favelas de BH. Em 1989 foi realizado o diagnóstico base para elaboração do Plano Diretor que em 1993 foi incorporado da Lei de parcelamento, Uso e Ocupação do solo já em consonância com a Lei Orgânica da constituição de 1988. Em 2000 o Plano diretor foi revisto e continua sendo a principal referência para o planejamento urbano da cidade.

aerofotogramétrico, através do qual foi gerado o Sistema de Informações Geográficas (SIG), importante ferramenta para representação de dados obtidos nas avaliações e monitoramentos da evolução urbana nos anos seguintes. Em 1986, foi criada a Companhia Urbanizadora de Belo Horizonte (URBEL), através da qual se consagrou uma era de políticas municipais permanentes para o uso e ocupação do solo. Essa companhia é, hoje, responsável por todos os projetos de urbanização de favelas e não apenas regula, mas monitora todo e qualquer tipo de ocupação do espaço da cidade, seja removendo populações com residências em áreas de risco geológico, seja repassando os títulos dos terrenos. A reabertura política, na década de 1980, representou a retomada de políticas urbanísticas aliadas a questões sociológicas. E todo esse aparato técnico, que durante a ditadura se propunha regulador, integra um novo cenário político e institucional, através do qual Belo Horizonte ainda hoje pode ser observada.

1.2 Do geoprocessamento a produção generalizada de favelas

A Belo Horizonte de 1897, somada toda a sua área urbana e suburbana - como visto na FIGURA 1 – significa, hoje, apenas 15% (52 Km²) da área ocupada pela cidade que, segundo o IBGE, conta, atualmente, com uma população de mais de dois milhões e meio de pessoas numa área de 330,95 Km². Embora o governo local tenha seguido reordenando a cidade com seus contínuos projetos de urbanização e revitalização, áreas “ociosas” continuam a ser ocupadas nas beiras de morros, de córregos, de avenidas e de estradas. E essa dinâmica imprevisível, de difícil mensuração, parece ser a principal preocupação dos técnicos e acadêmicos que monitoram e avaliam o crescimento e modos de ocupação da cidade. (GUIMARÃES, 1992). Criando metodologias específicas e classificações que dêem conta de representar estatisticamente o fenômeno e, por conseguinte, sua regulação, técnicos da URBEL, junto às associações de bairros, moradores, e outros parceiros civis, sobretudo, acadêmicos, têm trabalhado continuamente na produção de novos sentidos dados às vilas, favelas, aglomerados e conjuntos habitacionais de Belo Horizonte.

Nos últimos vinte anos, a prefeitura de Belo Horizonte tem sido administrada por governos de coalizões partidárias de cunho democrático-popular. Especialmente entre 1993 e 2008, a coligação da chamada Frente BH Popular foi liderada por candidatos do Partido dos Trabalhadores (PT). Em seu primeiro ano, trazia na plataforma política a meta de realização de uma gestão aberta à

participação dos diversos setores da sociedade para o processo de definição e adoção de diretrizes que orientassem a ação do poder público na cidade. Não implicando, porém, na criação de novas estruturas burocrático-administrativas como assinala Boschi (2005).

Uma importante medida para prosseguimento dessa nova postura foi a retomada das negociações para a implementação do Plano Diretor (PD). Após revisão do texto, foi realizado o Fórum da Cidade com participação de diferentes segmentos sociais. Desse resultou a Comissão de Fórum Permanente, evidenciando os tipos de parcerias e diálogos propostos pela nova gestão. A comissão se compôs por representantes da Prefeitura Municipal, da Câmara de Vereadores, do setor popular, empresarial e técnico. Nesse último, estavam representantes do Conselho Regional de Engenharia, Arquitetura e Agronomia (CREA), do Instituto dos Arquitetos do Brasil (IAB) e, principalmente, a Universidade, principal responsável pelo diagnóstico base do PD. Juntos e progressivamente, o grupo técnico dominou a discussão em suas minúcias que somada a presença cada vez menor do executivo e legislativo, acabou por resultar numa menor participação popular, pouco afeita ao tom tecnicista do diálogo. Esse foi um plano definidor de rumos do processo de produção e apropriação da cidade que, embora tivesse a gestão democrática como prioridade, só ganhou fôlego mais tarde, com a implementação do orçamento participativo. Nas regiões faveladas, mais especificamente, o estabelecimento de grupos de referência, integrado por técnicos da prefeitura e moradores, possibilitaram acompanhamento e discussão de cada etapa da execução do PD.

Para além das intervenções urbanísticas, da mobilização dos moradores e da inclusão de equipamentos sociais e infraestrutura nas favelas, foi sendo feito, ao longo da década de 1990, um importante investimento nas metodologias e sistemas de produção de informação sobre os espaços da cidade. O SIG tornou possível, pela primeira vez, em uma metrópole brasileira, juntar num único sistema a cartografia da cidade, suas divisões político-administrativas, informações censitárias e demográficas e, por fim, seu endereçamento, ou seja, a espacialização das informações para qual foi adquirida tecnologia específica em 1992 (PEREIRA, 2001). Em 1996, com colaboração do Instituto de Desenvolvimento Humano Sustentável (IDHS/PUCMINAS), foi elaborado o Índice de Qualidade de Vida Urbana (IQVU),²⁴ através do qual, diferentes políticas puderam ser implementadas atendendo as demandas específicas de cada unidade de planejamento da cidade

²⁴ Este índice mede a disponibilidade e a acessibilidade da população à serviços públicos por setor censitário e áreas de planejamento. É um dos principais indicadores para distribuição de verbas do orçamento participativo equacionando o montante as necessidades de cada unidade de planejamento.

(DAVIS&FONSECA, 1994). Esse talvez seja um dos principais marcos do que seriam aqueles que chamei aqui de reflexos de uma obsessão pela técnica. Aliado a uma gestão descentralizada e de cunho democrático popular o IQVU se tornou a principal ferramenta de planejamento para que, através do orçamento participativo, pudesse ser equacionada a distribuição dos recursos municipais.

Todo o processo de implementação do PD e novas fontes de informação georeferenciadas da cidade evidenciaram a necessidade de um levantamento sistemático da realidade das favelas, posto que o diagnóstico base do PD já era considerado ultrapassado e continha informações não padronizadas que se tornaram subutilizadas pelo novo sistema de organização das informações. Desse modo, no ano de 2000, o Centro de Estudos Urbanos da Universidade Federal de Minas Gerais (CEURB/UFMG) elaborou o Plano Estratégico de Urbanização das Zonas de Especial Interesse Social - ZEIS, para as quais deveriam ser priorizados os projetos de habitação, urbanização e regularização fundiária. Há três grupos de caracterização das ZEIS, sejam eles ZEIS 1 - regiões ocupadas desordenadamente por população de baixa renda, nas quais existe interesse público em promover programas habitacionais de urbanização e regularização fundiária, urbanística e jurídica, visando à promoção da melhoria da qualidade de vida de seus habitantes e a sua integração à malha urbana (VILAS E FAVELAS); ZEIS 2 - regiões não edificadas, subutilizadas ou não utilizadas, nas quais há interesse público em promover programas habitacionais de produção de moradias ou terrenos urbanizados de interesse social; ZEIS 3 - regiões edificadas em que o Executivo tenha implantado conjuntos habitacionais de interesse social. Tal documento, mais conhecido como PLANÃO, representa, hoje, a principal referência para a gestão das favelas de Belo Horizonte. Composto por diferentes metodologias, ele oferece uma visão ampla, caracterizando tais zonas quanto à sua evolução numérica ao longo dos anos (1991, 1996 e 1998), aspectos urbanísticos, geomorfológicos, legais e demográficos, bem como a caracterização sócio-econômica e organizativa da população.

Para situar melhor o universo das favelas de Belo Horizonte, apresento a seguir dois mapas. O primeiro demonstra a divisão administrativa da cidade de Belo Horizonte por unidades de planejamento, facilitando, por sua vez, a leitura do segundo mapa, cuja representação se dá na distribuição do número de domicílios em cada uma das favelas.



FIGURA 3 - Regiões Administrativas de Belo Horizonte por Unidade de Planejamento. FONTE: PBH/SMPL, 2010

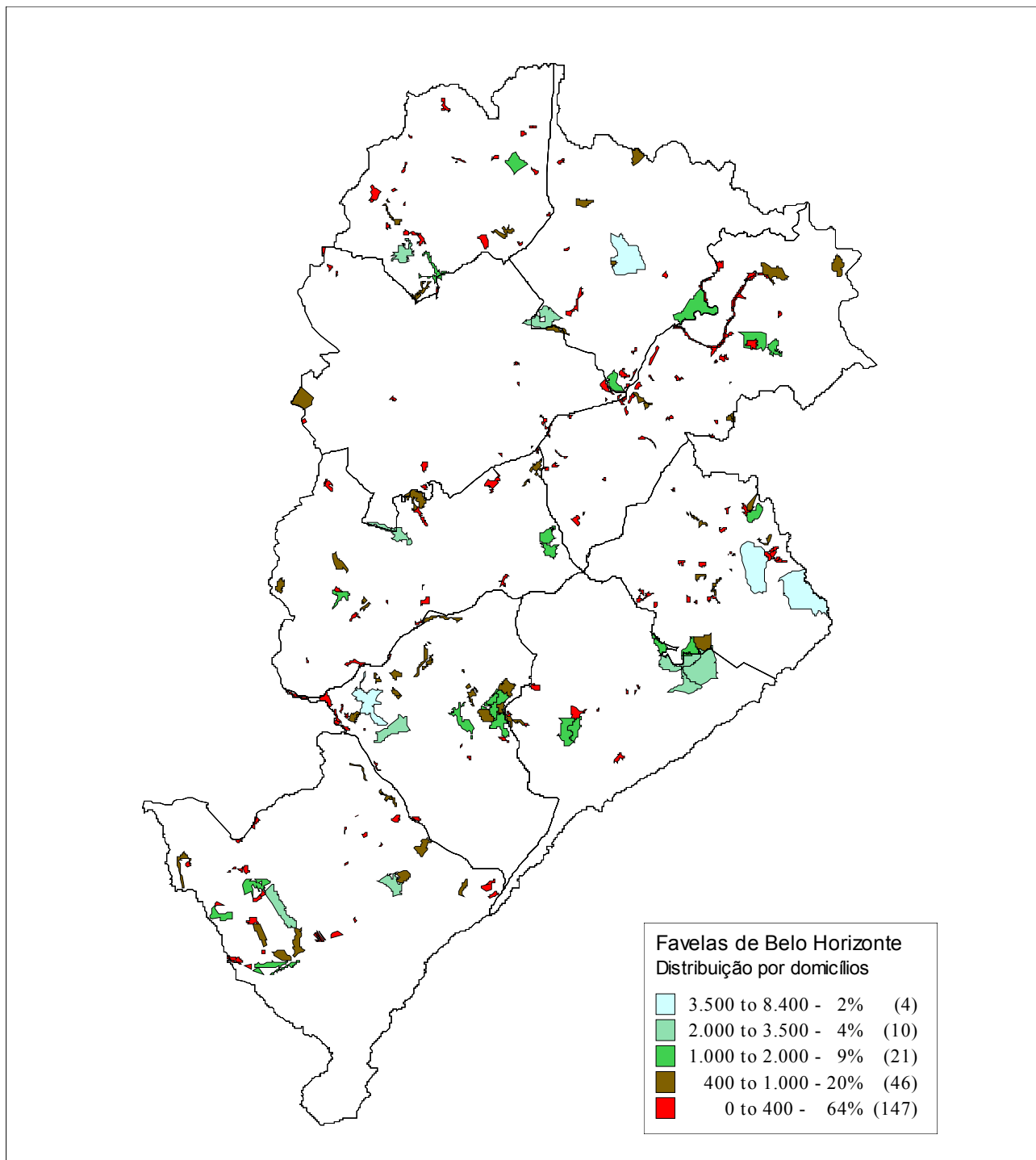


FIGURA 4 - Universo de Atuação da URBEL
 FONTE: URBEL, 2007

O mapa acima foi construído a partir da última atualização dos dados feita pela URBEL, em 2007, e demonstra a distribuição das favelas de Belo Horizonte, segundo seu número de domicílios. Observa-se que a grande maioria (64%) tem número inferior a 400 domicílios. Enquanto apenas 2%, entre eles o Taquaril, concentram as zonas com maior número de domicílios, de 3.500 e 8.400

domicílios. Porém, temos quatro importantes aglomerados que somam zonas com número de 1000 a 3.500 domicílios, os quais importam destacar aqui. O primeiro deles fica na região Noroeste com duas zonas entre 1000 e 2000 domicílios, conhecido como a Pedreira Prado Lopes, é considerada uma das regiões de maior incidência de homicídios de Belo Horizonte. O segundo, chamado de aglomerado do Morro das Pedras, fica na região Oeste e soma em suas onze vilas um número de domicílios entre 400 a 2000. Os dois últimos ficam na região Centro-Sul. Um deles, o Aglomerado da Serra, é um dos mais conhecidos da cidade por seu alto índice de violência - constantemente presente nas páginas policiais -, mas, também, por seu “aglomerado” de projetos sociais. Conta com sete grandes vilas que somam mais de 23.000 domicílios. O último grande aglomerado da Centro-Sul, chamado Barragem Santa Lúcia, conta com três vilas que somam ao todo cerca de 17.000 domicílios.

Embora a grande maioria das favelas não esteja integrada à cidade, como quiseram os urbanistas, no que se refere a gama de equipamentos sociais e serviços públicos, como aqueles disponíveis nos bairros, não creio que estejam completamente isoladas espacialmente, dadas suas pequenas dimensões geográficas e tamanha dispersão por toda Belo Horizonte. Salvo aquelas localizadas em regiões de maior concentração de renda, por exemplo, o Aglomerado da Serra e a Barragem Santa Lúcia em destaques na Centro-Sul, como representado nos mapas abaixo do Índice de Vulnerabilidade Social²⁵ composto pelo acesso à trabalho (formal ou informal) e renda (renda familiar *per capita*), e do IQVU (PBH).

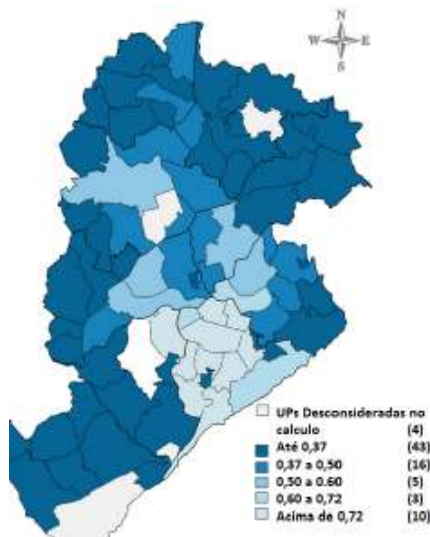


FIGURA 5 - Dimensão econômica do IVS, por UPs, 2000
FONTE:PBH,2006

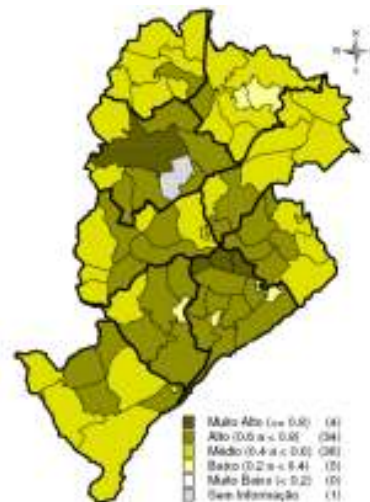


FIGURA 6: IQVU de BH, 2000
FONTE: PBH, 2006

²⁵ Este índice é composto por cinco dimensões constituídas a partir de variáveis consideradas essenciais ao exercício da cidadania, sejam elas: ambiental, cultural, econômica, jurídica e segurança de sobrevivência.

Se compararmos a dimensão das favelas do Rio de Janeiro, cenário reverberante do imaginário nacional e internacional desse tipo de ocupação nas metrópoles brasileiras, veremos que elas podem indicar realidades bastante distintas das observadas em Belo Horizonte.

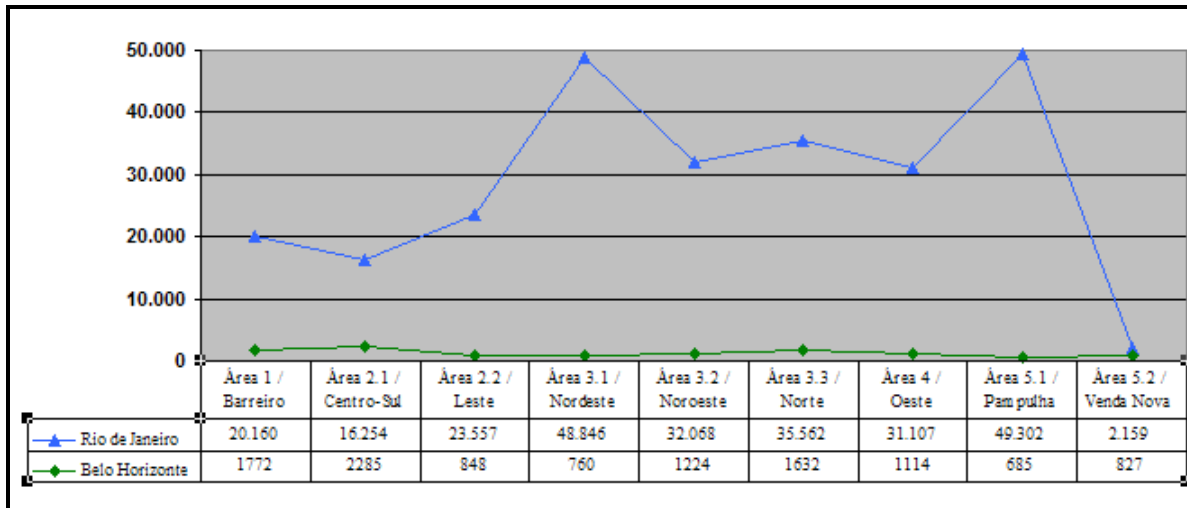


FIGURA: 7 (Gráfico) – Mediana da População de Favelas por Regiões Administrativas nos Municípios do Rio de Janeiro e Belo Horizonte.

FONTE: IBGE, Censo 2000. Os dados de Belo Horizonte foram cedidos pela URBEL e do Rio de Janeiro obtidos no Instituto Pereira Passos. OBS:a legenda das áreas de planejamento do Rio de Janeiro encontram-se em anexo.

Antes de descrever o gráfico acima, cabe ressaltar que a despeito do mesmo estabelecer um paralelo entre as áreas de planejamento dos dois municípios, o mesmo foi feito apenas para fins de representação gráfica, ou seja, não há qualquer tipo de correspondência entre as referidas regiões que não seja o número delas. Em Belo Horizonte, *doravante* BH, são nove regiões administrativas e no Rio de Janeiro, *doravante* Rio, existem cinco que se subdividem somando nove ao todo como em BH. Contudo, ainda que este estudo não se proponha comparativo e as analogias aqui empregadas tenham finalidade exclusiva de problematização e ponderação para o mesmo fenômeno, cabe perguntar se, de fato, estou lidando com o mesmo fenômeno.

As linhas do gráfico acima demonstram a enorme discrepância no tamanho da população das favelas nas referidas regiões administrativas das duas cidades. A partir disso, podemos indicar duas razões basicamente. Primeiro, temos que considerar o número de favelas; enquanto no Rio conta-se hoje mais de seiscentas, em BH esse número não chega a duzentas. Outro fator é o tamanho da população vivendo em favelas em cada uma das duas cidades, sendo 1.092.476 pessoas no Rio e 471.344 em BH.

Embora a mediana da população do Rio seja mais variável, tendo a mínima de 2.159 pessoas

na região de Campo Grande; Senador Vasconcelos e Guaratuba e sua máxima com 49.302 pessoas na região de Bangu e Realengo, de modo geral, a linha azul permanece acima de 20.000 pessoas por região. Em BH, encontramos quase um contínuo indicado pela linha verde, mantendo-se abaixo de 2.300 pessoas por região, ainda que contenha uma pequena variação entre a mínima de 685 na Pampulha e a máxima de 2.285 pessoas na Centro-Sul.

Se a formação de favelas tem tido como principal razão o crescimento vertiginoso da população nos municípios e sua distribuição desigual de riquezas, poderíamos observá-las sob sua caracterização de variáveis como tamanho da população (5.857.904 no Rio e 2.238.526 em BH); o Produto Interno Bruto (PIB - 22.903 no Rio e 15835 em BH) ou a Incidência de Pobreza (23,85% para Rio e 5,43 para BH), (IBGE Cidades, 2010). Ora, o tamanho da população dos dois municípios é novamente discrepante, tendo o Rio mais do que o dobro da população de BH. Ainda que o PIB seja um pouco maior para o Rio, em torno de 6.000 per capita a mais, a incidência da pobreza se mostra absolutamente distinta de BH, sendo três vezes maior no Rio.

Seria, contudo, interessante efetuar uma discussão de tais valores em termos contextuais, mas considero que demandaria investimento demasiado para o que este trabalho se propõe e, ainda que fosse feito, seria muito pouco discutido sobre o próprio estatuto do fenômeno das favelas nos dois municípios. No entanto, suponho que essa curta digressão sobre a dimensão numérica do fenômeno nos dá pistas importantes sobre, não apenas, a diferença dos contextos, mas, sobretudo, dos sentidos que as favelas possam assumir em cada uma das cidades. Contudo, discutir sobre a própria definição de favela e as implicações que os usos desse termo têm tido para as políticas de gestão em BH, apresenta-se como tarefa delicada. Pois ainda que seja exatamente nesse ponto em que os dois municípios divergem substancialmente, a literatura produzida sobre o Rio e as representações subsequentes ecoa em diferentes cantos do Brasil de forma quase icônica.

No plano internacional, encontra-se atualmente, uma vasta bibliografia sobre as representações de “favelas”, “periferias”, evolução urbana e seus processos de segregação sócio-espacial, bem como as diferentes soluções encontradas por diversos países de “centro e de periferia” (Wacquant, 2001). Quanto ao Brasil, a variação dos contextos históricos, políticos e econômicos dos centros urbanos produziram diferentes gramáticas para dar inteligibilidade aos processos de ocupação desordenada e ilegal do solo. Observando as produções mineiras receio que em BH haja uma sobreposição de representações, muitas vezes obliterantes no que se refere às relações sociais observáveis no contexto de suas próprias “favelas”. Tomada a termo de suas características geoespaciais suas dimensões demográficas e sociológicas vem a reboque das representações já

consolidadas em outros contextos urbanos especialmente àquelas vindas de registros fluminenses. Com um conjunto de categorias analíticas predominantemente referentes aos campos da arquitetura, geografia e demografia vê-se foco na “infraestrutura” das favelas que parece reconhecer e, portanto, oferecer melhores condições de moradia. Aparece, também, como instrumento de combate a violência e criminalidade. Contudo a compreensão dos códigos de conduta, as tramas sociais e as particularidades que dão sentido aos processos de ocupação, bem como as tais práticas violentas e criminosas permanecem obscurecidas.

A análise feita por Valadares (2005) sobre a categoria favela, de problema social a campo de estudos, por um período de cem anos na cidade do Rio de Janeiro, discerniu vários sentidos indexados ao termo. Houve momentos em que a favela foi tomada como uma questão sanitária, policial ou urbanística. Porém, nos últimos quarenta anos, sob os efeitos, particularmente críticos à teoria da marginalidade social, cuja abordagem fortemente econômica levava em conta aspectos espaciais tanto quanto socioculturais, levou a favela a ser assumida como objeto privilegiado das Ciências Sociais a partir do surgimento de Programas de Pós Graduação em Ciências Sociais.

A autora percorreu uma produção de trezentos e oitenta estudos sobre favelas por diferentes disciplinas, entre as quais as ciências sociais somavam cerca de cento e quarenta e seis dos trabalhos até o ano de 2004. Ao qualificar os estudos nessa área de conhecimento, Valadares identifica a constituição de um escopo analítico específico, ao qual ela chama de três visões dogmáticas sobre a favela. No primeiro dogma, da singularidade, estão aquelas abordagens que tratam as favelas como um espaço absolutamente específico e particular, por sua história, seu modo de crescimento, sua estética própria, sua ilegalidade, sua demografia ou mesmo sua “cultura” própria. O segundo dogma, da favela como *locus* da pobreza, caracteriza-se pela tomada desse espaço como destino dos pobres, seja pela via da marginalidade, seja pelo reconhecimento da favela como uma solução ao problema da habitação nos grandes centros urbanos. Desse modo, todos os fenômenos associados à pobreza teriam um polígono privilegiado na cidade, um laboratório de investigações sociológicas. O terceiro e último dogma, da favela em sua unidade e, singularidade o que se indexa é o silenciamento constante das particularidades de cada localidade frente aos diversos fenômenos a elas associados, implicando em consequências significativas, tanto metodológicas, quanto na representação das favelas e da própria cidade.

Embora em Belo Horizonte as favelas tivessem sido tema de preocupação intelectual e administrativa desde sua fundação, não encontramos um número expressivo de produções concernentes a esse fenômeno. Assim, como no Rio de Janeiro, o primeiro Programa de Pós

Graduação em Ciências Sociais da capital mineira, data, também, da década de 1970. Porém, apenas, 15 de suas teses e dissertações²⁶ aludem as favelas, de modo que possamos supor que os estudos feitos por pesquisadores no Rio de Janeiro, fortemente influenciados pela Escola de Chicago²⁷, como aqueles dentro do Programa de Pós Graduação em Antropologia no Museu Nacional, não foram realizados em Belo Horizonte, cuja Antropologia continua inexpressiva e em condição periférica (VIDAL, 2006).

Entretanto, disciplinas tais como sociologia, psicologia social, educação, geografia, têm realizado estudos concernentes às temáticas da criminalidade, violência, segregação, estigmatização e processos de subjetivação, apoiando-se em diferentes vertentes teóricas, através das quais as visões dogmáticas, apontadas por Valadares (2005) em suas características e consequências, parecem estar se reverberando. Refiro-me, particularmente, ao terceiro dogma da unidade visto que, de modo geral, nos estudos belorizontinos encontra-se investigações muito mais atentas a questões macro-sociológicas, entre as quais caracterizações situacionais não parecem ganhar relevância ou destaque. Na grande maioria desses, as favelas são tidas a partir do modo de ocupação e ausência de propriedade do terreno, sinônimos dos chamados setores subnormais do Censo/IBGE, são estendidas a todo o perímetro com mais de 90% de ocupação com tais características, sendo assumidas, conseqüentemente como ZEIS (GUIMARÃES, 1992), e a elas são indexadas as representações estereotipadas de diferentes tipos de ocupação irregular do solo e relações sociais nele estabelecido. Sejam eles chamados favela, vila, aglomerado, comunidade, ou periferias, são sempre espaços privilegiados para intervenção do Estado, de ONGs, das universidades ou das igrejas.

Possivelmente, a presença de processos políticos específicos, a gestão da informação espacializada, somados a ausência de uma Antropologia Urbana, bem como de espaços de formação, em que métodos de observação e estudos com maior grau de singularização das realidades de favelas, podem ter resultado nessa sobre-representação por acadêmicos e técnicos da prefeitura de Belo Horizonte. Embora existam classificações distintas para fins de planejamento, todas elas são

²⁶ Através do banco de teses e dissertações da CAPES pude contar quase sessenta trabalhos com temas relacionados a favela mas apenas 15 deles eram das ciências sociais. Nem mesmo o programa de Pós Graduação em Gestão de Cidades, que foi oferecido em nível de mestrado entre 1999 e 2005 pela PUCMINAS produziu dissertações ligadas ao tema. Recentemente com a inclusão do doutorado este se ampliou para programa de Pós Graduação em Ciências Sociais e ainda assim, soma apenas duas dissertações relativas a temática das favelas. Apenas em 2007 foi criado o primeiro programa de pós-graduação em Antropologia na UFMG.

²⁷ Tomada como uma “escola de pensamento”, ela pode ser caracterizada pelo conjunto de estudos urbanos sociológicos feitos por alguns autores expressivos nos EUA, entre os anos 40 e 50, dentre os quais destaco Robert Park, Louis Wirth, Oscar Lewis, Howard Becker e Ervin Goffman pela influência nos estudos brasileiros. Para ver mais BECKER, Howard 1996.

tomadas como ZEIS, dependendo de seu grau de urbanização, mas vistas comumente como Favelas. Durante o processo de oficialização dos nomes de cada uma das ZEIS, empenhado pela prefeitura, o termo vila tem sido preferido tanto por técnicos quanto por moradores, a fim de subtrair, ainda que parcialmente, os estereótipos acumulados em torno do termo favela ao longo das últimas décadas, sobretudo com o advento do tráfico de drogas que vem ressignificando o lugar da pobreza, acentuando seu potencial de violência.

Por um lado, entendo que o reconhecimento do direito à cidade, logo nos primeiros anos da inauguração de Belo Horizonte, tenha garantido a população de baixa renda não apenas a permanência nas regiões invadidas, mas, sobretudo, maior participação política nas decisões locais. Por outro lado, suponho que a relevância de um contínuo de ações integradas nas favelas possa dar-se, atualmente, muito mais em função daquele que, hoje, constitui-se como um dos mais preocupantes problemas urbanos, a violência.

A transformação de becos em ruas, abertura de vias de acesso rápido a grandes avenidas, construção de moradias verticais ou concessão de propriedade de terrenos são ações que podem refletir um duplo sentido. Cria mecanismos de maior acesso e controle das zonas invadidas, ao passo que também oferece às famílias habitantes o reconhecimento de propriedade, moradia de qualidade, disponibiliza serviços básicos de saúde e educação, áreas de esporte e lazer.

E em todo o processo de elaboração e implementação de políticas no município, o Sistema de Informação Georeferenciada (SIG) tem aparecido como a principal ferramenta viabilizando ações integradas entre executivo, judiciário e comunidades locais. Tanto em questões relativas à urbanização e serviços, quanto no monitoramento e controle da criminalidade. No tocante a essa última, por exemplo, Beato (1998), afirma que “*a confecção de mapas da criminalidade desloca a análise dos criminosos para o delito propriamente dito*”, não tomando o crime de modo geral, mas sim as condições de incidência de determinados tipos de crime, possibilitando o planejamento de ações preventivas.

O Programa de Controle de Homicídio (Fica Vivo), por exemplo, sobre o qual darei maiores detalhes posteriormente, é visto hoje como uma das mais importantes ações e de grande envergadura do governo do estado. Foi criado sob essa perspectiva “comunitária”, criando espaços de interlocução local com diferentes segmentos sociais presentes na “comunidade” lideranças políticas, juvenis e religiosas. O programa busca constituir uma rede de proteção aos adolescentes e jovens. Subjacente à idéia de prevenção está a preocupação com as vítimas da violência que, em se tratando do contexto de favelas, majoritariamente, decorrem de homicídios, cujo principal grupo, tanto de

vítimas quanto de autores, são jovens. As hipóteses analíticas para determinados delitos e tipos de crime têm sido as configurações da desigualdade das condições sócio-econômicas, para as quais a comunidade tem se mostrado unidade privilegiada de compreensão do fenômeno da violência (BEATO, 1998). Entretanto, a disponibilidade georeferenciada dos dados de criminalidade não corresponde às áreas entendidas como comunidade como gostaria Beato (1998) ou vizinhança como diria Park (1917).

Sendo assim, à medida que entendemos o modo como toda essa produção de dados, mapas, diagnósticos e avaliações da evolução urbana, seus problemas imprevisíveis e soluções, faz-se a partir da cartografia da cidade, não fica difícil entender porque os técnicos e acadêmicos de Belo Horizonte assumem a favela a partir de seus indicadores sociais espacializados. Ora, até muito recentemente, as favelas eram tomadas como um setor subnormal, como o IBGE costuma designar desde 1950 pela *“inexistência de propriedade da terra, uma vez que se localizam em terrenos baldios, loteamentos clandestinos, morros e encostas, habitações construídas sem traçado nem arruamento, em número superior a cinquenta e destituídas de serviços públicos essenciais”*. Após implementação do Plano Diretor e das alterações na lei de uso do solo foram criadas as Unidades de planejamento, entre as quais nove aglomerados já estão considerados como tais. E, finalmente, com a melhor definição de áreas homogêneas, dos índices de vulnerabilidade social e do IQVU a partir do censo de 2010, a delimitação das favelas de Belo Horizonte será dada como um setor censitário, garantindo, portanto, que a noção de comunidade possa ser empregada em todo o perímetro de ocupação das vilas e favelas, com suas taxas de pobreza, dos índices de violência e criminalidade, dos graus de acesso a serviços e bens, dos níveis de participação política, de diferentes produções artísticas e culturais e, porque não dizer, de todas as suas vulnerabilidades.

Por um lado, reconheço que essa tecnologia representa importante avanço, não apenas no tratamento dos dados, mas, sobretudo, na disponibilidade em que é posto a gestão pública. Significa um enorme facilitador ao trabalho dos gestores urbanos terem todo perímetro da favela como um único setor censitário. Mas fica absolutamente impossível não indagarmos sobre o quanto a mensuração dos fenômenos de ocupação urbana é capaz de elucidar sobre as práticas e as distintas maneiras de uso e apropriação do espaço urbano em suas dimensões sociais, culturais, históricas e políticas. Posto que, essa tem sido a forma predominante de olhar e pensar a favela, bem como os fenômenos sociológicos ao seu território relacionado.

Nos últimos vinte anos, políticas de urbanização e melhorias das residências em regiões faveladas têm sido um contínuo nas metrópoles brasileiras. Há muito já não é possível evocar o

termo favela para nos referir, exclusivamente, ao modo de ocupação do solo e o tipo de construção das casas. Sociologicamente, o termo favela tem dimensionado um fenômeno que extrapola o uso irregular do solo ou mesmo as ilegalidades a ela associadas. Antony Leeds (1978), um dos expoentes na formação do campo de estudos antropológicos urbanos no campo brasileiro, apontou que as favelas poderiam ser caracterizadas por suas “*redes altamente complexas de diversos tipos de relações*”. Autores como ZALUAR (1996, 1999) e ALVITO (1998) têm, constantemente, chamado a atenção para a importância de desconfiar das homogeneizações decorrentes de certo congelamento das representações sobre as favelas. As complexidades das relações indicam, por vezes, a diversidade das mesmas, ainda que em espaços reduzidos geograficamente. A presença de práticas ilícitas e violentas, como aquelas inscritas nas dinâmicas do tráfico de drogas, potencializa discursos e representações aglutinadores de um universo de comportamentos ilegais em áreas ocupadas irregularmente.

A tomada, portanto, da ocupação irregular do solo, como favela de modo genérico, ainda que as ZEIS sejam específicas para diferentes níveis de urbanização e ocupação, a meu ver não implica em nada menos do que uma sobre-representação das favelas. Pergunto-me, com afinco, até que ponto essa sobre-representação das favelas não tem diluído, por diferentes pontos de Belo Horizonte, os estigmas, estereótipos e representações que comumente evocam práticas, situações e cenários possivelmente encontrados em menos de 5% das localidades. Áreas essas que são apontadas nos noticiários pelos altos índices de homicídio ou, mais recentemente, pelas ressignificações sociais e soluções locais alternativas ao crime e ao tráfico.

Contudo, sejam pelas ausências ligadas à pobreza que configuram condições objetivas de oportunidade, sejam pelas presenças de alternativas criativas que criam novos campos de possibilidades, as intervenções significativas de projetos sócio-culturais ou mesmo de prevenção da violência e criminalidade, por governos ou ONGs, somente podem ser encontradas nos grandes aglomerados que, inclusive, já são assumidos como uma unidade de planejamento como mostra a figura abaixo. Isto reduz, sensivelmente, o universo de atuação do governo estadual e municipal de Belo Horizonte, reservando quase 60% do que hoje é entendido como favela, para as velhas e já conhecidas intervenções urbanísticas da moderna capital mineira.



FIGURA 8 - Belo Horizonte por UPs
 FONTE PBH, 2006

Desse modo, torna-se adequado dizer que a noção de favela em Belo Horizonte se faz de modo muito mais instrumental, a fim de tornar tais espaços suscetíveis à implementação de políticas tanto sociais quanto urbanísticas, culminando na já referida obsessão pela técnica. Pois esses estudos assumem perspectivas analíticas tão amplas que, no geral, desconsideram a singularidade com que em cada uma destas favelas os sujeitos estabelecem relações, seja em seus próprios territórios, seja em outros cenários da cidade. Práticas e comportamentos que poderiam elucidar marcas, códigos, processos simbólicos ou de subjetivação específicos de determinados contextos ficam diluídos no universo das favelas belorizontinas. Há, portanto, uma ausência lamentável de estudos significativos sobre os diferentes tipos de relações sociais entre as populações faveladas, não apenas no perímetro de suas ZEIS, mas, sobretudo, em outros territórios da cidade, sobre os quais sujeitos de diferentes regiões da cidade circulam, trocam, disputam e socializam.

Entretanto, é possível encontrar mais recentemente alguns poucos trabalhos que considero fundamentais ao deslocamento do olhar sobre as favelas belorizontinas. Ainda que nenhum deles problematize a própria definição do termo e o modo como ele circula e é apropriado em diferentes tipos de análises e intervenções, há um esforço significativo em falar de práticas, representações e processos simbólicos entre sujeitos favelados que prescinde uma inscrição demográfica no território ocupado por eles.

O guia cultural das favelas, de Clarice Libânio (2004), por exemplo, apresenta um panorama interessante de um dos modos como as favelas têm enfrentado sua escassez, apropriando-se de diferentes espaços de diálogo e promoção de uma “cultura de favela”, tendo feito registro de 740

grupos culturais que envolviam quase 7000 pessoas, entre os quais 20% vivem exclusivamente de sua arte. A autora organizou as atividades em oito grupos (artes plásticas, artes visuais, artesanato, dança, folclore e religiosidade, literatura, música e teatro), destacando a variedade das produções artísticas e culturais, bem como os espaços de formação²⁸ e divulgação dessas atividades, constituindo, por um lado, um circuito de lazer, cultura e formação profissional e, por outro, ambientes de contestação e ressignificação dos lugares da favela e dos favelados na cidade, especialmente contra aquelas, já referidas, visões dogmáticas que sintetizam o fenômeno da favela. As dissertações de Filgueiras (2009) e Coura (2009) são outros exemplos dessa importante tentativa, ainda que estejam as duas realizando análises no escopo da pobreza, há uma sensibilidade investigativa que deixa de falar “por” para falar “com” os sujeitos moradores de favelas.

O estudo de caso da Vila Monte São José, que se chamava morro do Querosene, quando visitei no contexto de outra investigação, foi realizado por Filgueiras (2009) de modo muito curioso. Partindo do pressuposto de que o espaço físico é expressão do espaço social a autora buscou entender o processo através do qual, variáveis eminentemente físicas, tais como construção da moradia, urbanização, regularização fundiária e tamanho do território, participam do processo de constituição de imagens sobre favelas no imaginário de seus moradores. O resultado foi a observação de um esforço contínuo dos moradores em desassociar, não apenas, o termo favela, mas, sobretudo, o estigma a ela relacionado de seus lugares de residência, evocando sempre o bairro vizinho como lugar de pertencimento. A Vila Monte São José tem uma população de menos de mil pessoas distribuídas em cerca de duzentos domicílios. Uma entre dezenas localidades de Belo Horizonte que está contornada por bairros, ou melhor, por setores normais, nos quais as políticas de urbanização não têm inspirado em seus moradores o mesmo reconhecimento de pertença a um território favelado como ocorre nos grandes aglomerados. Pelo contrário, muitos deles se veem como pertencentes a “vida” dos bairros vizinhos, sem diferenciação alguma entre morar nesta ou naquela rua, afinal tudo é o mesmo bairro. É, também, verdade que esse esforço vai de encontro ao estigma a eles inculcado, pois, embora possam ser moradores do mesmo bairro, a relação com a vizinhança é, marcadamente, desigual e hierarquizada considerando que a grande maioria dos

²⁸ A autora destaca dois projetos de formação e divulgação cultural nas favelas de Belo Horizonte. O Arena da Cultura, realizado desde 1998 pela Secretaria (atual Fundação) Municipal de Cultura de Belo Horizonte, nas nove regionais da cidade. Concentrando suas ações nas áreas de formação, capacitação e difusão cultural, com foco em jovens, adolescentes e adultos. O outro projeto chamado Guernica foi criado no ano de 1999, e buscava constituir-se como um espaço de estudo e pesquisa sobre a pichação urbana, a questão do patrimônio, do urbanismo e da história, direcionando e oferecendo oficinas de técnicas artísticas do grafite.

residentes da vila trabalha para os seus “vizinhos”.

O trabalho de Coura (2009) segue semelhante linha analítica. Atenta às representações sociais que jovens moradores de periferias, constituem sobre processos de diferenciação social no espaço urbano, bem como em suas vivências cotidianas. A autora partiu do pressuposto de que o lugar de moradia e sua dinâmica interferem no modo como os jovens se reconhecem e interagem nos espaços da cidade. Fazendo uso de observações, entrevistas em profundidade e grupos focais, a autora traz uma rica análise sobre o modo como jovens de diferentes trajetórias subjetivam experiências marcadas por alto nível de segregação sócio-espacial. Embora o caso do Conjunto Taquaril tenha sido apenas ponto de partida para uma reflexão mais ampla sobre processos de marginalização, o tratamento dado às narrativas dos jovens trazem um fôlego novo e inspirador à propostas investigativas mais singularizadas das experiências e das subjetividades em contextos fortemente marcado por diferenças.

O Conjunto Taquaril é o lócus privilegiado também para as reflexões que esta investigação se propõe. Nesse contexto de políticas de habitação, já consolidadas, para populações de baixa renda, intervenções urbanísticas, ações preventivas de violência e um sem número de projetos sociais. Projetos esses implementados para promover qualificação profissional, autonomia financeira, aprendizado sobre direitos civis e cuidados de si e, principalmente, um contexto de produção técnica e científica de cunho predominantemente macro-sociológico. Pretende-se, aqui, explorar o modo através do qual são constituídas as diferentes trajetórias afetivas e sexuais entre jovens residentes de uma favela belorizontina. Desse modo, passo agora à caracterização do Conjunto Taquaril de modo a circunscrevê-lo no contexto de favelas do município de Belo Horizonte, bem como constituir um pano de fundo para as reflexões propostas nos capítulos seguintes.

1.3 Taquaril: um território de vários pedaços

Este capítulo foi aberto com minhas notas de campo em visita à feira de artesanato, na praça do Taquaril, num domingo de 2008. Minhas primeiras observações me instigaram lançar vôo para além daquele ponto no tempo e no espaço. Supondo que não seria possível compreender o cenário político e institucional do lócus desta investigação, tentei recuperar elementos na história de Belo

Horizonte e de suas políticas de habitação que possibilitassem situar as cenas e os sujeitos descritos. Neste momento proponho-me a proceder a um tranquilo, mas não menos inquietante pouso no território do Taquaril com suas próprias histórias, atividades e dilemas.

De conjunto habitacional à zona de especial interesse social, o Taquaril é hoje um dos nove grandes perímetros urbanos de Belo Horizonte, ocupados por populações de baixa renda. Apresenta um alto índice de vulnerabilidade social (IVS de 0,77) e relativo acesso à equipamentos e serviços de qualidade para uma vida urbana (IQVU de 0,42).

Essa localidade soma hoje, segundo as estimativas da URBEL, uma população de quase trinta mil moradores vivendo em uma área de 1.042.483 m². Um estudo realizado em 2005 (CHACHAM *et al*, 2007), com mulheres de 15 a 24 anos, indicou que a declaração de brancas, pardas e pretas foi de 16%, 52% e 28,9% respectivamente. E quanto às católicas, evangélicas e sem religião declararam-se 49,2%, 36,8% e 12,9% respectivamente²⁹. A maioria dessas jovens vive com seus familiares em residências próprias. Embora pequenas (4 cômodos em média), as casas são de alvenaria e a grande maioria tem acesso a eletricidade, água encanada, sistema de esgoto e coleta do lixo. Com a renda mensal média em torno de um salário mínimo e meio (no valor de R\$ 260,00 reais na época da pesquisa), a renda média mensal per capita ficou em torno de R\$ 80,00, posto que em cada domicílio há cinco pessoas em média. Ficando, portanto, a maioria dos membros dessa localidade bem próxima do nível de pobreza estabelecido pela ONU de US\$ 1,00 (R\$2,00) ao dia per capita.

Mais de um terço de todas as jovens entrevistadas reside em domicílios chefiados por mulheres. A renda mensal dos domicílios chefiados por mulheres é mais baixa, embora os domicílios chefiados pelas mães das entrevistadas tenham, em média, uma renda mais elevada tanto daqueles chefiados pelos maridos das jovens, quanto dos chefiados pelas mesmas. Apesar disso, as adolescentes e as mulheres jovens que viviam em domicílios chefiados por suas mães tinham os mesmos níveis de escolaridade que aquelas que vivem nos chefiados pelos pais e níveis mais elevados do que aquelas vivendo com seus maridos ou sozinhas. Os domicílios com as jovens mais pobres e menos escolarizadas são aqueles chefiados pelas próprias entrevistadas: entre as casas com renda menor do que um salário mínimo por mês, 14,1% são chefiados pelos pais das respondentes, 25% por suas mães, 32,5% por seus maridos e 62% pelas próprias respondentes.

²⁹ Este estudo contou com entrevistas de 357 mulheres com idade entre 15 e 24 anos. A coleta foi feita através de amostra aleatória em 14 setores subnormais do Conjunto Taquaril. Os dados foram sistematizados e analisados através do software de análise estatística SPSS.

Apesar dos altos níveis de pobreza, o fácil acesso às linhas de crédito resulta na presença significativa de bens de consumo em todas as casas: a maioria delas tem uma TV, um rádio, um refrigerador e um fogão. Mais da metade tem uma máquina de lavar e telefones celulares, e alguns têm um carro e computador.. Esses dados mostram que não há homogeneidade embora toda área seja ocupada por população de baixa renda. Coexiste na mesma área famílias com níveis muito diferentes de potencialidade de ganho e acesso aos recursos econômicos e sociais.

O próprio processo de ocupação e urbanização nos revela a disparidade interna das condições de moradia pelas famílias. Enquanto, atualmente, muitas famílias já gozam de maior acesso a serviços, a titulação de seus terrenos inclusive de maior prestígio, dada à valorização dos terrenos em áreas urbanizadas como no B, e a alteração de status na localidade entre os que nela residem. Outras famílias que estão “lá onde moram os pés vermelhos”, como costumam se referir aos setores pertencentes ao Município de Sabará, por exemplo, não têm nenhum tipo de arruamento, rede de esgoto, nem mesmo a presença de atividades culturais, esportivas ou educacionais como veremos no próximo capítulo. Embora a figura abaixo não contenha informações sobre as curvas de nível do terreno, ao olharmos com atenção veremos que ao centro, seguindo no sentido oeste e nordeste há uma grande área acidentada que impossibilita uma ocupação contígua como nas Zonas A e B, R, castanheiras e Sabará. A concentração de ruas paralelas nas zonas A e B se dá, justamente, nos dois pontos de maior latitude do conjunto e são também os mais urbanizados. Como uma espécie de cinturão, as ruas paralelas são contornadas e no sentido perpendicular foram construídas algumas ruas e muitas escadas obrigando os moradores a enfrentar íngremes trajetos para se deslocar por lá. Do lado esquerdo da figura está o Bairro Taquaril e do lado direito, ao norte e sul da figura, estão os setores 12 e 14, pertencentes ao município de Sabará e o Castanheiras as últimas áreas a serem ocupadas.



FIGURA 9 - Vista aérea do Taquaril com indicação das regiões
FONTE: Google Earth, 2010.

A política de habitação, que deu origem ao Conjunto Taquaril no ano de 1981, caracterizou-se pelo parcelamento dos lotes e a simples “doação” para que duas mil famílias construíssem suas casas, ainda que a demanda pelo Movimento dos Sem Casa³⁰ fosse para oito mil famílias. Sem devida infraestrutura, com terreno considerado geologicamente impróprio para habitação, com riscos de deslizamento e outros, as famílias não contempladas continuaram invadindo as áreas ao redor e desbravando a mata, margens de córregos e foram construindo suas casas. Através de mobilizações que contaram com forte apoio da pastoral das favelas bem como das comunidades eclesiais de base, a população aos poucos teve acesso à serviços públicos como energia elétrica, água encanada e pavimentação de algumas das ruas.

Em 1997, durante a implementação do Plano Diretor, foram construídas pela prefeitura, próximo ao Taquaril e às margens do Rio Arrudas, as primeiras unidades habitacionais do chamado Granja de Freitas, que hoje contam com cerca de mil residências, um posto de saúde e uma creche. Embora não tenham sido todas elas destinadas às famílias do Taquaril, os moradores contam que foi a maioria. Atualmente, ocorre uma nova intervenção pela prefeitura com obras do Programa de Aceleração do Crescimento do Governo Federal (PAC), entre as quais está sendo feita a construção de unidades habitacionais, terraplenagem, drenagem, contenções, pavimentação, saneamento básico/remanejamento de redes existentes, realocação de serviços de iluminação pública, tratamento

³⁰ Movimento articulado a partir do Centro de Ação Comunitária do Alto Vera Cruz, vizinho do Taquaril.

de encostas e de áreas remanescentes (RELATORIO ANUAL PBH 2008).

Atualmente, o Taquaril³¹ conta com três escolas de ensino fundamental, das quais duas delas participam do Programa Municipal Segundo Tempo na escola, cujo objetivo é atender, em tempo integral, realizando atividades suplementares (no período em que lá morei havia uma escola estadual sendo construída para alunos do ensino médio). Há, também, dois postos de saúde, duas Igrejas Católicas e uma Evangélica³². Nessa última funciona o refeitório popular que é coordenado junto a várias outras atividades realizadas pelas Secretarias Adjuntas de Abastecimento e Assistência Social da Secretaria Municipal de Políticas Sociais da Prefeitura de Belo Horizonte. Quanto ao transporte público, encontram-se bem servidos, sendo cinco linhas no sentido bairro-centro-bairro.

A definição do Conjunto Taquaril como uma Zona de Especial Interesse Social 3, não o caracteriza como área vulnerável apenas em relação às condições de moradia, mas, também, quanto aos riscos sociais associados a esse tipo de ocupação. Os estudos de violência e criminalidade em Minas Gerais têm apostado no pressuposto de que sua incidência está fortemente associada à desigualdade de condições sócio-econômicas (BEATO, 1998), tendo o Taquaril, apresentado altas taxas de homicídio, chegando a ficar na quarta posição nas áreas de maior incidência, entre janeiro de 2005 a maio de 2008. Desse modo, programas de prevenção e projetos sociais têm sido implementados, predominantemente, destinados aos jovens e adolescentes. Esses não apenas são tomados como principais suspeitos, mas, também, como vítimas desses homicídios. Os projetos sociais buscam três metas basicamente: sensibilizar os pais e filhos da importância de terem seu tempo ocupado com atividades de naturezas diversas; uma vez dentro dos projetos o desafio torna-se mantê-los interessados e motivar a criação de projetos pessoais futuros; através de diversas oficinas de lazer e profissionalizantes para os fins de semana, os projetos disponibilizam seus espaços para realização de outras atividades conforme a necessidade dos moradores.

O mapeamento de Gerson&Souza, realizado em 2008, revelou que havia sete projetos sociais, do governo estadual, municipal, igrejas e também de ONGs, desenvolvendo variadas atividades em treze pontos do conjunto. Cursos e oficinas relacionadas a profissionalização, geração de renda, apoio pedagógico, cuidados de si, cidadania, arte, cultura, esporte e lazer. Com a presença do Centro de Referência em Área de Risco (CREAR), desde a implementação do Plano Diretor e o

³¹ Embora a prefeitura diferencie o conjunto do bairro vou descrever os equipamentos como pertencentes ao Taquaril somando conjunto e bairro, pois para os moradores tudo é visto como um único lugar no qual eles circulam e tem acesso.

³² A despeito da prefeitura não contabilizar, foram observadas a existência de pelo menos cinco igrejas pentecostais durante a pesquisa de campo.

recente programa de prevenção de homicídios (Fica Vivo), as atividades que pareciam pontuais constituíram-se em uma rede de proteção aos jovens e adolescentes.

Os técnicos da prefeitura, responsáveis pelo CREAM, buscam manter estreito diálogo com diversas lideranças do Taquaril. Atualmente, existem oito associações comunitárias. Suas reuniões periódicas para conduzir, junto com a população local, o processo de urbanização e regularização fundiária contam com a presença de representantes das associações, professores das escolas, agentes de saúde, integrantes das igrejas, jovens do grupo de mobilização do Fica Vivo e a quem mais se interessar³³. Com certa regularidade são oferecidos cursos de formação para agentes que queiram trabalhar na prevenção das áreas de risco geológico, conscientizando as famílias, propondo alternativas e viabilizando a remoção quando necessária.

O Fica Vivo, por sua vez, também busca uma atuação ramificada. Atuante no Taquaril, desde abril de 2005, ele se constitui de uma estrutura complexa que envolve o executivo, o judiciário e o legislativo do estado de Minas Gerais, com dois eixos básicos de atuação. De um lado, a *Intervenção Estratégica*, e de outro, a *Proteção Social*. O primeiro tem como tarefa articular e promover a integração dos órgãos do sistema de defesa social e justiça criminal, responsabilizando-se, também, pela realização de estudos técnicos e capacitações dos representantes das instituições do sistema de justiça criminal, que estabelecem parceria com o programa. Assim, operações ostensivas da polícia nos pontos de venda de drogas, apreensão de armas e rápida expedição de mandados de busca, apreensão, julgamento e execução de penas para os infratores, ocorrem com maior velocidade e eficiência. Também pertence a esse eixo a equipe de patrulhamento comunitário³⁴, com ações rotineiras e sistemáticas a fim de estimular o estabelecimento de relações de confiança e alterar a visão negativa comumente empregada pela polícia. Já o eixo de Proteção Social, constitui-se a partir de ações de atendimento e de trabalho em rede local. Os atendimentos são destinados a jovens na faixa etária de 12 a 24 anos e visam favorecer a construção de modos de vida distintos do envolvimento direto com a criminalidade. Realizados pelo Núcleo de Prevenção à Criminalidade, instalado na localidade, sua equipe é formada por técnicos e estagiários de formação nas áreas de psicologia, serviço social, ciências sociais e direito. Seus instrumentos de atuação são oficinas,

³³ O CREAM parece ser uma importante referência interna. Na minha primeira semana morando no Taquaril fui levada a uma de suas reuniões para que pudesse ser apresentada e ter meus acessos facilitados no conjunto. Porém, como não me interessavam contatos institucionais para aproximação dos jovens não voltei às suas reuniões.

³⁴ Embora as primeiras equipes de patrulhamento comunitário tenham sido implementadas em 1993, somente com o Fica Vivo ele foi levado às favelas. Porém, trabalhos recentes, têm mostrado que o estreitamento das relações esperadas entre policiais e moradores não tem ocorrido. (SILVA, 2006).

atendimentos psicossociais, projetos locais e a formação de multiplicadores e grupos de jovens.

As oficinas são o carro chefe do programa, ocorrendo em diferentes locais, seja nas regiões do A, B e R, atendendo também no setor 12, no Castanheiras e até mesmo nos vizinhos Granja de Freitas e Alto Vera Cruz. Elas são ofertadas por oficinairos da própria localidade e são definidas conforme a demanda dos jovens. No momento da pesquisa, o núcleo ofertava oficinas de música, rádio e comunicação, percussão, dança de rua, axé, capoeira, vôlei, futebol feminino e masculino, forró, bijuteria, artesanato e uma itinerante, com visitas regulares a todas as outras, chamada *Afetividade e Sexualidade*. Os objetivos norteadores do programa têm foco principal na prevenção da criminalidade, mas também visam facilitar a circulação dos jovens, em alguns casos restrita pelas disputas de territórios ou mesmo impossibilitada sob ameaça de morte. Nesse sentido, os jovens são atendidos em suas próprias casas por um grupo de outros garotos que levam vídeos, jogos e temas para debate. Potencializar o acesso dos jovens aos serviços e aos espaços públicos, também faz parte do programa, de modo que, são organizadas algumas visitas a pontos turísticos da cidade, apresentações de teatro e cinema. Temas relacionados à cidadania e aos direitos humanos são trabalhados de modo transversal nas atividades do núcleo, mas também são organizadas palestras abertas aos moradores do conjunto. A criação de espaços de discussão e resolução de conflitos e rivalidades é outro objetivo que conta com apoio do Núcleo de Mediação de Conflitos do Tribunal de Justiça de Minas Gerais (DPSJ, 2009). Todas as atividades do núcleo são avaliadas e monitoradas continuamente.

Outra presença forte no conjunto é a Associação Providência Páscoa³⁵, uma entidade filantrópica que, através da Igreja São Vicente de Paula, atuante no Conjunto Taquaril desde 1993, realiza atividades direcionadas à crianças e adolescentes. Preocupados em oferecer o que chamam de uma formação sócio-política-ambiental-religiosa, o Providência fornece apoio pedagógico a crianças de 6 a 14 anos, oficinas de trabalhos manuais e conscientização sobre o Meio Ambiente. Há, também, um programa de musicalização que visa valorizar a sensibilidade. Para aquelas com mais de doze anos, são ofertadas oficinas de arte culinária, eletricidade, corte e costura, arte em madeira e informática, além de um ciclo de palestras e debates em torno de temas como drogas, família e direitos humanos, o Providência oferece, ainda, atendimento odontológico e noções básicas de cuidados com saúde bucal. Para os menores de cinco anos, há acompanhamento nutricional e

³⁵ A Associação Projeto Providência é uma entidade filantrópica de utilidade pública federal que desde 1993 atua no Conjunto Taquaril com atividades direcionadas a crianças e adolescentes em situação de risco social e pessoal.

orientação aos pais quanto a alimentação e cuidados adequados.

Vale também destacar o Programa Cidadãos Planetários, mantido pelo Instituto Pauline Reichstul³⁶ que, desde 2003, desenvolve atividades com objetivo de contribuir para o desenvolvimento local integrado e sustentável de comunidades ditas vulneráveis como o Taquaril. O interessante desse programa é que, para além de suas próprias atividades, o espaço cultural por eles constituído tornou-se uma referência para realização de várias outras pelos próprios jovens. Apresentações teatrais e filmes como foi no último ano parte da programação do festival de curta-metragem de Belo Horizonte. Algumas oficinas do Fica Vivo também ocorrem nesse espaço, como as de forró e artesanato.

Por último, identifico o Centro de Apoio ao Adolescente da Cruz Vermelha em MG que através de processo seletivo e avaliação socioeconômica capacita jovens com idade de 15 a 16 anos e os encaminha para o mercado de trabalho a partir de vários convênios com instituições públicas e privadas. Embora o projeto não desenvolva atividades no Taquaril seu programa seleciona muitos jovens que lá residem.

Como dito anteriormente, muitas são as atividades desenvolvidas para “ocupar” o tempo dos jovens, bem como oferecer uma conscientização cidadã e de cuidados de si. Mas no Taquaril, há, também, outras questões que fogem às “vulnerabilidades” inculcadas aos jovens, como são as atividades focadas no comércio local, por exemplo. A realização da feira de artesanato é um esforço significativo da associação comercial que visa fortalecer e estimular os comerciantes. Outra iniciativa tem sido a busca de parcerias com empresas do ramo privado que possam oferecer cursos de empreendedorismo, visando não só a abertura de novos negócios, mas, também, a manutenção próspera dos já existentes. A rede de serviços no Taquaril é pequena se limitando aos ramos de alimentação com dois pequenos supermercados. Mas há, também, uma ou duas lojas de verduras e frutas, açougue, depósito de construção e farmácia. No setor de serviços, encontramos casas de jogos, como videogames e *lan house*, salão de beleza e consertos de eletrônicos. De modo geral, os moradores do Taquaril vão até o Alto Vera Cruz quando precisam de artigos de papelaria, roupas, calçados, eletrônicos e outros, pois como dizem *no Alto só não tem banco, o resto tem tudo*. Ainda que muitos projetos promovam atividades culturais para os jovens e adolescentes atendidos, os

³⁶ O Instituto Pauline Reichstul desenvolve, desde 2003, o Programa Cidadãos Planetários – Jovens Empreendedores com o objetivo de contribuir para o desenvolvimento local integrado e sustentável de comunidades com foco em jovens de 18 a 28 anos que vivem em situação de vulnerabilidade social na cidade de Belo Horizonte. Informações disponíveis no site: www.institutopauline.org.br

moradores, em geral, não têm muitas opções de lazer ou diversão, que não sejam aquelas criadas em suas próprias redes de sociabilidade.

Anseio, contudo, não ter simplificado demasiadamente, com descrição incipiente esse lugar que, tendo constituído-se num cenário de disputas, revelador de muitas fragmentações, gerou, também, muitas solidariedades. Homens e mulheres que buscavam um “um cantinho pra chamar de seu” e viver com suas famílias, encontraram parceiros e também desafetos. Pois, não apenas as negociações com a prefeitura, mas naquelas internas, em torno das próprias demandas do conjunto, geraram conflitos e muitas cisões, como efeito o conjunto tem hoje oito associações comunitárias. De todo modo, minha experiência com Dona Nélia e vários outros moradores e lideranças no Taquaril foram motivo de muita inspiração para as críticas, possivelmente muito duras aos olhos de uns, que tentei de modo mais cuidadoso possível empregar, aos efeitos de um modo específico de lidar e, sobretudo, significar as favelas que aqui foram chamados de uma obsessão pela técnica.

Süponho que criar condições básicas de moradia, bem como maior acesso a equipamentos e serviços públicos, no que se refere ao chamado direito à cidade, deve ser algo muito semelhante do que foi observado aqui, mas estou certa de que, também, não se restrinja a urbanizar e normatizar o uso do solo das cidades. Uma noção de espaço público nos centros urbanos que implica em certa higienização do mesmo, abrindo ruas, corredores, normatizando seu uso e apropriações sem que seja somada a incorporação dos sentidos dados a eles, por seus usuários e uma abertura para outros tipos de processos de produção não só de espaços, mas, também de significados, parece-me ser as mesmas e já velhas práticas de implementação de um projeto moderno típico do século passado.

A circunscrição das favelas em perímetros urbanos claramente definidos, parece-me funcionar, hoje, com o mesmo sentido que foi a avenida do contorno na fundação da cidade. Porém, as tecnologias de informação espacializadas possibilitam oferecer serviços básicos de saúde, educação e lazer para que o deslocamento, as trocas e fluxos continuem a ocorrer predominantemente nas áreas internas de cada território, urbano e suburbano. Contudo, veremos no capítulo a seguir que os jovens pertencentes a esses territórios constituem trajetos que possibilitam tanto a expansão desses territórios quanto circulações singulares circunscritas a ele experimentando sensações, condutas e posicionamentos transversais ao próprio espaço simbólico favelado.

O capítulo seguinte tratará, portanto, das experiências e modos de circulação dentro e fora do Taquaril, indicando as diferentes redes de sociabilidade que se constituem nos variados circuitos de lazer em que estão dispostos os jovens dessa localidade.

CAPÍTULO 2

TERRITÓRIOS, TRAJETOS E SOCIABILIDADES JUVENIS.

Há cerca de quarenta anos, enquanto a maioria dos estudos sociológicos nas periferias das grandes cidades brasileiras levantava questões sobre os modos de organização associativa, mobilização social, capacidades de consumo ou acesso a serviços públicos, alguns outros começavam a chamar atenção para temas, aparentemente, menos importantes como o lazer (DURHAN, 1986). Esses, porém, mostraram-se indubitavelmente ricos no que diz respeito às reflexões sobre sociabilidades, constituição de simbolizações e representações sociais³⁷.

No que tange ao campo da chamada Antropologia Urbana brasileira, aponto como principal referência à investigação de José Guilherme Magnani em 1982, na periferia de São Paulo, cuja discussão em torno das distintas formas de apropriação e circulação no espaço urbano resultou, posteriormente, na elaboração de uma gramática analítica específica. Entretanto bastante rentável em outros contextos de modo que os chamados “circuitos”, “manchas”, “pedaços” e “trajetos” tenham se tornado chaves analíticas consideráveis a todo um conjunto de pesquisas que seguiu, na esteira desta, observando distintas configurações urbanas, entre as quais, identidades e práticas similares vão encontrando cenários oportunos para suas expressões. Grupos específicos têm tido centralidade nesses trabalhos, digo particularmente dos jovens ou das juventudes, dada irreverência potencial com que são vistas suas práticas de lazer na composição das cenas urbanas. Muito embora, as observações realizadas no Taquaril não tenham tido como foco um grupo específico de jovens, o pertencimento a um mesmo território físico e simbólico que, por sua vez, implica no compartilhamento de algumas condições, bem como de experiências, permite-me evocar algumas das categorias acima a fim de organizar, especialmente, seus distintos trajetos.

Uma outra etnografia, também pioneira, feita por Néstor Perlongher (1987), marcou significativamente o olhar antropológico sobre as cidades brasileiras e, sobretudo, sobre a configuração de seus territórios menos evidentes de circulação e usos para o prazer através dos sujeitos e suas práticas. Já podemos contar duas gerações de antropólogos brasileiros que,

³⁷ Estudos relativos à sociabilidades juvenis vem sendo realizados em centros urbanos desde o início do séc. XX tendo como expoentes iniciais os alunos de Robert Park, da chamada escola de Chicago, Louis Wirth e Frederic Thrasher preocupados com o que se chamou delinquência juvenil. Dos primeiros, outros estudos dedicaram-se a modos de sociabilidade juvenil e formação de guangues entre os quais destaco Willian Foote-White com seu livro *Sociedade de esquina* de 1943.

influenciados por Perlongher, têm produzido finas etnografias sobre as dinâmicas dos mercados dos prazeres, suas possibilidades e também limites³⁸. Muitos desses estudos, quando atinados a essas conformações espaciais ou as ditas zonas morais³⁹ como fez Perlongher, indicam diferentes constituições quanto às experiências do gênero, da sexualidade, de cor/raça, de classe e outras dimensões da vida social cujas diferenças têm, por vezes, implicado em experiências marcadas, também, pela desigualdade.

Ao assumir o lazer como um tempo sociológico, de experimentação e descobertas fundamentais aos processos de aprendizagem de/sobre as relações sociais (DAYRELL, 2003), suponho que tratar dos trajetos compostos pelos jovens do Taquaril possa nos ajudar a compreender a maneira pela qual, entre deixar de ser criança e tornar-se adulto, eles ritualizam um conjunto de práticas indexadoras de um *devoir* próprio da condição juvenil. Há diferentes imagens que se formam sobre juventudes, suas práticas e “culturas”, sejam os jovens pertencentes a um momento transitório da vida, ou de modo mais romântico, aqueles que estão imbuídos de uma liberdade complacente com seus erros e experiências hedonistas, ou mesmo circunscritos a uma vivência cultural efervescente. Contudo, todas elas falam do modo como se dão as experiências relacionadas a um período da vida, ainda que não delimitado cronologicamente, de modo a evidenciar os sentidos e implicações de suas ações à entrada na vida adulta. Desse modo, a juventude é entendida, aqui, como um processo, no qual há concorrência de um conjunto de elementos para a autonomização (material e afetiva) dos sujeitos (KNAUTH, 2006). Esses elementos se refletem em eventos fundamentais à entrada da vida adulta, tais como escolarização, profissionalização, relacionamentos afetivo-sexuais e também conjugalidade – que não mais se limita às relações heteronormativas, já que seu reconhecimento é um fato novo na construção das identidades homossexuais (GROSSI, 2003).

Ater-me-ei, portanto, às características dos trajetos que possam revelar aspectos dessa autonomização afetiva entre os jovens pesquisados. Adianto, desde já, que essa não é uma escolha meramente metodológica que recai sobre o recorte analítico, pois já na apresentação deste trabalho, indiquei as afinidades teóricas com as quais tenho refletido sobre a problemática da noção de sujeito, bem como de sua sexualidade. Seja pela complexa modelagem intersectada de diferentes dimensões

³⁸ Moutinho (2006); Aguião (2007); Lins (2010) e Gregori (2010) são exemplos significativos de trabalhos que observam práticas de prazer a partir da configuração de determinados espaços.

³⁹ A noção de zonas morais, empregada por Perlongher para compreender a configuração dos territórios dos Michês em São Paulo foi cunhada por Robert Park em 1912 com intuito de definir áreas de segregação espontânea em torno de desejos comuns dos sujeitos nos centros urbanos.

sociais entre as quais se dão os processos de subjetivação dos sujeitos, seja pela centralidade com a qual a sexualidade tem sido compreendida em tais processos. De modo que minha preocupação primordial tem sido relativa aos mecanismos dos processos de subjetivação com os quais se reconhecer enquanto sujeito de desejo (FOUCAULT, 2006) possa estar marcado por experiências intersectadas a um conjunto de dimensões da vida social.

Desse modo, vale reforçar a noção em que a juventude possa ser pensada de modo mais amplo que uma faixa etária, como comumente se costuma associar. Na tentativa constante de não congelar essa categoria à pluralidade das experiências juvenis em seus distintos trajetos, chamarei, sempre que possível, especial atenção às particularidades dos diferentes fluxos dos sujeitos⁴⁰. Alguns autores localizam na experiência juvenil um ciclo decisivo para demarcação de diferenças de gênero no campo de identidade, já que tais diferenças podem potencializar criatividade e singularidade como podem tender a reproduzir divisões sexualizadas com conotação de assimetria e desigualdade (ABRAMOVAY; CASTRO & SILVA, 2004). Veremos, entretanto, que esse “ciclo” pode não ser perene ou pode até mesmo não existir, dependendo dos trajetos constituídos nas diferentes cenas urbanas.

De maneira ainda muito incipiente, podemos identificar, a partir das investigações de Magnani e Perlongher, duas frentes nos estudos antropológicos urbanos brasileiros. De um lado, temos a inscrição no espaço de determinadas práticas que evidenciam subjetividades, do outro, temos subjetivações constituídas no e a partir do espaço por onde sujeitos circulam e se apropriam. De outro modo, podemos dizer que a partir da investigação de Magnani aprendemos a ver a espacialização das identidades, o modo como similitudes se aglutinam ou dispersam nos espaços, enquanto que, através das observações feitas por Perlongher, fomos instigados a lançar os olhos ao modo como as zonas de interação podiam desvelar as diferenças e as desigualdades decorridas do tipo de relação estabelecida.

Entendo que as duas abordagens são complementares, no que afeta a leitura dos espaços e a constituições das subjetividades. Através delas, indicarei abaixo o que chamo de uma gramática dos espaços e, também, possibilidades interpretativas sobre o modo como o entendimento sobre sua circulação pode ser mediado pela leitura das marcas inscritas nos corpos. Junto a uma pequena

⁴⁰ Importante destacar que nenhum dos jovens entrevistados haviam tido ou mantinham no momento da pesquisa quaisquer relações com o tráfico de drogas. Muito provavelmente minha aproximação com lideranças comunitárias como o Toninho e projetos sociais tenha me disposto à experiências circunscritas a certas redes de sociabilidade às quais eles não pertenciam, ainda que nem todos entrevistados frequentassem atividades de tais projetos.

incursão sobre as categorias classificatórias dos espaços, serão apontadas diferentes relações que, com eles, podemos estabelecer sobre comportamentos e práticas, dentro e fora do Taquaril.

Ao final, pretende-se ter como produto dessa combinação, de um lado, os tipos de sociabilidades e interesses observados entre jovens do Taquaril organizados espacialmente, de outro, a indicação das variadas formas como as marcas de diferenças sociais são agenciadas, revelando experiências afetivas e sexuais muito particulares. Este capítulo tratará, portanto, de evidenciar o modo como determinados espaços de lazer e suas possibilidades para encontros afetivos e sexuais, sendo eles, destinados a esse propósito ou não, dão-nos pistas sobre as expressões das diferentes dimensões da vida social, que inscritas nos corpos, desejos e trajetos destes jovens, impõem e/ou possibilitam constituições de distintas trajetórias afetivas e sexuais.

2.1 A gramática dos espaços

Os territórios, para além de uma área geograficamente delimitada, estão ligados, também, a uma ordem de subjetivação individual e coletiva (GUATARRI, 1985). São zonas espaciais, reveladoras de práticas, pertencimentos, moralidades e convenções, partilhadas por grupos e indivíduos formadores e constitutivos desses territórios. Um território pode se dar em planos macro e micro-sociológicos. Podemos falar do território de uma nação, de uma cidade, de um grupo cultural ou político, mas podemos falar, também, de territórios categóricos dentre os quais são estabelecidas relações sociológicas específicas, ainda que reverberem características de seus contextos macros. Entretanto, quanto maior o território menor a coesão entre os membros, mais baixa a densidade da conexão entre eles e vice versa.

O Taquaril é tomado aqui como um território que, nos termos de Guatarri (1985), funciona em uma relação intrínseca à subjetividade que a delimita, mas não de modo totalizante, o que implicaria um caráter de unidade homogeneizante, pois, essa relação se dá por diferentes sujeitos que ocupam cada micro-área como na perspectiva de Alvito (2006). Refletindo sua experiência de campo na favela do Acari, esse autor aponta que um território implica sempre em pertencimentos compartilhados, porém numa coesão relativa, posto que, internamente, determinados contextos e espaços possibilitem interações mais ou menos densas e sociabilidades específicas como são nos pedaços. As micro-áreas servem, muitas vezes, de suporte para as representações acerca das

diferenças existentes no interior de uma favela (ALVITO, 2006). No Taquaril, é possível encontrar dinâmicas específicas de circulação e apropriação do território em cada micro-áreas. Um fluxo mais “fixo” por alguns sujeitos nos butecos próximos ao ponto final da linha 9412 lá do R, ou de clientes na pequena concentração de comércio e serviços do A diferentemente de zona equivalente no B, como também daqueles frequentadores das atividades dos projetos sociais no entorno da praça. Para Alvito as micro-áreas são vários pedacinhos – evocando a definição de Magnani, porém menos abrangentes, posto que elas também encerram, entre si, uma rede de relações firmemente entrelaçadas, cujo ponto de partida é a vizinhança.

Magnani (2002) assumiu o pedaço tendo como referência um espaço no qual se desenvolve uma sociabilidade básica, composto de duas dimensões: uma física, em que se configura um território e outra social, que comporta as redes de relações que se estende pelo território. Há no pedaço uma característica fundamental à compreensão do tipo de sociabilidade possível. Entendido como um espaço intermediário entre a casa e a rua, público e privado⁴¹, o pedaço é o lugar dos mais “chegados”, daqueles sujeitos com quem se estabelece estreitas relações através de suas práticas comuns.

No Taquaril, não foi possível identificar pedaços onde há pertencimento de redes mais densas de sociabilidade, tais como aquelas observadas por Magnani e/ou seus seguidores. Os jovens com quem convivi, circulei e aprendi não conformam um grupo de indivíduos que pela comunhão de práticas comunitárias ou identitárias coabitam determinados espaços em função de seu domínio de um manejo de códigos, eles apenas residem num mesmo bairro. Um bairro marcado pela violência, pobreza e escassa infraestrutura de modo que as atividades de lazer entre adolescentes e jovens no Taquaril são, quase que exclusivamente, proporcionadas pelos projetos sociais nos quais sujeitos de diversas redes estão agrupados pela pertença ao perfil de público alvo desses projetos. E mesmo na apropriação de espaços públicos, como a praça, diferentes práticas coexistem e nela se sobrepõem, sejam elas de caráter recreativo, cultural ou político.

Diante da impossibilidade de trabalhar com a categoria “pedaço” para descrever a relação desses jovens com o espaço, através de suas práticas, fica, também, inapropriado o uso da categoria “mancha”, caracterizada pela constituição de áreas contíguas do espaço urbano, dotadas de equipamentos que marcam seus limites e viabilizam uma atividade ou prática permanente por um

⁴¹ Ao caracterizar o pedaço Magnani evoca a distinção entre público e privado discutida por DaMata em A casa e a rua de 1984.

determinado grupo de indivíduos. Diante a inexistência de um grupo de indivíduos como foco desta investigação, não identifiquei, também, equipamentos urbanos indexadores de práticas características. O que pôde ser encontrado foi apenas uma relativa concentração de atividades de lazer num perímetro urbano que corresponde não apenas aos equipamentos sociais ali presentes, mas, sobretudo, ao próprio processo de ocupação e regulação do território. Com maior altitude e declínio leve das adjacências no entorno do B e do A, puderam se instalar uma rede de serviços e comércio como em nenhuma outra área do Taquaril. E, do mesmo modo, instalaram-se as instituições que lá atuam, como as duas paróquias da igreja católica, o centro de referência da PBH, os núcleos dos projetos escolas municipais e postos de saúde etc.

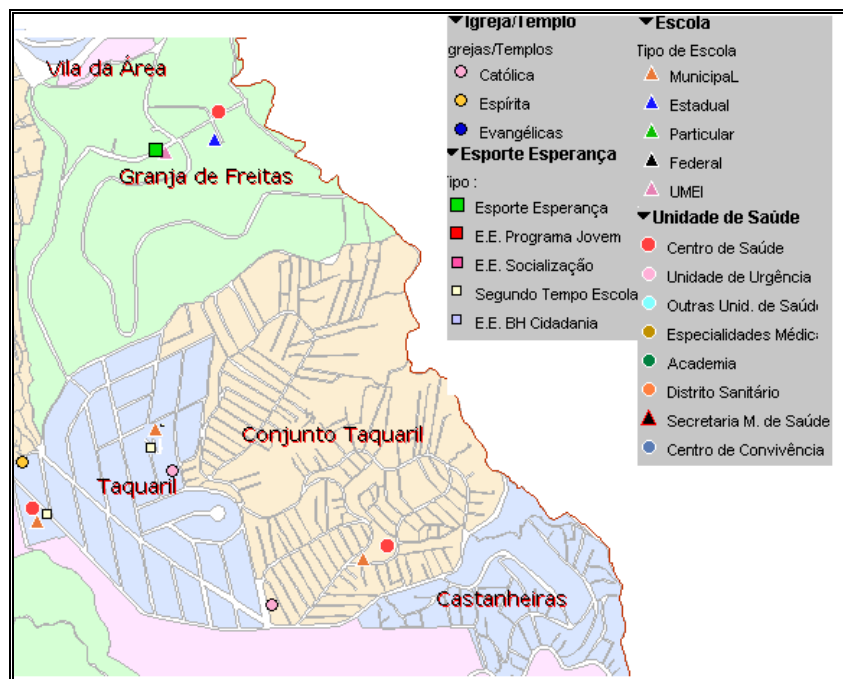


FIGURA 10: Equipamentos sociais do Taquaril
 FONTE: PBH, 2010

O “trajeto”, por sua vez, constitui-se pela forma de uso do espaço, possibilita a conexão com diferentes pontos e equipamentos, sejam eles complementares ou alternativos. Participar de determinadas oficinas dos projetos sociais ou atividades culturais e políticas na praça, por exemplo, pode, muitas vezes, significar a inserção em outras redes de sociabilidade que, por sua vez, implica em frequência a outros espaços e atividades dentro ou fora do Taquaril. Entretanto, a inserção é marcada pelo tipo de sociabilidade oferecida, de modo que o trajeto possa não ser, como veremos, uma extensão necessária das redes e dos acessos. Em alguns casos, a forma de constituição desses

trajetos cria regularidades redutíveis de determinados circuitos.

Já os “circuitos”, caracterizam-se por descreverem o exercício de uma prática ou uma oferta de determinado serviço, por meio de um estabelecimento, equipamentos e espaços que não mantêm entre si uma relação de contiguidade espacial, sendo reconhecido em seu conjunto pelos usuários habituais. No tocante aos jovens do Taquaril, poderíamos falar de um circuito hip hop, com os grupos de Miami⁴² que roubam a cenas nas festas, os festivais de MCs promovidos por grupos culturais do Taquaril e outras favelas, as festas e boates funkeiras, as lojas de roupas e acessórios que os deixam pela ordem⁴³ no Barro Preto ou mesmo o mercado de equipamentos musicais, no entorno do Shopping Oiapoque. Há, também, o circuito pagodeiro com shows, casas noturnas, bares e restaurantes em que esse ritmo é predominante e, porque não dizer, de um circuito de projetos sociais, com suas diferentes frentes de atuação e entre as quais muitos outros circuitos são tangenciados na cena belorizontina, como o circuito LGBT, o circuito universitário, o circuito religioso e por assim adiante, haja vista a diversificada lista de atividades indicadas pelos jovens.

Feiras, praças, bares, casas noturnas, shows, shoppings centers, parques, trilhas ecológicas, torneios esportivos, retiros religiosos e, principalmente, atividades culturais e esportivas, no contexto de projetos sociais, a meu ver, todos eles configuram aquele que chamo aqui, genericamente, de um circuito de lazer juvenil, no qual estão inseridos os diferentes trajetos dos moradores do Taquaril, composto por um conjunto de equipamentos públicos e privados que circunscrevem pedaços, manchas e trajetos - indexadores dos manejos de códigos e conduta operantes nestas zonas morais constitutivas de subjetividades.

Com o propósito de tornar essa gramática inteligível às experiências observadas, poderíamos retratar o território do Taquaril, bem como suas microáreas, acompanhando os diferentes circuitos e fluxos inscritos e transversais a ele, bem como, fora dele. Porém, a constituição de uma rede a partir de minha própria rotina no bairro por espaços e atividades distintas, possibilitou aproximações com jovens pertencentes a variadas redes de sociabilidade de modo que tratarei, portanto, de seus trajetos e circuitos nelas inscritas.

⁴² O chamado Miami bass, também conhecido como som de Miami, é uma variação do hip hop que se tornou popular na Flórida, EUA, entre as décadas de 1980 e 1990, caracterizado por uma dança acelerada, tem sido identificada como a base do funk carioca como bem mostra RODRIGUES (2005).

⁴³ Pela ordem é uma expressão muito comum entre os jovens do Taquaril para designar concordância, sintonia. Estar pela ordem é estar ok, na moda, estar de acordo com o grupo, ser afeito a uma prática ou ideia.

2.2 Expandindo fronteiras

Residir numa localidade considerada de alta vulnerabilidade social tem implicações significativas no modo como os pais negociam com seus filhos, ainda adolescentes - com idade inferior a dezenove anos-, a transposição do espaço da casa aos espaços públicos. O temor dos pais à exposição de seus filhos ao mundo do tráfico, às violências dele decorrentes e, principalmente, ao repertório de condutas desviantes, constantemente a ele associadas, instigaram a elaboração de estratégias diversas na tentativa de proteção dos mesmos. O não reconhecimento de cumplicidade desta ambição na conduta de outros pais tem se mostrado fator decisivo na negociação de onde e com quem seus filhos podem ou não estar. Pois, em muitos casos, quando a negligência dos pais indica alguma dificuldade ou inabilidade mesmo, seus filhos podem ser incorporados por outras famílias, são apadrinhados, ou mesmo “criados” por vizinhos como nas redes de ajuda mútua relatadas por Fonseca (1995). Porém, quando o indicativo é da absoluta ausência de controle físico e moral sobre os filhos, representando relativa convivência com suas condutas “marginais”, serão eles sujeitos marcados para não interação com os outros jovens e adolescentes.

Dona Nélia, 44 anos, mãe de seis filhos e avó de quatro netos, com quem tive o privilégio de ser iniciada à história e modos de vida no Taquaril, sempre revelava, com muita veemência, suas artimanhas para manter seus filhos seguros – leia-se, longe do tráfico. Moradora do conjunto há vinte anos, participara ativamente na luta por moradias, bem como por melhoria dos serviços e infraestrutura local. Conta orgulhosa o fato de sua casa ter sido construída pelas próprias mãos, porém, há pouco mais de dois anos, após a separação com seu último marido, havia se mudado para o Conjunto Granja de Freitas com seus dois filhos caçulas (Hugo, 16 e Otto, 15 anos) e seu novo companheiro. Assumindo-se como a única “autoridade” sobre os meninos, Dona Nélia dizia fazer duras ameaças a eles caso mentissem ou desobedecessem a suas ordens de não sair de casa, de não andar com fulano ou sicrano. Solicitava à vizinha, a dona da mercearia, ao amigo do sacolão, perto do ponto de ônibus, a todos com quem podia contar que ficassem atentos à circulação de seus dois filhos adolescentes pelas redondezas, enquanto ela trabalhava. E no final do dia, quando retornava do trabalho obtinha, como ela mesmo dizia, o *relatório completo*, sobre onde e com quem os meninos tinham estado durante sua ausência.

De certo, Dona Nélia não é a única mãe a arquitetar uma rede de vigilância em torno de seus filhos e, do mesmo modo, outros pais, como ela, contavam, também, com uma rede para “cuidar” de

seus respectivos filhos. A tomada da vizinhança como uma região moral, que Beato&Paixão (1997) retomam de Park, para dar inteligibilidade ao fenômeno da violência, como mencionado no capítulo anterior, ajuda-nos a compreender a constituição desses laços de solidariedade em torno não apenas da proteção dos filhos, mas de um conjunto de necessidades comuns que as famílias residentes numa mesma região compartilham. Se a vizinhança pode ser tomada como a menor unidade de organização social e política (PARK, 1917), pode-se dizer que em cada micro-área do Taquaril, encontraremos laços e cumplicidade significativamente fortes em torno das moralidades ali compartilhadas.

Os espaços de lazer, observados ou resgatados através dos relatos dos jovens, permite compreender que o tipo de circulação ou trajeto constituído por eles é bastante elucidativo da maneira com que lidam com as convenções e moralidades operantes na vizinhança. Reforçando-as, deslocando ou mesmo contrapondo-se a elas. A descrição dos espaços de lazeres, por eles frequentados, tenta dimensionar o modo através do qual algumas escolhas e também oportunidades fazem com que seus trajetos sejam expandidos ou fixados em função da própria sociabilidade constituída.

2.2.1 Ficar na rua, pode?

Luiza (20 anos) conta do uso que sua mãe sempre fazia de um velho ditado que diz que *“quem mistura com porco farelo come”*, para ensinar a ela e a seus dois irmãos, quando mais novos, que ao estabelecerem laços com os meninos do tráfico, na boca localizada ao lado de sua casa, corriam o risco de serem reconhecidos como praticantes do mesmo código de conduta e, por conseguinte, sofrerem semelhante julgamento na vizinhança e principalmente pela polícia⁴⁴. Para Luiza havia *“aquelas pessoas com quem você pode ter amizade e pessoas que não, pessoas que você pode se envolver, ir na casa, e pessoas que você só se restringe a cumprimentá-las na rua: (e aí tudo bom?! e pronto”*.

Tanto Luiza quanto os filhos de Dona Nélia reiteraram um relato recorrente nas falas de

⁴⁴ Não bastasse a já frágil e tensa relação com a polícia em locais de maior enfrentamento ao tráfico, o Taquaril guarda, em sua história, uma trágica e lamentável ação/protesto policial. A chacina de 1996, em que três garotos foram sequestrados na praça e mortos por um grupo de policiais que, através de uma carta, assumiram o crime e ameaçavam novas ações requerendo melhores salários. Para mais ver Human Rights Watch/Américas1997.

muitos jovens sobre a constância de um convívio domiciliar com amigos e o incentivo dos pais em recebê-los com frequência ao ponto de serem tomados como parte da família. Na casa de Dona Nélia, por exemplo, para além de seus dois filhos havia sempre outros dois garotos diariamente em sua casa. Trançando de um apartamento a outro, o grupo de amigos, às vezes, multiplicava-se, mas o quarteto inicial permanecia sempre unido. Considerando que muitos outros jovens mantinham esse tipo de convivência desde a infância, tornava-se uma conduta automatizada, por parte dos pais, as incorporações de novos membros no convívio domiciliar, pelo qual seus filhos pudessem estabelecer relações com sujeitos “de fora” sem que estivessem longe do alcance dos olhares dos pais. Especialmente sobre as garotas, que ao receber um amigo ou “pretendente” acabava tendo sua casa ocupada por outros três ou quatro garotos em comboio. Dadá, conta que, muitas vezes, era difícil saber quem era amigo de quem. Um deles vinha por causa de sua irmã mais velha, chegava acompanhado de mais dois ou três que continuavam frequentando a casa mesmo na ausência dela.

Porém, receber os amigos em casa ou frequentar a casa de amigos, apresenta-se apenas como parte das atividades da rede social na qual estão inseridos. Desse modo, a negociação com os pais se dá não apenas com quem, mas, também, onde podem ou não ir, implicando, assim, na elaboração de um repertório distinto para lidar com os pais, sobretudo, quando as companhias não são “da família”. Queila conta de modo muito espirituoso o modo como lidava com o “controle” da mãe.

Minha mãe tinha um jeito muito estranho de criar a gente em relação a isso, (aos namoros e companhias) porque a gente ia numa festa, e eu sempre fui da pá virada. Ela queria que eu chegasse dez horas e a festa começava dez horas e eu não chegava. Ela dizia que: se eu chegasse dez e cinco eu apanhava, então eu chegava onze e meia, por 5 minutos, eu apanhava por uma hora e meia, ia apanhar de qualquer jeito! Sei que é na hora da raiva, mas quando ela batia falava que a gente estava se envolvendo com “aqueles homem” lá do Taquaril, que a gente estava parecendo puta de rua, essas coisas... Mas acho que era o modo dela expressar o que ia acontecer comigo, ou o que podia acontecer. No que eu ia virar se continuasse ficando na rua. (Queila, 20 anos)

Ficar na rua era visto, por muitos, como sinônimo de uma autonomia a ser conquistada progressivamente, já que demandava habilidade em tranquilizar os pais sobre onde e com quem estariam ou pelo menos onde e com quem eles “não” estariam. Para os mais novos, digo para aqueles que têm idade entre 12 ou 14 anos de idade⁴⁵, a rua não chega a substituir a convivência domiciliar com os mais próximos, mas passa a ganhar maior importância à medida que representa o

⁴⁵ O ingresso ao ensino médio, que implica na saída do Taquaril, pode mudar um pouco a relação com a rua e a praça dependendo das redes nas quais se estabelece novas relações. Retomarei este ponto no próximo capítulo.

alcance de maior autonomia. Nesse contexto, frequentar a praça em determinados horários e dias pode inspirar confiança, uma vez que ela é um lugar aberto e com circulação e olhares de muitas pessoas.

A Praça Che Guevarra é a única praça existente e a porta de entrada no conjunto Taquaril. Localiza-se no B, como é chamada uma das quatro regiões que subdividem o conjunto, de maior latitude e também a mais valorizada, não apenas pela facilidade de acesso, mas, especialmente, pela infraestrutura e equipamentos sociais ao seu redor. Frequentemente, visualizamos uma praça em forma circular. Essa, porém, tem uma forma elíptica como um filete que se alonga a partir do encontro de duas ruas paralelas até desembocar numa terceira perpendicular. Através desta última, chegam e saem os ônibus vindos do centro e de outros bairros e, a partir dela, tem-se acesso à rua Gleucy José de Olivera, onde há concentração dos principais estabelecimentos comerciais e de serviços do B, passando à esquerda pela rua Gleucy, chegamos a rua Pedro Alexandrino Mendonça, onde se localizam a Escola Municipal Fernando Dias da Costa e o Posto de Saúde Novo Horizonte.

Na ponta da praça, próximo ao ponto de ônibus, foi construído uma espécie de coreto, que fora nomeado de palco Zumbi dos Palmares, com intuito de dar visibilidade às cenas culturais, políticas ou econômicas da localidade e, junto, indexar as conquistas já alcançadas pela militância das associações comunitárias. Nele, são feitas apresentações de capoeira, Miami, rappers, assim como as chamadas para atos públicos em torno de demandas da localidade. À frente do palco, vão-se compondo pequenas áreas gramadas ocupadas por algumas árvores que, separadas por um caminho ondulado, no qual estão dispostos bancos de concreto, levam-nos até à pista de skate, construída junto com o palco através do orçamento participativo. Infelizmente, a pista de skate foi feita fora dos padrões adequados para realização de manobras e acabou tendo seu uso restrito às brincadeiras de escorregar.

Numa das ruas paralelas à praça, ficam os núcleos dos projetos sociais Planetários e Fica Vivo e também um minimercado. Na outra, temos a paróquia da Igreja Católica São Vicente de Paula, bem como o núcleo do Projeto Providência, por ela mantido, onde também funciona a rádio comunitária⁴⁶. Saindo da praça, nessa mesma rua, após uma curva acentuada à direita, temos acesso ao prédio do suntuoso templo da Igreja Batista Shekina, onde também funciona o restaurante popular coordenado pela Secretaria Municipal de Abastecimento Social (SMAS) e, bem à frente, do outro lado da rua, encontra-se um dos principais pontos de venda de drogas do conjunto.

⁴⁶ Durante a pesquisa de campo a rádio estava interdita pela prefeitura por irregularidades legais.

A Praça Che Guevara funciona como cenário para diferentes protagonistas. Área de lazer para crianças enquanto, aguardam o horário das aulas no projeto providência ou a chegada dos pais para buscá-los. Ponto de encontro entre adolescentes que querem bater um papo ou entre jovens antes de seguirem para alguma festa ou casa noturna. Ponto de chegada e saída rápida para consumidores de drogas. Cenário de atividades culturais e/ou comerciais como a feira de artesanato que se propõem mensal ou mesmo o Som na Praça, uma iniciativa de Toninho com outros jovens que organizam apresentações e executam diferentes ritmos de música no palco Zumbi dos Palmares em noites de sábado. A praça constitui-se, portanto, de diferentes fluxos e usos, sentidos ou significados.



FIGURA 11: Palco Zumbi dos Palmares.
FONTE: da Autora, sábado, 12 -09- 2009.



FIGURA 12: Jovens dançando Miami.
FONTE: da Autora, sábado, 12-09- 2009.

Não digo, porém, que todos os jovens invistam na conquista de confiança dos pais. Como Queila havia mostrado, as negociações podem ser difíceis e, muitas vezes, em vão. De todo modo, a praça, assim como o bar do Paulão, tornou-se espaço privilegiado da circulação dos jovens, na medida em que nele se aglutinam gente de todas as idades. Sendo esses espaços abertos, não inspiram temor daquilo que não se pode ver nem controlar quando os filhos estão longe do alcance dos olhos dos pais.

O Bar do Paulão tornou-se o point do conjunto, especialmente pelo pagode dominical que deixava a casa lotada. Localizado perto da praça, era de fácil acesso, inclusive, para quem vinha de outras regiões da cidade. Um bar aberto que funcionava no segundo andar de uma residência com quase 100m² de área. Frequentado por jovens e adultos, alguns, inclusive, acompanhados de suas crianças, fazia-se como ponto de encontro de vários grupos de amigos. Para os garotos e, principalmente, garotas que participavam das oficinas de axé e forró durante a semana, esse era o

lugar privilegiado para apresentar novas coreografias e se mostrar em forma. As performances coreográficas, de modo geral, são as principais estratégias no jogo de sedução, tanto entre homens quanto mulheres, instrumento de exibição, bem como alvo de admiração. Ainda que o ritmo dê tons diferentes para as interações possíveis em torno da dança, individual ou coletiva, ela tem se mostrado importante capital simbólico nos mercados dos afetos e prazeres entre jovens do Taquaril. Poucos anos antes da realização dessa investigação, o bar havia sido fechado. A acústica inadequada fazia com que o incômodo da vizinhança se tornasse inegociável, resultando na autuação pela prefeitura, que impediu o estabelecimento de funcionar. Se ainda estivesse aberto, certamente seria aqui considerado como mais um pedaço, pois poucos são os lugares em que os jovens abaixo dos vinte anos podem circular no Taquaril.

Em grande medida, a frequência assídua dos jovens aos dois lugares citados acima pode ser atribuída ao fato de não ser necessário nenhum investimento financeiro para tal. *Se acabar* no pagode do Paulão como prefeririam as meninas ou ensaiar passos de Miami com seus *parceiros*⁴⁷, nos dias em que há um som na praça, como fazem os meninos, evidencia uma das mais significativas formas de constituição de um espaço de sociabilidade próprio em função de suas práticas comuns. Na transposição do espaço da casa ao da rua, as negociações entre pais e filhos sobre onde e com quem se pode estabelecer interações assíduas, o grupo que transitava entre as casas de amigos começa a se fixar em outros espaços. Esses, por sua vez, funcionam como uma espécie de extensão da casa, mas guardam, ainda que parcialmente, os mesmos cuidados ou a mesma vigilância dos pais.

2.2.2 Das Oficinas de esporte, cultura e lazer

Podemos localizar no interior das atividades de alguns projetos sociais como mais um espaço de lazer que, semelhantemente à praça ou as festas, como veremos a seguir, é ocupado por jovens de distintas redes ou microáreas do Taquaril. Tanto nas atividades por eles oferecidas quanto no tempo livre e fins de semana, como no espaço cultural do programa cidadãos planetário, citado

⁴⁷ Parceiro é um termo usado pelos garotos para designar aquele que partilha com ele de todas as jogadas. Companheiro nas festas, é com ele que são ensaiados e elaborados os passos de Miami. Na azaração com as meninas é com ajuda dele que eles chegam às garotas para paquerar e ficar. Poderíamos dizer que se assemelha a categoria de um melhor amigo, mas uma amizade selada predominantemente pela cumplicidade.

anteriormente, com exibições cinematográficas, ou as quadras do Projeto Providência e da Escola Municipal, que costumam ficar abertas à comunidade servindo de ponto de encontro para os jovens que previamente negociam o uso com os respectivos responsáveis. Tais projetos oferecem atividades de formação educacional e profissionalizante, bem como esportivas e culturais, haja vista a recente preocupação com a juventude pobre dos centros urbanos, que fez multiplicar intervenções nas ditas zonas de maior vulnerabilidade social. Diferentes segmentos sociais se mobilizaram em promover ações alternativas aos condicionantes dos índices de pobreza e violência em regiões como o Taquaril. A oferta das atividades responde aos interesses de determinados grupos, cada um com sua filosofia e estratégias próprias (prefeitura, secretarias de estado, universidade, igrejas, ONGs, associações comunitárias etc), mas também às demandas dos próprios moradores. Os temas das oficinas do Fica Vivo, por exemplo, são elaborados conforme o interesse dos jovens. Em seguida, busca-se na localidade, sujeitos aptos a ministrar os cursos sugeridos. Como foram as oficinas de break só para meninas, a oficina itinerante de afetividade e sexualidade que acompanhei mais de perto, ou mesmo as rodas de conversas no beco do Alto para garotos privados de circulação. Desse modo, as oficinas e cursos são apropriados por indivíduos que acabam por constituir, no interior das oficinas, um espaço de lazer, no qual são estabelecidas relações de sociabilidade básica.

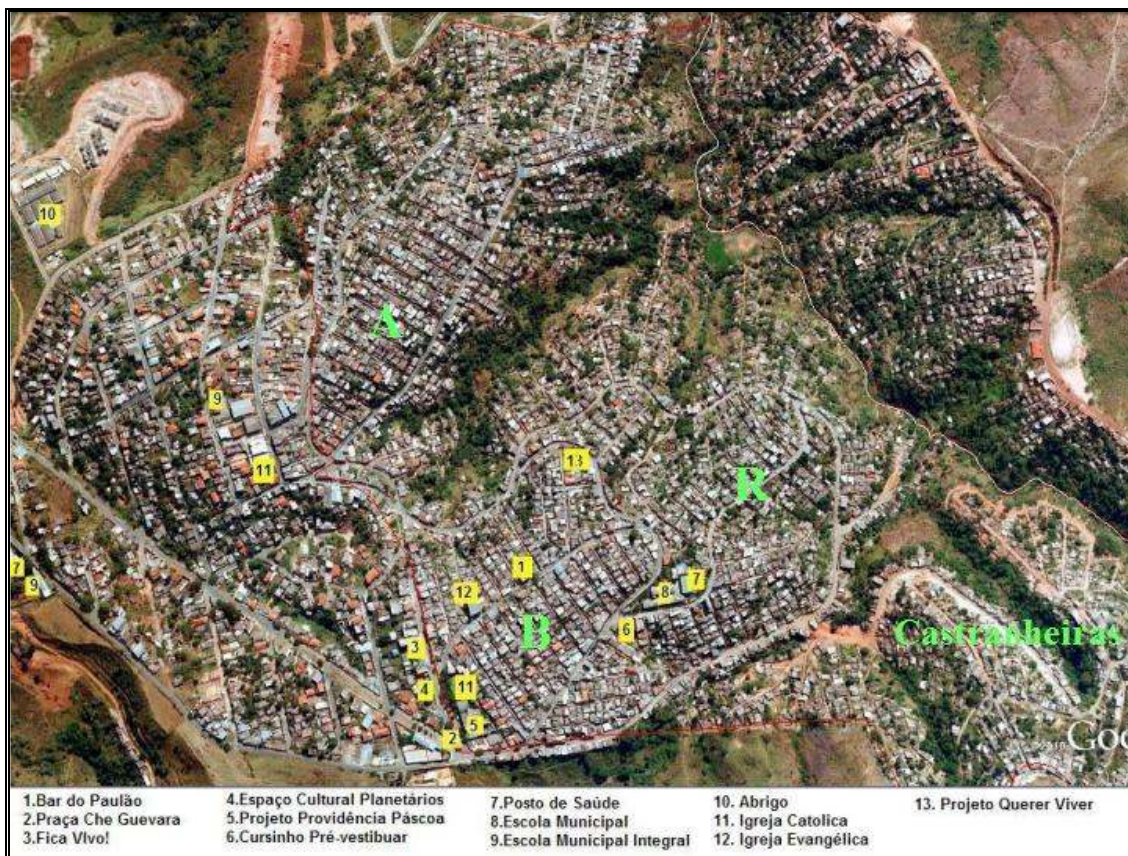


FIGURA 13: Localização dos projetos e principais pontos de sociabilidade juvenil
 FONTE: A autora, & Google, 2010.

As oficinas de rádio, por exemplo, que embora ocorram no núcleo do Projeto Providência, são oferecidas pelo Fica Vivo. Nelas, encontram-se jovens que, em sua grande maioria, são do sexo masculino e fortemente antenados com a produção cultural de outras favelas. Nesse espaço, são pensados repertórios musicais e de notícias que estejam mais próximas de suas próprias produções e interesses, sobretudo, no que se refere a um circuito cultural de favelas e periferias que inclui, não apenas a cena musical do hip hop, mas também produções audiovisuais ou teatrais. A tomada de conhecimento de diferentes influências do hip hop possibilita que façam suas próprias escolhas em suas composições de rap ou funk. A partir da rede de sociabilidade criada em torno da rádio⁴⁸ pode haver, também, a inserção em outras redes inscritas no circuito cultural de favelas ou periferias. Grupos artísticos ligados ao hip hop, produtores de material audiovisual sobre suas próprias vilas e favelas, formação em gestão cultural etc. Alguns desses jovens já faziam parte de grupos culturais tecnicamente preparados em elaborar projetos para submissão a linhas de financiamento cultural em

⁴⁸ A rádio comunitária funciona de modo clandestino e à época de minha cegada no Taquaril ela havia sido desativada pela prefeitura.

níveis municipais, estaduais e federais. Seja para o fomento a formações de novos grupos, seja para criação de eventos nos quais pudessem se apresentar. Os participantes das oficinas de rádio costumavam frequentar também as oficinas de dança de rua, uma delas era exclusiva para mulheres e, frequentemente, realizavam apresentações em escolas municipais. Boa parte do Funk tocado nas festas do Taquaril são remixagens feitas pelos próprios jovens ou composições gravadas de modo independente que circulavam nas favelas belorizontinas. Mas a principal influência nesse gênero é mesmo a produção carioca, especialmente daquelas gravadas pela Furacão 2000⁴⁹. A demonstração de forte desejo em se profissionalizar através da produção cultural, dá-nos pistas significativas do potencial dessas oficinas em dar vazão aos interesses despertados nos jovens, dado alto grau de coesão e estímulo que essas redes conformam entre eles. Aprendendo a manusear equipamentos de transmissão ou uma mesa de som, podem atuar como DJs em festas e casas noturnas ou mesmo em outras rádios.

Outra oficina, também, interessante para pensarmos sobre o tipo de sociabilidade constituída, é a de forró, realizada no Espaço Cultural Planetários, às noites de segundas e quartas-feiras, nas quais encontra-se jovens e também adultos, homens e mulheres, geralmente acima de dezoito anos, que reconhecem nessa atividade uma oportunidade não apenas de aprender e aprimorar as coreografias desse ritmo, mas, sobretudo, de se conectar com outros amantes desse tipo de dança. Muitos deles, liderados pelos instrutores, frequentam casas dançantes para exercitar e aprender novas coreografias, inclusive com outros parceiros. Nessas oficinas, a formação dos casais não se faz exclusivamente entre pares de homens com mulheres. Encontrei pares de mulheres com mulheres. Em alguns casos, essa formação era temporária e ocorria apenas para suprir a ausência de um parceiro do sexo masculino, haja vista que esse é um ritmo dançante com coreografia marcadamente conduzida por um sujeito masculino e uma acompanhante feminina. Por outro lado, algumas mulheres de identidade de gênero masculina, que também tinham sua homossexualidade conhecida entre os outros participantes encontravam ali um lugar em que poderiam tomar a posição de condutor confortavelmente, mas não sem alguma chacota. Elas não costumavam evocar a homossexualidade dessas mulheres, mas, direcionadas às suas performances, elogios ironizados, desafios provocantes que, de alguma maneira, obrigavam-nas a “se colocar”, e elas o faziam sempre com muita tranquilidade e até certa indiferença aos incitadores. Os instrutores e alguns colegas

⁴⁹ A Furacão 2000, pioneira na indústria fonográfica do funk no Brasil, é atualmente a principal referência na divulgação e lançamento de artistas ligados a esse gênero musical no país. O funk ficou nacionalmente após repercussão midiática da pesquisa realizada por Hermano Viana sobre os bailes funk no Rio de Janeiro em 1987.

assumiam as piadas como estímulo para devolver os desafios coreográficos aos “brincalhões”, diluindo o constrangimento rapidamente. Quando o instrutor chamava a frente os “condutores”, para demonstrar um passo mais detalhadamente dirigia-se aos homens e também, porém nominalmente, àquelas mulheres que ocupavam a mesma posição na dança.

Através de muitas outras oficinas, poderíamos indicar o modo como esses espaços tornam-se pontes de conexão dos trajetos com outros circuitos e formas de sociabilidade. Como a inserção em circuitos esportivos, frequência às quadras públicas, praças e parques, bem como a incorporação de atividade e práticas ligadas à valorização de corpos saudáveis. Ou na arena política, constituindo-se como lideranças comunitárias, articulando demandas e eventos dessa natureza, de modo a garantir maior engajamento de moradores no debate político local, articulando-se a outros processos na cidade. Esses são exemplos de expansão das fronteiras do território físico e simbólico no qual o Taquaril possa ser considerado. Mas há também sociabilidades que podem fazer destes trajetos redutíveis tanto dos espaços quanto das próprias práticas que as constituem.

2.2.3 As festas

Resultantes do desejo comum a muitos jovens em se encontrar e se divertir, as festas se apresentam como a principal atividade de lazer dentre aquelas existentes no território do Taquaril. No entanto, elas implicam na apropriação de espaços alternativos para sua realização, dada a ausência de lugares específicos para o exercício das sociabilidades que nelas são possibilitadas. Podemos caracterizá-las conforme suas dimensões de público e estilos. As maiores e mais heterogêneas, aonde todo mundo vai, são aquelas que acontecem em locais fechados, escolhidos após longa peregrinação pelos espaços potenciais e muitas idas e vindas de conversas com os proprietários para que seja permitida. Pois, embora seja efetuado pagamento pelo aluguel do espaço, esses não costumam ser destinados a esse propósito. Pode ser uma garagem espaçosa de um vizinho, uma área coberta nos fundos de alguma loja ou mesmo de um dos projetos sociais lá estabelecidos. A preferência é dada sempre para aqueles localizados próximos à praça pela facilidade de acesso e divulgação. Com a venda antecipada dos bilhetes, que custam entre dez e quinze reais, é feito o pagamento de aluguel do espaço bem como da mesa de som, caso nenhum deles consiga emprestado e também são compradas as bebidas que serão distribuídas livremente. Basicamente, é oferecido

cerveja e refrigerante, embora, às vezes, possam ser oferecidos coquetéis à base de vodka.

De modo geral, elas acontecem aos sábados e têm horário de início para depois das onze da noite, porém a movimentação nas proximidades do local começa em torno de uma hora antes. Eles podem ficar até cerca de duas horas na porta até que finalmente a festa está cheia e todo mundo entra. Alguns poucos chegam de carro, abrem os porta-malas dos veículos com seus potentes equipamentos de som e antecipam os ritmos da noite embalando a chegada dos outros. Outros, de moto e na trilha sonora do funk, vão um a um exibindo suas habilidades em executar manobras empinando suas motocicletas, ou como dizem, puxando cabral, enquanto a grande maioria, menores de vinte anos que vem a pé, aguardam na calçada por seus amigos, paqueras ou simplesmente o melhor momento para entrar. Na praça, há sempre um vendedor ambulante de churrasquinho, em torno do qual, alguns aguardam e observam a chegada de outros.

Rapazes vestidos com camisetas de malha, bem justas, evidenciando os trapézios, tórax e braços malhados, calças jeans bem abaixo do quadril com o cóis das cuecas à mostra, colares de argolas prateadas, cabelos de corte bem curto e desenhos feitos à navalha ou topetes mantidos com gel, são geralmente aqueles que vão, mais tarde, ocupar o centro da pista de dança e, juntos de outros três ou quatro, entrar na silenciosa disputa pelas melhores coreografias do Miami. Com bermudas coloridas e camisetas de time de futebol, brasileiros ou europeus, bonés, relógios grandes, tênis de modelo skatista, os garotos, geralmente identificados como pertencentes ao *movimento* – leia-se ligados ao tráfico, também vão chegando e se aglomerando na porta de entrada da festa. Podem, também, ocupar o centro da pista na hora do Miami, mas, de modo geral, ficam no bar e colaboram na distribuição das bebidas. De minisaias ou minishorts, blusinhas coladas e decotadas, sandálias de salto plataforma, brincos grandes, cabelos escovados ou de rabo de cavalo chegam as garotas que, entre os meninos, costumam ser chamadas de as safadas diferenciando-as das santinhas. Estas últimas, identificadas como aquelas que chegam vestidas de calças jeans do tipo lycra e cintura baixa, sandálias de salto fino ou rasteirinhas, maquiagens leves com sombras coloridas, rímel, lápis preto e blush, brincos e colares brilhantes. Algumas meninas chegam trazendo consigo seus filhos, crianças de dois a cinco anos de idade que, não apenas acompanham suas mães, como também ocupam seus lugares na pista dançando, ou pelo menos tentando, a cada uma das coreografias funkeiras.

Lá dentro, enquanto vão chegando os convidados, são feitos os últimos ajustes de som e disponibilização das bebidas. O som é inicialmente embalado por pagode, mas somente até que a festa comece “de verdade”, pois depois que entra o funk, ele reina até amanhecer. Tocando

composições de rappers locais e de outras cidades brasileiras, todas em português, cantaroladas por boa parte dos presentes, o funk só cede espaço para o Miami quando se abre em uma grande roda circundando as duplas, trios ou grupos com suas coreografias, a cada festa mais aprimoradas e renovadas. Fora da pista, todo o resto do público apenas observa cuidadosamente as performances empregadas. De modo semelhante ao descrito por Ceccheto (1999) sobre os “bailes de comunidade”, em festas como essa, não há confronto entre as galeras. Porém, há uma disputa velada e amistosa entre os “melhores dançarinos”, fazendo, desse momento, um instante especial para cada um dos participantes da demonstração. Otto me explicou que em festas como essa não dá para ir sozinho, se não puder contar com a companhia de seus parceiros para o momento do Miami *é melhor nem ir porque ninguém vai querer ficar só olhando os outros dançarem*. Ou seja, a coreografia ou sua performance só podem ser exibidas na companhia de seus parceiros e eles ensaiam frequentemente para ocasiões como essa.

Embalados pelo funk, os presentes parecem dominar uma mesma coreografia que se repete durante toda a noite. Executado-a, bem colados uns nos outros, em casais ou em grupos, mas sempre no mesmo balanço, com os corpos encaixados. A ondulação dos corpos, em certas batidas, assemelham-se ao intercuro sexual. Entre a maioria do público, vemos homens dançando com mulheres, ou grupos de mulheres entre si, mas visualiza-se, também, um ou dois casais do mesmo sexo dançando juntos sem que haja qualquer tipo de hostilidade relativa à sua orientação sexual⁵⁰. Em todos os casos que observei, eram homens ou mulheres bem conhecidos pela maioria dos frequentadores das festas e, quando apontados, o comentário que vinha em seguida era sempre algo semelhante a *“aquele fulano ali é gay mais é gente boa, trabalha em tal lugar”* ou *“ela é assim mesmo”*.

Com menor frequência, mas sob certa regularidade e muitas expectativas, ocorrem festas em uma chácara vizinha ao Taquaril, organizadas pela galera do movimento. Nessas, o valor da entrada costuma ser acima de trinta reais podendo chegar ao dobro disso e duram uma noite e um dia inteiro. Nessas, também reinam o funk e o Miami, porém os pares de parceiros ou grupo de garotos, estão claramente dispostos da cena, delimitando seus territórios, de modo a evitar confrontos entre galeras rivais. O valor das entradas limita também a frequência de garotos mais jovens que, embora desejosos de presenciar grandes festas como essas, não dispõem de recursos financeiros, tampouco

⁵⁰ Soube existir um bar no Alto gerenciado por um casal de lésbicas e, também, pequenos encontros na residência de garotas que gostam de garotas para realização do costumeiro *churrasco na laje*, porém não obtive mais informações.

da permissão dos pais.

Vale destacar que, independentemente do porte da festa ou do grupo que a organiza, todas elas são amplamente divulgadas. Ou seja, quando me refiro às festas, digo daquelas que qualquer um que se identifique com aquele grupo, que compartilhe seus códigos de conduta e práticas, pode entrar, desde que pague a entrada. Mesmo porque, de modo geral, elas não se restringem aos moradores do Taquaril. Dependendo da rede dos organizadores, podem estar presentes jovens de várias outras regiões da cidade, bem como da região metropolitana, especialmente daqueles municípios mais próximos, como Rio Acima ou Nova Lima.

Ainda que as festas no Taquaril sejam frequentadas por “todo mundo”, dada a ausência de outros espaços de lazer noturno na localidade, alguns jovens buscam sociabilidade semelhante em outros territórios da cidade. Digo especialmente daqueles que frequentam casas noturnas de pagode ou boates, cujo ritmo predominante seja também o funk e o Miame.

2.2.4 ... noutros territórios

Nos trajetos, cuja inscrição se dá numa rede de lazer destinada aos amantes do pagode ou funk, podemos identificar sociabilidades semelhantes aquelas observadas nas festas ou mesmo na praça do Taquaril. Para além da facilidade de acesso pelo transporte público e a prática de valores de entrada semelhantes ao das festas realizadas no Taquaril, em torno de dez reais, há outra característica marcante na escolha dos lugares aonde ir, a *tranquilidade*. Indicada como um dos fatores mais importantes, ela diz menos da calma do ambiente e mais da segurança que ele proporciona aos clientes. Posto que bares como o do Paulão, em que se possa encontrar amigos e dançar ao som de pagodes, também se encontra em bairros vizinhos ao Taquaril e em várias outras regiões da cidade, mas não com a mesma tranquilidade como elas destacam “*lá [Armazén] é cada um no seu quadrado... O cara chega e fala assim “tem como beijar na sua boca?”, eu digo que não, então tá, o cara sai e não fica te puxando, querendo te beijar de qualquer jeito”*(Dada, 18 anos).

Sentir-se tranquila e livre para rejeitar uma cantada sem risco de bolinação, é entre muitas garotas um dos fatores mais importantes na escolha de onde ir. Em 2008, um estudo⁵¹ entre

⁵¹ O referido estudo “Autonomia e Vulnerabilidade na trajetória de vida de mulheres jovens das camadas médias e populares da cidade de Belo Horizonte” foi realizado em 2007 e teve divulgação apenas parcial de seus resultados na

mulheres jovens de classe média e de favelas em Belo Horizonte, identificou um número significativo delas que sofreram algum tipo de bolinação ou foram tocadas de um modo sexual que não queriam. Cerca de 30% das mulheres entrevistadas relataram situações como essa, entre as quais 53,4% haviam sido com uma pessoa desconhecida, em casas noturnas, shows etc. Como veremos, mais adiante, a frequência a esse tipo de lugar resulta muito mais da busca por um cenário de atualização e renovação de suas performances corporais e menos por parceiros afetivos e/ou sexuais. Pois, entre a grande maioria das garotas do Taquaril, as relações afetivas e sexuais são estabelecidas com integrantes de uma mesma rede social. Ou seja, com homens e mulheres conhecidos previamente ou por intermédio de alguém próximo, com os quais se compartilha laços de confiança ou de parceria. Entre as frequentadoras das casas de pagode, essa circunscrição das relações afetivas e sexuais no grupo ocorre de modo mais acentuado. Suponho, portanto, que a tomada da tranquilidade como fator decisivo na escolha dos locais aonde ir fora do Taquaril, deve-se em parte à ausência do reconhecimento desses locais como oportunos para investidas em relações afetivas e/ou sexuais. Não digo, entretanto, que essas garotas não invistam em paqueras, flertes e até mesmo fiquem com rapazes nessas casas, mas, de modo geral, esses encontros não resultam em reencontros, tampouco em namoros.



FIGURA 14: Localização das principais casas noturnas de Pagode e Funk citadas pelos jovens do Taquaril
FONTE: A Autora & Google Maps, 2010

No Terra de Minas, localizado na rua Espírito Santo, esquina com a Av. Amazonas, é feita revista de todos os clientes na entrada do estabelecimento, por seguranças masculinos e femininos, de modo que todo e qualquer tipo de objeto cortante, garrafas de vidro, objetos de metal que possam “machucar” alguém é retido na portaria. Em seguida, o objeto é etiquetado com nome do cliente e devolvido na saída. Lá dentro, homens vestidos de terno, altos e bem fortes, circulam durante toda a noite inspecionando o comportamento dos clientes, com intuito de evitar brigas ou mesmo intimidar aqueles que queiram ter contatos mais íntimos. No segundo andar, costuma-se oferecer um ambiente diferente, com globos luminosos e ritmos mais acelerados como dance music, techno mas, principalmente, funk e rap. Nessa casa, o público tem perfil semelhante àqueles observados nas festas do Taquaril, tanto quanto a investidura financeira quanto aos estilos. Porém as maquiagens, as modelagens dos cabelos e maior uso de bijuterias e acessórios facilitam indexar a idade predominante, acima dos vinte e cinco anos de idade, seja pela maior autonomia financeira, seja pelo menor controle dos pais. Entre os homens, destacam-se a diversidade nos sapatos, cintos e também acessórios como relógios, pulseiras e colares, não encontrando, porém, o uso de bermudas do tipo surfistas como no Taquaril, ainda que a presença das camisetas de times de futebol permaneça. Frequentam homens e mulheres predominantemente negros e/ou pardos. Os casais que chegam ao local ou que se formam durante a noite são majoritariamente heterossexuais.

Entre os garotos, com idade média de 14 anos de idade, a Cocobongo aparece disparada como o lugar preferido para dançar ao som do funk, rap e Miami. Localizada à rua dos Goitacazes, parecia ser um lugar de maior frequência também entre os garotos *do movimento*, cuja oferta de drogas era explícita e irrestrita. Com ambiente semelhante, conforme relatos dos garotos que frequentavam a Cocobongo, a Fênix apareceu ser preferência unânime não apenas entre os homens, mas também entre mulheres de diferentes idades. Uma das principais justificativas para a escolha desse lugar foi a facilidade de acesso, visto que uma das linhas de ônibus que serve ao Taquaril tem seu ponto de chegada no bairro Padre Eustáquio, onde se localiza essa boate. Porém, o que parece chamar mesmo a atenção é o que nela pode ser encontrado, semelhante às festas no Taquaril, mas maior em termos de público e infraestrutura. Uma casa que comporta cerca de mil e quinhentas pessoas oferece preços de entradas de três a quinze reais dependendo do dia da semana e da atração da noite, reproduz os mesmos ambientes encontrados nas grandes casas noturnas de Belo Horizonte, tais como globos luminosos, ampla pista dançante, repertório musical atual e de maior sucesso em rádios e outras baladas, agenda de shows intensa, tanto pelos afeitos ao hip hop quanto pelo pagode, com grupos locais e de outros estados. Na Fênix, como no Armazém, é comum ter dias específicos

para determinados tipos musicais. Nas noites de sexta, predominam o pagode e o axé, aos sábados tendem mais ao eletrônico, funk e o Miami, enquanto aos domingos, destinados às matinês, rola de tudo um pouco. Uma das características mais atraentes parece ser a diversidade do público. *Tem gente de classe maior, tem branco e uns negão também!* Talvez pela localização, num bairro residencial, de classe média e média baixa, próximo ao centro, não se faz exclusivo aos moradores de favelas ou de regiões mais distantes como no Armazém ou o Terra de Minas, no centro.

Na extensão das fronteiras de seus territórios, jovens e adolescentes transpõem e estendem o espaço domiciliar, bem como as convenções a partir das quais suas condutas são orientadas, antes no espaço da casa agora também no da rua, mas, sobretudo em outros territórios. Tais convenções podem sofrer alterações, no entanto, enquanto suas redes de sociabilidades permanecem inscritas no território do conjunto não parece haver mudanças radicais que impliquem em rupturas. Fora do conjunto, jovens em sua maioria com mais de dezenove anos de idade, ou que através de uma rede muito específica puderam, ainda adolescentes, trafegar em outros circuitos pela cidade, evidenciam um manejo de códigos relativamente diverso daquele praticado no interior das festas ou oficinas no Taquaril. A constituição de trajetos transversais a outros circuitos torna suas intersecções portas para novas sociabilidades que distante dos “olhos da vizinhança” possibilita interações anônimas significativas no processo de subjetivação.

2.3 Rompendo Barreiras

A circulação por outros territórios da cidade possibilita experimentar um jogo de aparências, com o qual atributos externos ou origens podem ser obliterados (SIMMEL, 1997). Sejam as cidades contemporâneas consideradas um espaço que conjuga elementos de tradição e de modernidade, nelas são criadas, também, diversas territorialidades de modo que as variadas formas de sociabilidade ocorram nos mesmos lugares de maneira sobreposta. Os diferentes padrões culturais que estão na base das formas de sociabilidade na cidade existem, coexistem, contrapõem-se ou entram em confronto (MAGNANI, 2003).

Na medida em que esses jovens vão se inserindo em circuitos transversais aos territórios da cidade, outras marcas e atributos ganham relevância no jogo de interações afetivas e sexuais, diferenças antes inviabilizadas pelas configurações locais, tornam-se mais evidentes gerando tensões

e, também, deslocamentos. Seus trajetos ficam, portanto, marcados cada vez mais pelas aderências, rupturas e intercâmbios resultantes de suas experiências em novos territórios. Se as cidades se caracterizam mesmo por “esse desejo irreprimível de estar-junto que se estrutura a partir e entorno de um território” como indica Maffesoli (1998), os tipos de sociabilidades disponíveis mostram-se, portanto, como um sistema em que se negocia a partilha de significados comuns relacionalmente.

Diante de modos distintos de sociabilidade e, porque não dizer, também de moralidades, passam a ser incorporados um conjunto de novos elementos em seus repertórios e a passagem à vida adulta pode ser ritualizada sob outras condições sociológicas e também simbólicas na constituição de seus trajetos pela cidade. Nesse sentido, as práticas de si, as quais Foucault (2006) indexa referência primordial aos processos de subjetivação, localizadas culturalmente elas são ser acessadas diferentemente por cada um⁵². Os mecanismos de subjetivação, aos quais os sujeitos estão expostos, dependem, intrinsecamente, dos tipos de sociabilidade, bem como de seus contextos. De maneira nenhuma, estou supondo aqui que estar dentro ou fora do Taquaril reduz ou limita a maneira variada com que as práticas de si são elaboradas.

As duas principais maneiras, através das quais os jovens transpõem o território do Taquaril, em busca de novos tipos ou redes de sociabilidades, são quando ingressam no mercado de trabalho, ainda que precariamente⁵³, mas podem, por fim, frequentar bares ou casas noturnas realizando maior investimento financeiro em suas práticas de lazer ou, mais raramente, quando participam de projetos sociais ou programas de inclusão social que atendem em outros pontos da cidade⁵⁴.

Os trajetos observados apontam para o pertencimento à diferentes circuitos e redes. Seja o circuito universitário, em seus variados segmentos, entre os quais destaco as rodas de samba aquelas que acontecem no Meretíssimo Café e as boates na região da savassi como a Bwana e o PIC. Seja o circuito LGBT, que inclui espaços e eventos direcionados a públicos distintos tanto a seus perfis socioeconômicos, quanto de sexo e gênero, entre os quais destaco o Giz Club, a Josefina e a Praça da Estação. Muito raramente eles citaram frequentar a rede de cinema e teatro da cidade, entre os

⁵² Em entrevista, Foucault esclarece seu entendimento sobre a noção de sujeito e sua recusa veemente de uma teoria *a priori* do sujeito, pois em sua formulação os modos de constituição do sujeito em suas diferentes formas deveria ser analisada em relação aos jogos de verdade e as práticas de poder não podendo ser, portanto, tomado como substância.

⁵³ Chacham (2005) demonstrou o baixo nível de qualificação entre jovens no Taquaril que implica por sua vez em inserção precária no mercado de trabalho.

⁵⁴ Embora saiba da existência de outros me refiro especificamente ao projeto Valores de Minas e ao programa de profissionalização da Cruz Vermelha, pois, foram esses que apareceram no relato dos jovens. O primeiro, direcionado à jovens de baixa renda com idade entre 14 e 24 anos, que durante um ano cursam oficinas de arte – teatro, circo, música, dança e artes plásticas. O segundo oferece cursos profissionalizantes e encaminha para estágios em empresas e instituições conveniadas jovens de mesmo perfil socioeconômico.

quais muitos contam com programas de preços populares.

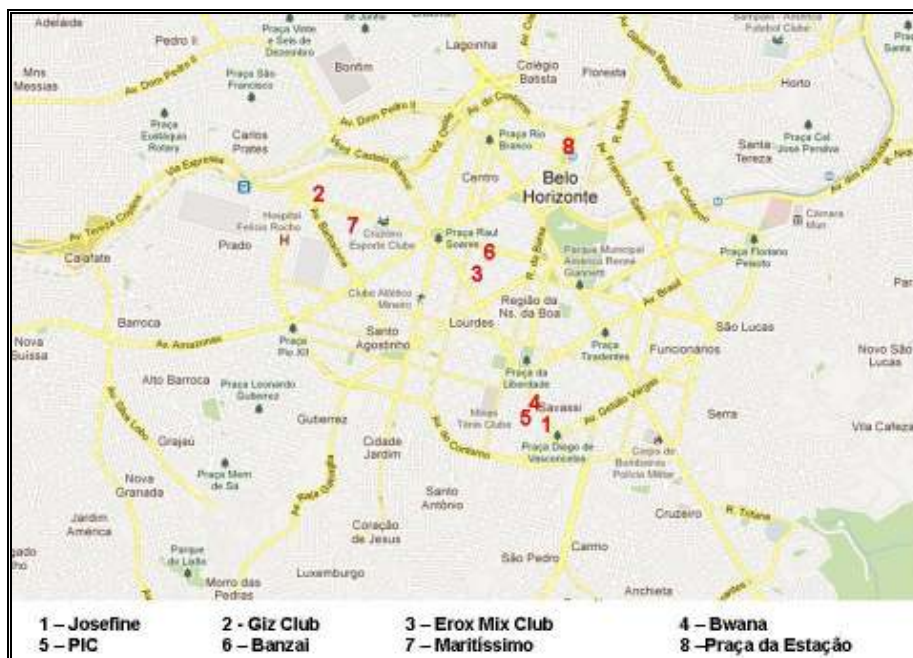


FIGURA 15: Localização dos principais bares e boates citados entre os jovens do Taquaril
FONTE: A autora & Google maps, 2010

Em contraponto a já citada Fênix, as boates na região da Savassi são caracterizadas como *lugar de rico*, não apenas pelo público predominantemente, de classe média alta, mas, também, pela localização, decorações e o próprio repertório musical. A PIC, por exemplo, com espaço relativamente pequeno destaca-se pela presença de garçons na pista, os assentos estilizados com os sofás e pufs. Já a música é o que chamam de *um pouco de tudo*, vai da disco music à musica eletrônica, passando pelo rock, sambarock e até mesmo o funk. Diferentemente dos jovens relativamente mais velhos – acima de vinte e cinco anos –, que costumam circular mais pela cidade indo à boates tanto na Savassi quanto na região da Pampulha (todas elas têm como público predominante jovens e adultos das classes médias), os mais novos que frequentam as matinês, como na Bwana, vão com intuito de dançar e raramente ficam por lá. E quando o fazem, na maioria das vezes, é com alguém conhecido ou conhecido de alguém. No relato de Dadá, aparecem diferentes elementos que ajudam a compreender essa dinâmica tão pontual de circulação em lugares como esse:

eu ia sozinha a maioria das vezes, com o D [um amigo DJ]. Mas assim era ridículo...só rico, branco. Tanto que eu me uma vez de um negro, negro e racista ainda. Eu estava na fila, e tinha um menino super bonito, dos olhos verdes que falou assim com o outro “nossa

olha lá que morenona bonita! O amigo dele falou assim “credo a menina é preta!”. Ele disse “nossa você é ridículo!” saiu de perto dele e veio conversar comigo. E o pior é que ele era preto, bem azul assim que nem meu pai. Era preto mesmo e tinha racismo contra a cor. E ainda era feio, porque se fosse um negão arrumado... O mais legal é que as patricinhas não sabem dançar. Então eu ia lá e só ficava olhando. Os boyzinhos nem chegavam perto né, porque é preta [ela]. Pra ser sincera, na hora que eu começava a dançar fazia rodinha em volta. As patricinhas já cruzavam os braços e iam para o canto. Elas não sabem rebolar e acaba que para toda dança tem que ter sensualidade. Não adianta você chegar lá e fazer o passo.

O relato acima aponta para diferentes dimensões da vida social com as quais é preciso lidar no jogo de interações em lugares de gente rica. Seja a classe social, a cor e, de modo menos evidente, o território também. Contrapondo-se a esses, a garota lançou mão de seus atributos femininos, sua “sensualidade” e, por que não dizer, de seu território também. Posto que, sua desenvoltura em diferentes ritmos musicais deve-se ao pertencimento de grupos de dança constituídos no interior das oficinas do programa de combate à violência e criminalidade do Taquaril, bem como de outras favelas.

De modo distinto daqueles que se inseriram no circuito do pagode ou funk, os jovens inseridos no campo político-cultural do Taquaril, bem como aqueles inseridos no circuito de lazer e consumo LGBT, compõem arranjos interacionais que conjugam tanto seus atributos pessoais quanto as marcas de distintas dimensões sociais à outros aspectos presentes nos lugares que frequentam. Pois ainda que para muitos deles a maioria das relações tenham sido estabelecidas no interior de um mesmo grupo de conhecidos, as dinâmicas dos circuitos amplia significativamente a presença de indivíduos fora do Taquaril em suas redes de sociabilidade.

A grosso modo, pude identificar boates, bares e praças como lugares de frequência LGBT entre os jovens do Taquaril⁵⁵. Embora sejam citados muitos lugares os jovens assinalam muito mais o conhecimento sobre a rede de lazer do que suas frequências propriamente ditas. Entre as três boates citadas há predominância de um público masculino que dependendo da localização variam-se também o perfil econômico bem como de masculinidades. Na mais citada delas, a Josefine, localizada na região da Savassi o público principal é pertencente à classe média e média-alta e nela apenas um garoto de 22 anos de idade, que trabalha como balconista numa boutique no centro, admitiu ir com mais frequência, ponderando que é difícil ir mais de duas vezes por mês dado ao alto investimento financeiro necessário. Nos outros fins de semana, ele acaba encontrando os amigos no

⁵⁵ Exclui-se, aqui, os locais de “pegação” investigados por Teixeira (2002) no centro da cidade. Primeiro pela ausência desses nos relatos dos jovens entrevistados e, segundo, por apresentarem dinâmica específica dentro desse circuito.

Banzai. De certo modo, sua estética “moderna”, sua pele clara e o fato de *não chamar muita atenção*, como ele mesmo destaca, facilita sua circulação em lugares como esse. Em casos como o de Bruna, de 28 anos, branca e olhos verdes, mas com estilo *bofinho*, como ela diz ter, boates como a Jô não são interessantes, pois frequentemente ela tem seu sexo confundido o que indica, segundo ela, extrema falta de *noção* das garotas. E, muito embora, ela diga frequentar boates como o Giz ou a Eros, sua preferência se dá mesmo fora do circuito LBGT, nas festas do Taquaril ou mesmo na Fênix, onde ela costuma ir acompanhada de outras garotas do Taquaril. Voltarei a este caso no próximo capítulo com maior detalhe.

O Banzai, localiza-se na Av. Augusto de Lima e é comumente conhecido como um buteco de fim de noite, no centro da cidade, no qual jovens e adultos há muitos anos costumam fazer uma última parada, depois das festas e baladas, para beber mais uma saidera. Recentemente, tem sido ocupado pelo público LBGT, especialmente jovem. Por ser um bar aberto, com mesas na calçada, não há impedimento de que menores de dezoito anos o frequentem. Esse era o caso de Lucas que aos 17 anos de idade disse frequentar o Banzai há pelo menos um ano. Entretanto diz ser um programa que ele realiza estritamente por causa da companhia dos amigos. *Acho lá muito sujo, não gosto das pessoas... mas os meus amigos sempre vão lá.* Considerando que do outro lado da rua há uma boate LBGT mais *trash*, como eles costumam dizer, podem também aproveitar o período de esquentar entre os frequentadores da boate, no qual a calçada está mais cheia, entre dez horas e meia noite, para flertar com os mais velhos. Aos arredores das três ruas que tangenciam a esquina do Banzai, é possível visualizar casais adolescentes se pegando desde o início da noite. Basta o comércio fechar, por volta das dezenove horas, e aos poucos eles vão se aglomerando na frente do Banzai, no jardim central da Av. Augusto de Lima, do outro lado da rua e nas adjacências. Soube, porém, que logo após o término da pesquisa de campo, o bar foi autuado pela prefeitura, segundo o código de posturas da cidade, por ocupar a via de passagem dos pedestres com as mesas e cadeiras e tem deixado de ser um “point” LBGT.

A praça da estação, por exemplo, símbolo histórico de Belo Horizonte⁵⁶, que hoje, além das estações de metrô e trem é, também, ponto turístico e referência para realização tanto de atividades culturais quanto de manifestações políticas. Sua localização em uma avenida de grande fluxo e, sobretudo, de conexão entre importantes vias de acesso às diferentes regiões da cidade, inclusive da

⁵⁶ A praça da estação é frequentemente utilizada para realização de manifestações culturais e políticas por diferentes grupos.

zona leste, torna-se também apropriada como ponto de encontro. Essa praça como a do Taquaril, costuma ser ocupada por diferentes redes de sociabilidade com seus interesses e condutas próprias, porém seu destaque, aqui, deve-se a sinalização por alguns jovens LGBT como esta sendo também lugar de paquera. Especialmente entre aqueles participantes do Projeto Valores de Minas cujo núcleo se localiza na mesma avenida. Lucas, conta que a primeira vez que ficou com outro garoto em público foi nesta praça, *morri de vergonha, todo mundo olhando, nunca tinha ficado com um garoto em público! Lá no Taquaril, a gente marcava de ir na casa um do outro e ficava*. A presença no Valores de Minas tanto quanto a frequência da praça e do Banzai garantiram ao Lucas maios clareza de seus próprios desejos ao passo que sua nova rede também ofereceu apoio suficiente para que dali em diante ele ficasse apenas com garotos.

A constituição de trajetos que se faz por pontos e circuitos distintos, não apenas em configurações simbólicas e espaciais, mas, sobretudo, quanto à variação das convenções e moralidades neles inscritas, podem alterar significativamente o modo através do qual se constituem os processos de subjetivação. São as cenas compostas em suas andanças mais do que os próprios cenários que os convidam a se posicionarem desta ou daquela maneira produzindo direções e sentidos com intensidades variadas em seus fluxos de interações sociais. Em que pese os diferente arranjos de interação conjugados nos tipos de circulação dos jovens desta investigação, o capítulo que se segue ater-se-á não mais aos trajetos mas sim às trajetórias compostas nos e a partir dos trajetos.

CAPÍTULO 3

TRAJETÓRIAS, AFETOS E DIFERENÇAS.

Nos últimos vinte anos, a literatura brasileira sobre sexualidade entre jovens tem sido predominantemente marcada por questões relacionadas à saúde sexual e reprodutiva. Sob uma perspectiva de direitos humanos e/ou feminista, diferentes campos de conhecimento têm refletido sobre as desigualdades relacionadas às vivências da sexualidade, bem como a enorme diversidade com que ela se expressa (MONTEIRO, 1999; CASTRO & ABRAMOVAY, 2006, KNAUTH et al, 2006). Fenômenos como o “rejuvenescimento da fecundidade” associado às novas configurações familiares e a feminização do HIV/AIDS - especialmente no grupo etário de 15-19 anos de idade -, deram à juventude novo status nos campos ligados à saúde como a epidemiologia e a saúde coletiva, mas também estiveram refletidos nas discussões propostas e interessadas da demografia, da psicologia, da sociologia e da antropologia, que vêm se ocupando dos comportamentos sexuais, suas representações e as subjetividades delas decorrentes. Logo após divulgação do relatório da DHS⁵⁷, em 1996, foi realizado um dos primeiros diagnósticos endereçados a juventude, em escala nacional, que tentava iluminar os fenômenos acima citados, feito pelo IBGE, em 1997, no qual encontramos, além de uma descrição geral da situação sócio-demográfica, também uma apresentação específica dos dados com recorte nas mulheres jovens.

Outro fenômeno reposicionou que os jovens – enquanto categoria analítica e também como público-alvo - em relação aos estudos acadêmicos e técnicos em diferentes regiões do país foi a chamada violência urbana, já mencionada neste trabalho quando refletia acerca das representações sobre os jovens sobre a qual menciono, agora, buscando apontar os efeitos desse fenômeno, não apenas na representação, mas na produção sobre as juventudes. Tomados tanto como protagonistas quanto vítimas desse fenômeno, diferentes segmentos da sociedade de caráter religioso, comunitário, judiciário, educacional, entre outros, voltaram-se para os jovens para entender suas especificidades e demandar e/ou elaborar políticas.

É preciso considerar, ainda, a promulgação do Estatuto da Criança e do Adolescente em 1990, que se apresentou como uma mudança significativa no marco legal. Resultante das mudanças

⁵⁷ A DHS (Demographic and Health Surveys) faz parte de um programa de pesquisas em demografia e saúde, iniciado no ano de 1984, de forma comparada em vários países, que objetiva compreender e planejar sobre as diversas alterações demográficas pós 1960. Teve sua primeira versão no Brasil em 1986 e foi repetida em 1996, pela BEMFAM (sociedade Civil bem-estar familiar no Brasil) localmente chamada Pesquisa Nacional sobre Demografia e Saúde.

indicadas, ele impactou tanto os estudos entre adolescentes e jovens, quanto as suas demandas e cuidados específicos, fazendo-se olhar, também, para suas famílias. A família tem sido considerada nos estudos de sexualidade entre jovens e adolescentes e, segundo Velho (2006) aparece de forma indireta com referência às descrições de Freyre em “Sobrados e Mucambos”, da ascensão do bacharel nas transformações da família patriarcal, oferecendo-nos elementos para pensar sobre as configurações potencializadoras de determinados comportamentos, modos de vida e projetos pessoais. Com foco no contexto ou nas práticas culturais, a família tem sido assumida como forma de dar inteligibilidade aos modos de vivência e significação da sexualidade, especialmente no que diz respeito obtenção de informações e ou orientações sobre sexualidade. Castro & Abromoway (2004) mostram como que, de modo geral, para mulheres a mãe representa significativa diferença em relação ao pai, enquanto que para homens, os pais e as mães têm peso semelhante.

Sem o objetivo de mapear o amplo e diverso campo de estudos sobre juventude, dado o delineamento desta investigação, vou me deter com mais detalhe àqueles que se referem e se concentram em suas sexualidades. Encontrei diferentes razões pelas quais ocorreu certo fortalecimento recente dos estudos de sexualidade no eixo da juventude. Dentre elas, destaco a tomada dos jovens como sujeitos de direitos que colocou as discussões em torno da sexualidade (LEITE, 2009), a partir de suas autonomias e, também, o desvelamento de desigualdades inscritas nos modos de vivência da sexualidade.

No que se refere à juventude, o amplo espectro dos estudos de sexualidade no campo brasileiro estão repostas, tanto nas linhagens já consolidadas que empreenderam sobre *os saberes e verdades sobre o sexo*, bem como as articulações entre sexualidade e direitos (GREGORI, 2010). São observados mecanismos regulatórios e disciplinares do sexo e também são apontados e reivindicados os direitos sexuais e reprodutivos, porém, este último eixo pode ser tomado como um vértice que se desdobra em duas novas direções: uma que se ocupa de identificar as desigualdades e outra que evidencia as diversidades da experiência sexual juvenil. Entretanto, ainda que situadas em diferentes abordagens, elas permanecem simultaneamente conectadas aos referentes mecanismos normativos do sexo, quanto à busca dos direitos de vivenciá-lo “livremente”. A coexistência de distintas perspectivas no mesmo campo tem gerado tensões, mas, também, interessantes apontamentos.

A UNESCO, por exemplo, firmou desde o ano de 1997, uma série de estudos em escala nacional, a fim de compreender as representações da juventude acerca da temática da violência e cidadania se multiplicou as investigações nas grandes cidades brasileiras com respeito à gangues,

mapas da violência, linguagens culturais, vulnerabilidades e proposições dos jovens. Dentre eles, um estudo específico acerca da sexualidade entre jovens foi realizado com intuito de atualizar e redimensionar os já “defasados” dados sobre saúde, em especial a saúde sexual, como forma de enfrentamento do que se chamou de *grandes inquietações* que vinham atingindo os jovens de todo o planeta, como: a gravidez precoce, o aborto inseguro e as DST e AIDS. (CASTRO; ABROMOWAY; SILVA, 2004).

Em outra direção, Heilborn (1999) aponta o especial interesse das Ciências Sociais pela sexualidade juvenil, devido ao que ela chama de uma *condição privilegiada* da experiência sexual nesta fase como experimentação de práticas sexuais, seja pelos modos com que ocorre a iniciação sexual em si, seja pelas conseqüências que possa ter na vida adulta. Nas palavras dessa autora, “*a juventude é privilegiada como momento de análise por condensar a experiência da sexualidade com um outro, instaurando modos particulares de entrada na vida sexual e conjugal*” (Heilborn, 1999, p.13).

Noções compartilhadas da sexualidade juvenil, como um “laboratório da sexualidade humana”, têm motivado, significativamente, as investigações sobre os modos de vida da juventude brasileira com o propósito também de agir mais eficazmente contra as mazelas de uma sexualidade vista como irresponsável, problemática e perigosa⁵⁸ ou mesmo implicada em processos de desigualdades sociais que devem ser superados. Nessa vertente, a juventude vem sendo tratada pelo seu protagonismo social e há um significativo destaque para questões como gravidez, aborto, exposição à violência, bem como à DSTs e, apenas mais raramente, tratam das práticas sexuais a partir das quais se tem constituído parte do repertório que se pretende chamar de modos de vida juvenil (CASTRO, 2004; MONTEIRO, 1999; KNAUTH, 2006).

Se, por um lado, tivemos a elucidação de diferentes maneiras com que a vivência da sexualidade possa impactar na vida dos jovens – sua saúde, sua escolaridade, seu trabalho, suas subjetividades ou projetos de vida –, por outro, foram indexadas às suas “vulnerabilidades” sociais a noção de problema social. Contestando essa tendência, estudos como o GRAVAD (Gravidez na Adolescência: Estudo Multicêntrico sobre Jovens, Sexualidade e Reprodução no Brasil) propõem o deslocamento da noção de problema social associado à gravidez na adolescência e indagam sobre os sentidos contextuais e culturais das trajetórias sexuais e reprodutivas dos jovens, apontando para a

⁵⁸ No capítulo anterior foram apresentadas três das principais imagens da juventude brasileira, entre as quais DAYRELL (2003) descreveu o perigo, o risco como sendo uma delas.

variabilidade de sentidos associados na vivência da sexualidade. No esforço em problematizar as noções em torno do “rejuvenescimento da fecundidade”, que resultaram na noção da gravidez na adolescência como um problema social, esses estudos consideram novos padrões de comportamento e valores sociais associados à maternidade/paternidade, à conjugalidade e a própria gravidez. Contudo, deles resultaram obliterações do impacto que essas experiências podem provocar na constituição de trajetórias em contextos específicos. No caso da gravidez, por exemplo, há prevalências significativamente distintas quando analisada sob diferentes esferas da vida social dos jovens, especialmente quanto a classe social (ABRAMOVAY & CASTRO, 2004; CHACHAM, 2005). Em Belo Horizonte, identificamos um percentual de 1,5% de gravidezes entre jovens de 15-19 anos de idade, na classe média, enquanto, na favela, para a mesma faixa etária, o percentual foi de 20,3%. Se olharmos para o grupo etário de 20-24, a diferença sobe consideravelmente, sendo 5,8% para classe média e 62,7% nas favelas (CHACHAM, 2008).

Do mesmo modo, podem ser observados os indicadores bastante expressivos quando a conjugalidade é estabelecida em circunstâncias de baixa autonomia (LOBATO, 2007); seja a autonomia entendida aqui não só pelo controle, mas, também pelo acesso aos recursos materiais e sociais, dentro da família e na sociedade em geral (JEJEEBHOY, 2000). O deslocamento etário das taxas mais significativas de fecundidade é acompanhado, também, por uma concentração das incidências de gravidez entre jovens de baixa renda. Ou seja, a distinção etária não tem sido suficiente para compreender a experiência da maternidade entre mulheres jovens. Faz-se necessária, a associação de fatores como renda, cor, arranjos familiares, territórios, projetos de vida, tipos de feminilidade e masculinidade vivenciadas, que possibilitem conjugar uma analítica mais acurada desse fenômeno. Em casos como o do GRAVAD, a discussão fica diluída nos grupos estudados sem salientar as desigualdades neles presentes, ainda que tenha sido feita ponderação de renda por local de residência.

Em estudo anterior, para uso simultâneo de um conjunto de variáveis, optei pela aplicação do método GoM - Grade of Membership, que me permitiu constituir e analisar determinados perfis de autonomia e vulnerabilidade ao HIV/AIDS e gravidezes indesejadas, entre mulheres jovens residentes do Taquaril. Pude perceber o impacto que determinadas variantes tinham sobre suas trajetórias⁵⁹; sejam elas relativas a características sócio-demográficas como escolaridade, renda familiar e idade ou ao tipo de arranjo familiar ao qual pertenciam e, especialmente, indicadores

⁵⁹ Para mais ver LOBATO; WAN DER MASS; CHACHAM, 2007.

relativos às diferentes dimensões de autonomia⁶⁰ na esfera econômica, social, domiciliar, sexual e também da liberdade de ameaças. No entanto, não foi possível avaliar o grau ou mesmo o modo com que ocorre esse impacto, embora ele já se apresentasse claramente imbricado em determinadas convenções sociais quanto ao comportamento sexual investigado; tampouco, quanto os atributos de gênero, orientação sexual, raça/cor, inserções diferenciadas a determinados tipos de sociabilidade e, sobretudo, as próprias impressões daquelas jovens sobre o modo como tais diferenças se constituem. A meu ver, tal impacto só poderia ser compreendido se observado sob distinta perspectiva analítica.

Seguindo o modelo analítico sugerido por Avtar Brah (2006), no qual as diferenças são pensadas articuladamente entre si, este trabalho busca avançar na percepção do imbricamento das diferentes dimensões da vida social, como realizei anteriormente, e passa a se debruçar sobre o próprio modo como elas se constituem produzindo e sendo produzidas nas interações sociais. Essa autora reforça que as *“estruturas de classe, racismo, gênero e sexualidade não podem ser tratadas como variáveis independentes porque a opressão de cada uma está inscrita dentro da outra – é constituída pela outra e é constitutiva dela”* (Brah, 2006, p.351). Para tanto, as intersecções devem ser pensadas como relações historicamente contingentes e específicas a determinado contexto. O que, por sua vez, nos leva a necessidade de compreender, quais são as convenções e moralidades presentes nos repertórios dos jovens do Taquaril. Isso eu acredito ter esboçado, ainda que incipientemente no último capítulo, porém retomarei, parcialmente, esses elementos, bem como apontarei outros resgatados nas entrevistas e em meu diário de campo, de modo a evidenciar as subjetivações presentes no campo de possibilidades e de escolhas de suas trajetórias.

O que anseio ressaltar é menos as obliterações de determinados modelos analíticos sobre vivência da sexualidade e mais a necessidade de investigações atentas as intersecções de diferentes dimensões da vida social constituintes das trajetórias dos sujeitos. Destacar as desigualdades ou evidenciar a diversidade na vivência da sexualidade entre jovens oferece-nos apontamentos relativamente distantes do complexo jogo de interações, que imbricado às diferentes esferas da vida social constitui não só distintas trajetórias afetivas e sexuais, mas, sobretudo, diferentes processos de subjetivação nos quais escolhas e oportunidades são significadas e potencializadas. Desse modo, proponho mais do que a observação e análise da sexualidade juvenil pensada articulada a processos mais amplos na estrutura social, seus contextos políticos, históricos e culturais constituídos por e constituintes de práticas e estilos em distintos modos de subjetivação.

⁶⁰ Sobre a definição de autonomia e suas diferentes dimensões ver JEJEEBHOY, 2000; SEN E BATLIWALA, 2000.

O processo de subjetivação no qual está conjugado à relação dos indivíduos com o real, com a norma e consigo mesmo, tal como pensado e descrito por Foucault (2004), pode ser pensado a partir de três perspectivas: da regra de conduta, da comparação entre a regra e a conduta ou, ainda, da maneira como é preciso conduzir-se para constituir-se como sujeito moral. Embora estejam interligadas, apenas a última será assumida neste trabalho. Pois, para a primeira seria necessário demasiado investimento na construção cartográfica de todas as convenções e moralidades inscritas nos contextos dos sujeitos que investiguei e, de igual maneira, a comparação entre as regras e as condutas demandaria uma observação mais duradoura das condutas. Desse modo, vou focar na maneira como é preciso conduzir-se e, por conseguinte, *constituir-se como sujeito moral agindo em referência aos elementos prescritivos que constituem o código da conduta* (p.212). Considero as regras e também as relaciono com as condutas, ainda que de modo pontual nas experiências que analiso. Levo em conta o complexo imbricamento do processo de subjetivação às convenções e moralidades, bem como as distintas referências culturais as quais os sujeitos estão expostos. Foucault nos detalha esse processo num conjunto de ações, através das quais estamos longe de observar como simples resultantes de internalizações ou acomodações normativas no âmbito individual das interações sociais. Para esse autor, toda ação moral, ou seja, todo comportamento real dos indivíduos em relação às regras e valores que lhe são impostos implica não simplesmente “consciência de si”, mas constituição de si como “sujeito moral”, na qual

o indivíduo circunscreve a parte dele próprio que constitui esse objeto de prática moral, define a sua posição em relação ao preceito que ela acata, determina para si um certo modo de ser que valerá como cumprimento moral dele mesmo e, para realizar-se, age sobre ele mesmo, levando-o a se conhecer, a se controlar, a pôr-se à prova, a se aperfeiçoar e a se transformar (FOUCAULT, 2006 p. 214).

O caminho que escolhi para observar e, portanto, compreender os modos de subjetivação foi através das trajetórias de vida e dos sujeitos, mais especialmente, de suas experiências afetivas e sexuais. Tratarei, por conseguinte, de levantar elementos que permitam refletir a respeito do modo como as trajetórias afetivas e sexuais de jovens residentes em zonas faveladas se constituem, considerando não apenas os eventos e experiências por eles relatados, mas, sobretudo, os contextos dinâmicos entre os quais estão difusas diferentes percepções de cada uma das esferas de suas vidas.

Não pretendo propor generalizações com referência às poucas entrevistas realizadas, mas tendo recolhido, também, relatos pontuais sobre algumas experiências em aproximações menos estruturadas, somando ainda às minhas próprias observações em campo, pude dimensionar as

trajetórias num espectro mais amplo. As trajetórias são assumidas, aqui, no sentido dado por Bourdieu (1986), no qual elas podem ser tomadas como produto de minha objetivação dos relatos, compondo uma descrição da série de posições dos sujeitos concernentes às experiências que considero mais marcantes em relação aos fenômenos que desejo elucidar. E, para organizá-las, farei uso de três conjuntos aproximados de possibilidades para pensar sobre a constituição das trajetórias em suas variadas dimensões da vida social. Por “esfera da vida”, entendo cada um dos diferentes âmbitos de disposição dos sujeitos na vida social, cujo feixe de relações são constituídas e constituintes de subjetividades, saberes e poderes. Nessas esferas, regidas por dispositivos nos termos de Deleuze (1992), os sujeitos assumem posições e experimentam qualquer interação social a partir das quais suas diferenças sejam interpostas, tensionadas, deslocadas e repostas, na medida em que são atravessadas por linhas de força de outras esferas da vida social. Essas esferas referem-se ao âmbito doméstico, familiar, escolar, profissional, religioso, territorial, sexual, afetivo, feminino/masculino, raça/cor e outros. Considerando que os arranjos conformados pelas linhas de força de cada uma dessas esferas, podem resultar variados posicionamentos dos sujeitos, bem como de sua própria percepção de si e de seus modos de subjetivação, não poderia, aqui, assumir previsibilidade alguma dos deslocamentos que delas emergem. Mas, a título de análise, organizo as trajetórias em eixos de experiências que, de modo algum, podem ser vistos como elementos determinantes. Na leitura que faço de cada experiência, escolha ou oportunidade, considero as mediações por outras dimensões.

Dentre os dezesseis jovens com os quais tive convivência estreita, seja através de encontros regulares, seja na companhia das saídas noturnas ou oficinas, com apenas metade deles, realizei entrevista em profundidade⁶¹. E, para a realização de cada uma delas, foram levadas em conta as relações estabelecidas entre o jovem e seus pais, bem como suas percepções sobre a vida dos pais como casal, como parceiros afetivos e sexuais, bem como suas orientações para uma vida afetiva ou sexual. Com alguns deles, pude obter também opiniões sobre algumas noções de senso comum, relativas ao âmbito doméstico, financeiro, sexual e de sociabilidade no contexto de conjugalidade.

A configuração familiar apareceu, novamente⁶², como elemento importante, mas

⁶¹ Para mais sobre o perfil dos entrevistados ver ANEXO I.

⁶² A configuração familiar, tal qual definida em estudo anterior, refere-se aos modos de organização da chefia familiar e foi estimada como eixo para organização dos dados em relação aos indicadores de autonomia nas suas cinco dimensões determinadas (Decisões econômicas, Mobilidade e acesso a recursos sociais, Controle de recursos econômicos, Liberdade de ameaças e Sexualidade). Consideramos arranjos familiares que tinham como chefes do domicílio o pai e a mãe, apenas o pai, apenas a mãe, apenas o companheiro da entrevistada, apenas a entrevistada ou a entrevistada e companheiro juntos. Dentre os resultados obtidos, os perfis de *Autonomia e Vulnerabilidade* que se mostraram mais

diferentemente da análise anterior, em que estavam conjugadas as características sócio-demográficas às práticas sexuais e determinado grau de autonomia. Aqui, a dinâmica interna do casal como referência para os filhos, seja dos tipos de feminilidade ou masculinidade, seja pelos arranjos conjugais não só no que se refere a chefia do domicílio mas em todas as decisões sobre a educação dos filhos, e, também, por toda rede de proteção que os pais constituem em torno dos filhos. A ausência de um dos pais, por motivo de separação ou outro, por exemplo, apresenta-se como motivação para uma relação de maior cumplicidade com as mães, gerando, também, confiança e apoio nas escolhas. Mesmo em casos como o de Lucas em que a “quietude” da mãe, por ele era compreendida e respeitada, mas, também, sentia que essa atitude criava barreiras na interação. A pouca comunicação com a mãe, entretanto, não impossibilitou igual cumplicidade que resultou, ao menos em parte, em postura e discursos bastante igualitários de sua parte. Desde a divisão do trabalho doméstico, passando pelos cuidados com os filhos, de igual oportunidade em formação e trabalho até aos desejos e práticas sexuais, sua fala reforçava o significativo valor empregado à atuação feminina.

Já a escolaridade e formação profissional dos jovens foram significativamente marcantes na qualidade da inserção no mercado de trabalho e, a ela, podem ser somados, também, a escolaridade e profissão dos pais. A busca por oportunidades de trabalho em áreas de baixa qualificação profissional seguiram os caminhos dos pais, mesmo em casos que o jovem tinha maior escolaridade do que os pais. Enquanto, o desejo de obtenção de nível superior ou técnico parecia um caminho natural quando, pelo menos, um dos pais também o tinha.

Para além dos elementos acima, considere, ainda, a preocupação dos jovens com a fofoca - este *jogo culturalmente controlado, com importantes funções sociais* -, como definido por Gluckman (1963), emergida, de alguma forma, na narrativa de todos eles, através do que chamaram de *conversa fiada*. De modo semelhante à “fofoca”, trazida por Fonseca (2004) como elemento importante na compreensão sobre as relações de gênero e violência na Vila do Cachorro Sentado em Porto Alegre, a *conversa fiada* se refere, no caso da minha investigação também, àquilo que informa “sobre a reputação dos moradores de um local, consolidando ou prejudicando sua imagem pública” (p.42). Notei que a conversa fiada é evocada, mais frequentemente, entre os jovens de orientação sexual homossexual para situar os maldizeres da vizinhança quanto a sua conduta aos

expressivos quanto a maior autonomia e menor vulnerabilidade, foram aqueles que tinham com chefe da família o pai e a mãe juntos ou apenas a mãe. Nestes dois casos, as jovens apresentaram maior escolaridade, maior renda relativa e também maior probabilidade de usar métodos contraceptivos, dentre outros elementos. Ver LOBATO ET AL.2007.

afetos e parceiros sexuais do que àquelas relacionadas aos estigmas sofridos por serem moradores, ao que todos esses jovens são igualmente marcados em razão da violência, crime e pobreza constituintes das imagens de territórios como o Taquaril. Vejamos como esse conjunto de elementos aparece nas experiências abaixo, articuladas, deslocadas e reordenadas nas escolhas de uma jovem em particular.

Os jovens entrevistados também foram convidados a descrever cada uma de suas experiências afetivo-sexuais e os deixei à vontade para excluir aquelas que julgassem menos relevantes. Ao final de nossas conversas, eles versaram sobre práticas preventivas para cada uma de suas relações sexuais. Destaco no primeiro conjunto aquelas trajetórias que, por determinados atributos de gênero, renovaram os modos de circulação, mas, limitaram-se à suas redes de sociabilidade na vivência de sua sexualidade; no segundo estão as trajetórias em que a gravidez não planejada e a entrada na conjugalidade reordenou, significativamente, suas escolhas; no terceiro e último, dirijo-me às trajetórias marcadas, mais fortemente, pelo modo como a escolaridade e a inserção em atividades sociais de ONGs ampliaram seus projetos de vida.

1. Entre as convenções de gênero e sexualidade e os limites do território

Os estudos brasileiros sobre homossexualidade constituem um campo fértil na antropologia, recentemente têm ganhado fôlego especial entre os interessados em zonas periféricas ou faveladas (MEDEIROS, 2006; LACOMBE, 2006; AGUIÃO, 2007; LOPES, 2011). Tributários das formulações fundamentais deste campo por Peter Fry (1982), os recentes estudos sobre juventudes e sexualidades em favelas consideram os sistemas de classificação observados por esse autor, mas apresentam, também, como esse campo de estudos como um todo, elementos analíticos que escapam aos dualismos ali presentes. Carrara & Simões (2007) apontam o novo escopo como resultante não apenas dos sistemas de classificação, mas da própria tradição brasileira e seus modos de representação da sexualidade como *um modo particular pelo qual elaboramos tal tradição*. Fry nos alertara de que

a ação social mesmo defasada das prioridades estabelecidas pelas representações, será sempre compreendida nos termos que elas estabelecem. Ainda que muitas vezes conflitantes e contraditórias, serão utilizadas na vida cotidiana para explicar, legitimar ou condenar determinadas ações (p.89, 1982).

Ainda que possamos encontrar trabalhos indicando predominância de um modelo hierárquico em camadas populares e do modelo igualitário nas camadas médias, minha percepção sobre a homossexualidade no território do Taquaril segue orientada por esse autor e atenta ao imbricamento dos sistemas de classificação. Como veremos a seguir, na trajetória de uma das jovens estão presentes os dois modelos, porém com implicações distintas de acordo com o território e o modo de circulação que ela constitui em sua rede de relações.

Nesse tópico, o eixo organizador das trajetórias será a experiência de relações afetivas e sexuais com pessoas de mesmo sexo, conjugadas às suas expressões de masculino e feminino, que parecem incitar, mais fortemente, suas escolhas sobre onde e com quem se relacionar, dentro e fora do Taquaril. Para alguns dos jovens de orientação sexual homossexual⁶³, o território externo ao Taquaril impõe limites tanto estruturais quanto simbólicos, particularmente difíceis de serem transpostos. Algumas práticas ou mesmo estilos de ser e viver parecem ser possíveis apenas internamente a um determinado território. Homens e mulheres observam um espectro de possibilidades distinto de acordo com suas identificações como “lésbicas”, “bofinhos”, “gays” ou “bichas”, de modo que sejam elaboradas estratégias variadas de circulação nesse e noutros territórios. Suas andanças, escolhas e projetos pessoais, estiveram permeados, também, pela formação e experiência religiosa⁶⁴. Nenhum deles frequentava qualquer culto religioso, porém enquanto para alguns, essa ausência significava desprendimento dos valores e normas entendidas como incoerentes às suas práticas, para outros era apenas uma condição à qual restava apenas resignação. Samira⁶⁵ me declarou que *no final eu sei que vou para o inferno mesmo, mas o que eu posso fazer?!*

Bruna protagoniza uma das experiências mais fascinantes entre as quais tomei conhecimento no Taquaril. Mulher branca, de olhos verdes, é gêmea de um de seus sete irmãos. Seu pai, pedreiro, havia estudado até a quarta série e a mãe, que trabalhava em serviços gerais, concluíra o ensino

⁶³ Entre os dezesseis que compuseram minha rede mais densa, cinco deles tinham tido experiências afetivas e ou sexuais com indivíduos de mesmo sexo, sendo dois homens e três mulheres, entre os quais um não foi entrevistado de modo aprofundado.

⁶⁴ Em estudo anterior o tipo de filiação religiosa não mostrou qualquer influência sobre a vivência da sexualidade entre as jovens do Taquaril, entretanto encontramos um número expressivo de jovens sem religião (12,9 %) maior que o percentual nacional que, no último censo, foi de 7,3%. Entretanto, vale ressaltar, aqui, não a presença desta ou daquela religião em suas experiências, mas o modo como ela pode ser dimensionada na significação de tais experiências. Entre aqueles que se declaram sem religião parece também haver certo desprendimento das “amarras” religiosas nesse processo de significação, mas não ocorre o mesmo na avaliação da correspondência de seus comportamentos com as expectativas dos pais quando estes são religiosos.

⁶⁵ Samira não foi entrevistada, mas me acompanhou em uma das festas no Taquaril e colaborou contando dos lugares e suas próprias experiências em contatos via web. Ela é negra, tem 27 anos de idade, foi unida com uma outra mulher por

médio. Criada em religião católica, considera-se atualmente sem religião, está solteira e sem namorada. Bruna mora com o pai, seus irmãos e uma sobrinha. No mesmo terreno, mora também uma cunhada com suas duas filhas. A mãe, separada do pai há dois anos, mora com novo companheiro no município de Ribeirão das Neves – vizinho a Belo Horizonte, perto de seu outro irmão, que ela indica como “também” gay. Com apenas o ensino médio completo e sem nenhuma formação técnica, sua experiência profissional é marcada por empregos de baixa qualificação tais como faxineira, copeira e também por períodos de desemprego. Diferentemente da maioria dos jovens entrevistados, ela não almeja o ingresso no ensino superior, fala genericamente da possibilidade de frequentar cursos profissionalizantes oferecidos no Taquaril mesmo, em busca de melhores oportunidades de emprego.

Bruna é uma pessoa reservada e relativamente tímida, porém costuma nos surpreender com brincadeiras e divertidas gargalhadas. Parte dessa reserva, parece ser uma estratégia de evitar a *conversa fiada* da vizinhança, mas há, na tensão entre o medo do estigma e o constrangimento em relação a homossexualidade, pistas de uma dinâmica da relação com seus pais, que resulta igualmente em postura cautelosa.

Com o pai, que ela diz nunca ter sido muito próximo nem carinhoso, Bruna mantém não só distância física, limitando-se ao aperto de mão, mas também emocional, não demonstrando qualquer afeto. E quando questionada a esse respeito, justifica genericamente sobre a existência de pais que abusam de seus filhos sem, contudo, fazer nenhuma menção explícita a abusos sofridos. Já em relação à mãe, ela diz ter amizade, conta do apoio que dava a mãe, quando ainda casada, para sair e se divertir, mentindo, inclusive, para seu pai que bebia muito e, portanto, não merecia a mãe como esposa. Entretanto, Bruna não partilha nada de suas próprias relações afetivas com a mãe por acreditar que o fato de ser aceita como é, de ser respeitada seja mais do que suficiente para demandar nessa relação. Poderíamos evocar a noção de abjeto de Butler (2003) para qualificar tal silenciamento de uma identidade recusada, mas nele há também a resiliência sobre os limites de aceitação da mãe.

Bruna teve sua adolescência marcada por eventos de implicações bastante significativas em suas escolhas, em sua personalidade e, especialmente, na relação com seus pais. Aos quatorze anos, ela apanhou muito de sua mãe por ser descoberta uma carta sua, correspondida por uma garota vizinha. Sem ao menos lhe dar a chance de se explicar, Bruna percebeu os limites de falar a respeito

sete anos e embora estejam separadas mantêm relação fraterna com a filha de sua ex-companheira.

de seus sentimentos e desejos com a mãe. Ela foi tomada pelo mesmo sentimento dois anos depois, quando foi violentada sexualmente por um vizinho, que se dizia “apaixonado” por ela. O rapaz aproveitou-se da descoberta de uma relação afetiva que Bruna mantinha com uma garota do bairro para obrigá-la a ficar com ele, ameaçando revelar “tudo” para sua mãe. Ela tinha dezesseis anos e embora soubesse *o que queria* desde os quatorze anos, não tinha coragem de contar a mãe que gostava de mulheres, tinha medo de apanhar de novo. Ela se achava nova demais para dizer o que realmente queria e sua mãe não acreditaria em suas “verdades sobre si mesma”. Ela sucumbiu às ameaças do rapaz e aceitou sair com ele. Fingiu que estava namorando para também despistar sua mãe. Porém, não deixou de continuar se encontrando com sua namorada. Foi então que o rapaz a forçou a ter relações sexuais com ele.

Nossa foi horrível, não sei como essas meninas agüentam! Eu até suava... mas o quê que eu faço? Olha o que eu arrumei para mim?! Eu não queria, mas como é que eu ia gritar se eu estava errada... Oh meu Deus do céu, como é que eu ia gritar. Na hora eu nem pensei em nada. Acho que o medo foi mais alto, o medo falou mais alto do que eu. Se eu soubesse que minha mãe me aceitava depois numa boa, eu não tinha nem começado.... machucou demais! Minha mãe me buscou na escola e me levou lá para a delegacia de mulher. Chegou lá eu falei tudo que pegou com o cara. Aí o cara “você sabe que isso é um estupro, né? Porque sexo sem vontade não é sexo!”. Ele mandou carta para esse cara comparecer lá e, ele negou tudo aquele desgraçado. Disse que eu amava ele! Eu nunca amei você, quem é você para falar que eu te amo?! Mas meu pai falou pra eu deixar isso, que ele não ia me aceitar não. Minha mãe não gostou não mas eu fiquei entre os dois. Eu morava com meu pai então tive que dar oportunidade para esse cara.

Uma experiência dolorosa que Bruna conta com desprezo pelo rapaz e, em contrapartida, demonstra enorme alívio pelo modo como isso resultou na aceitação, no estabelecimento de uma relação de respeito e confiança com a mãe. E quando pergunto da relação com a mãe atualmente, mais de dez anos depois, ela diz que *hoje em dia, ela me pergunta se estou bem, se estou namorando, mas eu não falo nada, para não machucar, só de ela me aceitar, me respeitar... ela só pede para que eu não me envolva com drogas, essas coisas.*

Atualmente, Bruna se compõe em uma estética claramente masculina e tem sua identidade sexual como um referente às todas as pessoas que a rodeiam. Desde os vinte e um anos, ela decidiu manter o corte de cabelo bem curto, não usa brincos nem qualquer acessório comumente associado a estéticas femininas. De porte físico magro e forte, ela se compõe numa estética em que predominam as camisetas regatas, bermudas largas, tênis ou sandálias de couro e alguns acessórios como colares, pulseiras e também anéis, tudo em cor prata. Seu cuidado com as garotas, associado à permanência em redes de sociabilidade internas ao Taquaril, especialmente aquelas ligadas às festas e oficinas de

dança colabora na constituição de um grupo de protegidas ao seu redor. Garotas de treze, quatorze anos de idade que barganham a permissão dos pais para frequentar a praça ou as festas na companhia de Bruna, percebida na localidade como uma garota responsável, trabalhadora, boa amiga e companhia confiável.

Suas investidas mais bem sucedidas costumam ser com garotas do próprio bairro, mais especificamente com mulheres “de verdade”, como ela costuma dizer (mulheres maquiadas, de salto alto, roupas justas e acessórios como brincos, colares e pulseiras). Adora dançar e frequenta, tanto quanto possível, as festas, os eventos na praça, as oficinas de forró e axé, bem como a badalada casa noturna Fênix sempre, ritualisticamente acompanhada de suas “protegidas”. E, raramente, na companhia de algum amigo, também gay, costuma ir a boates *gls*⁶⁶ como o GIZ ou a EROS (predominantemente frequentada por pessoas de classe média baixa). Porém esses espaços não se apresentam como oportunos para paqueras já que costumam ter muito mais *gays* do que *sapatão*.

Uma vez, eu fui (no GIZ) com o professor de axé. Tinha mais era gay, mas tinha uma menina bonitona. Só que ela era ordinária demais. Não quis ficar⁶⁷ comigo não. Beleza, eu não insisti. Na hora que eu estava indo embora ela quis ficar comigo. Eu falei “agora sou eu que não quero, você não falou que tem namorada?!” fui embora. Ah...dá licença! Não fiquei não. E também quando eu ia na boate assim, eles achavam que eu era namorado do meu professor por causa do meu cabelo curto...

Embora tenha indicado a existência de um bar *gls* no Alto Vera Cruz e, também, a realização de festas GLS em casa de garotas do Taquaril, Bruna confessa não frequentá-los, pois, nesses ambientes, *rola muita falsidade*. E aqui, de novo, é a conversa fiada o termômetro de investimento em relações e na circulação. As classificações quanto à orientação sexual para referir-se a si mesma ou aos outros é, genericamente, *gay*, exceto quando necessita diferenciar o sexo, utilizando *gay-sapatão*. Entretanto, quando convidada a dizer como ela se identifica o termo é outro, *bofinho*⁶⁸, e, rapidamente, indica o contraponto assinalando sua preferência por *ladyes*, ou melhor, por aquelas “mulheres que usam salto alto e maquiagem”.

Bruna localiza no Taquaril o registro de quase todas suas experiências afetivas e sexuais, justificando-se pelo fato de que fora desse território, ela costuma ser confundida como sendo do

⁶⁶ As referências ao mercado de público alvo LGBTT são ainda comumente descritas como locais GLS ou gay.

⁶⁷ O termo *ficar* empregado pelos jovens tem mesmo sentido empregado por ALMEIDA (2006), no qual *ficar* é essencialmente *beijar, beijar em série, beijar muito reconfigurando temporalidades antes submetidas ao crivo da cadência amorosa e sentimental* (p.149).

⁶⁸ O termo *bofinho* contrapõe-se a *lady* como marcado predominantemente pela masculinidade-atividade versus feminilidade-passividade. Fachini (2008) assinala como *bofinho* e *ladys* podem também borrar as fronteiras entre o

sexo oposto. Essa percepção confusa ou mesmo ambígua resulta em forte desprezo à falta de reconhecimento de seu corpo como de mulher, como se fosse uma inabilidade mesmo das outras garotas de percebê-la como tal. No Taquaril, porém, há sobre ela certa imunidade por sua forma de apresentação *ah Bruna é daquele jeito né! Ela é assim mesmo...* Entre a ausência de hostilidade e a presença de certa indiferença às suas singularidades o que percebo é de fato a constituição de uma zona de conforto, apoiada no respeito que ela inspira por sua hombridade pautando sua vida na ética do trabalho, do culto a saúde longe de todo tipo de vício, como bebida, cigarros ou drogas, tendo sua masculinidade refletida na relação de proteção com garotas e camaradagem entre os homens.

Bruna conta que suas preferências a colocam em certos apuros, pois as *ladyes* quase sempre têm namorados. E quando ela se percebe interessada por alguma garota usa a seguinte estratégia: *se eu interessar numa menina, se eu conhecer o cara que está com a menina, o namorado mesmo, aí eu já chego mais neles. Fico amiga deles pra chegar nelas. Aí vai depender delas né!? Mas eles não sabem.* E quando elas cedem ao seu “charme” começa uma verdadeira anamnese da vida sexual das garotas. Bruna garante que só mantém relações sexuais com uma garota se estiver segura de que sua parceira sempre usa camisinha com o namorado ou com outros caras com quem fica. *Porque isso é um trem sério, não é brincadeira,* ela reforça.

Para ter relações sexuais é preferível que seja no contexto de uma relação afetiva, em um namoro, exceto quando ela diz estar muito afim da garota. De modo geral, Bruna diz que não confia em ninguém. *Eu carrego sempre isso comigo! As meninas falam “ah você é boba, você vai na festa e nem vai com a menina pra cama.” Eu não. Eu não sou boba. Eu me amo. Me amo muito. Eu me valorizo.* Valorizar-se implica em ter relações sexuais “seguras”, embora a segurança seja oferecida apenas pela confiança na parceira em relação aos seus outros parceiros e não na adoção de práticas seguras entre si. Embora declare ter recebido orientações sobre práticas preventivas entre mulheres, ela confessa de modo envergonhado nunca ter sequer tentado.

Dentre as várias garotas com quem Bruna esteve, com apenas quatro, manteve *namoro sério* e apenas com duas delas manteve relações sexuais. A primeira namorada, com quem viveu por sete meses, era quatorze anos mais velha e morava a poucas quadras. E, embora sua “experiência” não só de idade, mas, também, com outras mulheres fosse valorizada e admirada por Bruna, que acabou fugindo de casa dos pais para investir nessa relação aos dezesseis anos, a convivência não minimizou o medo que a primeira experiência sexual costuma provocar. Bruna voltou a morar com a

primeiro e o segundo, mas aqui os termos aparecem como categorias de oposição mesmo.

família, depois de uma discussão sem ter tido *sexo de verdade*. Quatro anos depois, ela namorou uma garota que tinha outro namorado e, com ela, Bruna esteve por cinco meses, enquanto sentiu confiança de que a garota usava preservativos com o namorado cada vez que tinha relações sexuais. Mas quando descobriu que a garota também ficava com outros rapazes e outras garotas, decidiu terminar. E com as duas outras garotas que se envolveu, as circunstâncias foram as mesmas, elas tinham outro namorado e até que se sentisse segura quanto ao uso de preservativos da garota com o respectivo companheiro, ela não manteve relações sexuais. Sentir-se segura neste caso é para Bruna realizar uma verdadeira anamnese a respeito da vida sexual de sua “potencial” parceira, práticas de cuidados muito comum entre mulheres que fazem sexo com outras mulheres segundo (ALMEIDA, 2005; FACCHINI, 2006) e quando identificado que a mesma estabelece relações sexuais com homens sem o uso do preservativo ela simplesmente *saia fora*. Com uma delas chegou a terminar o namoro sem nunca ter tido sexo. Elas apenas *ficavam*, saiam, frequentavam juntas as festas do Taquaril e se divertiam até quanto fosse possível driblar as implicações do triângulo afetivo.

Considerando o conjunto de elementos ora assinalados nas experiências de Bruna, arrisco-me, por fim, a afirmar que do modo como cada um deles aparecem, deslocam-se, tensionam e mediam suas interações, resulta em trajetória efêmera quanto às suas experiências afetivas e sexuais. Minha hipótese inicial é de que sua transgeneridade funcionou transversalmente como tônica maior às outras dimensões (do sexo, da cor/raça, do território, do trabalho, da escolaridade, do arranjo familiar, da classe, da formação religiosa) e que, em alguns momentos, esteve junto a ela também sua homossexualidade atuando com igual força e sentido, recuando e se repondo na medida em que outras dimensões ganhavam força às circunstâncias de sua vida social.

Ainda adolescente, seu prazer e constância nas brincadeiras de rua, em companhia predominante de garotos, marcou fortemente a entrada de seu nome e conduta na *conversa fiada* da vizinhança. Aos quatorze anos, quando “já sabia o que queria”, mas não se sentia legitimada a confidenciar, imaginava que a mãe já tinha conhecimento de seus “desejos proibidos”, porém pela *boca dos outros*. Entretanto, uma outra linha de força também estava atuante em sua reserva, pois embora ela se considere, hoje, sem religião, podemos identificar na ética da moral cristã elementos que resultem na culpa e vergonha de sua inclinação sexual. Em certa medida, suas oportunidades de trabalho também estiveram fracionadas em função de sua “aparência” masculina, porém, somada à baixa qualificação, ao local de residência, e a inserção da mãe no trabalho de servente e sua

respectiva rede de contatos⁶⁹. O emprego na *copa*⁷⁰, por cinco anos possibilitou maior investimento nos circuitos de lazer fora do Taquaril, quando frequentou bares e boates GLS no centro da cidade, de custos menores, frente ao nicho mais cobiçado desse mercado como as boates da zona sul. Essa circulação, porém, não ampliou seu espectro de possibilidades afetivas ou sexuais posto que ela apenas *ficava* com as garotas, não realizando sua ritualística “anamnese” para assegurar-se quanto a tomada de práticas sexuais seguras por parte das garotas. Além disso, Bruna relata que, por várias vezes, só teve sucesso em suas investidas nesses ambientes já ao final da noite quando ela mesma não estava mais interessada.

Bruna foi constituindo uma rede de sociabilidade através da qual suas investidas afetivas e sexuais oscilavam entre a companhia de suas “protegidas” e a camaradagem entre garotos. A correlação entre marginalidade e certo tipo de poder que Fry (1982) identifica em seu estudo sobre homossexualidade e religiões afro-brasileiras, há aqueles homens certa inspiração, que no caso de Bruna, pode ser indicada como relativa suspensão das regras. Como se a ambiguidade de seu sexo e gênero a conferissem um fluxo livre, mas não invisível. O território interno ao Taquaril garante o conforto na posição de guardiã no trânsito com as garotas pelas ruas e escadarias do bairro, mas, também, segurança de não sofrer represálias dos rapazes na disputa pela garota ou mesmo partilha delas.

Podemos indexar a essa circulação as variações de masculinidade que são assumidas conformando arranjos de possibilidades específicos a cada situação, de modo que sua transgeneridade, como linha de força, traz um conjunto de aspectos, cuja potencialidade se efetiva com mais ou menos intensidade dependendo da conjugação com outras dimensões a cada nova interação.

Diferentemente de outros jovens com práticas homoeróticas Bruna criou no território do próprio Taquaril uma zona de conforto através da qual suas investidas afetivas e sexuais obtém maior sucesso bem como maior leque de possibilidades. Em contraponto outros homens e mulheres que compuseram masculinidades e feminilidades que conjugadas a outros aspectos tiveram os de gênero borrados ou ao menos não implicados em tamanha intensidade em suas interações.

⁶⁹ Dos cinco tipos de ocupação, identificado entre 90% das mulheres jovens do Taquaril em 2005 pelo menos três deles demandam “boa aparência” física, sejam de secretária-recepcionista, balconista-vendedora e empregada doméstica, manicure-cabeleireira e serviços gerais. Para mais ver CHACHAM (2005).

⁷⁰ O serviço na *copa* é caracterizado pelo desempenho de funções como servir água, café ou pequenos lanches em uma empresa.

2. Maternidade e conjugalidade na renovação e invenção dos scripts

As dinâmicas de relações observadas entre os pais, amigos, familiares ou mesmo na “vizinhança” servem de modelo e, segundo Brandão (2006), acabam sendo comumente reproduzidas pelos jovens, na medida em que elas se apresentam como referências morais para a socialização dos sujeitos em cujos contextos sociais estão inseridos. Porém, o que se chama de reprodução de condutas não são simplesmente cópias de modelos comportamentais, mas, antes, “reposições” dos sujeitos em arranjos semelhantes nos quais determinadas dimensões da vida social podem atuar. Considerando, a variada intensidade com que cada uma dessas dimensões potencializa seus elementos, o resultado é igualmente imprevisível, pois a configuração de cada uma das linhas de força no jogo das interações sociais está circunstanciada à reverberação das experiências anteriores dos sujeitos que serão sempre distintas dos pais, dos amigos, da vizinhança etc. Há desse modo, em cada reposição uma renovação e, por vezes, invenção dos scripts como bem salienta Wagner (1981) ao relacionar as convenções e invenções culturais, de modo que a *‘necessidade da invenção é dada pelas convenções culturais, e a necessidade de convenções culturais é dada pela invenção’*⁷¹ (tradução minha, p.44).

Neste tópico, tratarei de duas trajetórias que se conformam às experiências da maioria de seus pares, mas que também experimentam sociabilidades e tipos de relações absolutamente particulares. Quando lidamos com experiências reprodutivas entre jovens de camadas populares, a recente literatura tem se ocupado justamente do contexto e dos seus modos de vida, refletindo sobre o impacto da maternidade/paternidade em outras dimensões de suas vidas tais como educação, profissionalização, ingresso no mercado de trabalho e conjugalidade, bem como da própria reprodução da pobreza e da desigualdade social (CALAZANS, 2005). De fato, veremos que a maternidade, experiência comum às duas trajetórias a seguir, representa um redirecionamento de suas vidas, projetos e desejos. Contudo, não reduz, tampouco traduz o complexo jogo multidimensional da produção de subjetividades. A maternidade é apenas um dos fios entre os quais as escolhas seguintes delas e de seu/sua parceiro/a também estão enredados.

⁷¹ Esta noção nos ajuda a entender o modo como as experiências dos pais reverberam nos filhos concomitantemente ao modo com que elas são dissolvidas e ressignificadas às circunstâncias de vivência dos jovens.

Patrícia, de dezoito anos é a primeira filha do terceiro casamento de sua mãe, tem dois irmãos mais novos e três meio irmãos mais velhos. Nascida no Taquaril, foi criada em religião católica e assim se considera, ainda que não praticante. Costuma referir-se a si mesma como de cor morena, mas, quando convidada a se classificar segundo categorias censitárias se define preta. Mora atualmente com o pai, o namorado e sua filha de seis meses numa casa de dois quartos, inacabada na região B, do Taquaril. Seu pai é pedreiro e cursou até a quarta série e sua mãe trabalha com agricultura urbana tendo concluído a oitava série. Patrícia abandonou a escola ainda quando cursava o primeiro ano do ensino médio, em função da gravidez, a escola, era longe e de percurso desgastante. Além da escola, também abandonou o estágio na Cruz Vermelha para cuidar de sua filha. Seu companheiro tem o ensino médio completo e trabalha como educador circense em projetos sociais. Patrícia é uma mãe dedicada que optou em ficar com a filha o máximo de tempo possível.

A outra jovem que quero aqui apresentar se chama Queila, tem vinte e dois anos, se mudou para o Taquaril com um ano de idade e lá viveu até recentemente quando ficou grávida e foi morar com sua companheira e filha numa cidade vizinha. Foi criada na religião católica e hoje se considera sem religião. Seu pai, biológico, é desconhecido e ela considera como pai o companheiro de sua mãe, pai de seus três irmãos mais novos. Sua mãe tem a oitava série concluída e trabalha com jardinagem. Tendo sido reprovada seguidas vezes, acabou abandonando a escola durante a gravidez quando cursava o primeiro ano do ensino médio. Queila trabalha como secretária na região central da cidade enquanto sua companheira é responsável pela seção de marketing de uma escola de gestão empresarial na região metropolitana de Belo Horizonte.

O histórico afetivo-sexual e reprodutivo dessas duas jovens é bastante semelhante, tendo tido o total de cinco e quatro companheiros/as respectivamente. E, se observarmos apenas seus principais indicadores, tais como idade do primeiro beijo (12 anos para as duas), do primeiro namoro (13 e 14 anos), da primeira relação sexual (16 anos para as duas), uso de preservativo na primeira e na última relação sexual (sim na 1ª e não na última para as duas), bem como, a idade na primeira gravidez (18 anos para as duas) e a entrada na conjugalidade (16 e 18 anos). Entretanto o modo como isso ocorreu, o espectro de possibilidades que cada uma observou à sua frente, a maneira como cada uma lidou, e também os efeitos desses elementos em suas experiências seguintes, como veremos a seguir, foi bastante distinto.

3.2.1 *Ficar, namorar e desviar-se*

As primeiras experiências afetivas narradas por essas duas jovens são igualmente marcadas pelo controle dos pais sobre suas amizades e circulação, porém com efeitos distintos sobre o comportamento de cada uma delas. Como já assinalado em capítulo anterior, a rede de proteção que se cria em torno dos jovens tem particularidades quando se trata do sexo masculino e feminino. As mesmas estratégias narradas por Dona Nélia a respeito de seus filhos valem também para essas jovens, entretanto sobre elas recai maior cuidado com os namorados ou ficantes⁷² do que sobre as amizades como vimos para os garotos. A distinção das regras entre sexos compõe nuances também sobre os gêneros. Para as meninas, as andanças são bastante limitadas, não tanto pelo risco de desenvolverem atividades relacionadas ao tráfico, mas, sobretudo de se tornarem companheiras dos homens a ele ligados. A expressão *filha minha não fica com qualquer um*, não diz apenas do tipo de homem com quem elas não podem ficar, mas também da quantidade de homens com os quais ela não deve se relacionar em curtos períodos de tempo.

Patrícia tinha duas irmãs mais velhas e certo conjunto de normas relativamente consolidadas sobre onde ir, com que idade começar a namorar, como namorar (no sofá de casa, na companhia de um dos pais ou irmãos homens), horário pra o namorado chegar e sair etc. Ela olhava para essas regras com apreço ainda que visse nelas algo que ora fazia sentido cumprir ora era preciso entender, camuflar ou mesmo superar. Desse modo, o ingresso num grupo de dança que tinha ensaios regulares e fazia apresentações em diferentes espaços, como escolas, praças ou casas noturnas, deu a ela também a possibilidade de compor uma rede “segura” aos olhos dos pais. Além dessa, havia também a inserção na mesma rede de relações das irmãs mais velhas com quem ela podia seguramente frequentar festinhas e casa de amigos. Foi nesse contexto, de relações comuns que, como para a maioria das garotas do Taquaril, deu-se seu primeiro beijo e o primeiro namoro de “verdade”. Muito embora tenha tido um namoro de cinco meses, ela só considera de verdade aquele por quem se sentiu apaixonada, *gostando mesmo*. Como consequência, levou o namoro ao conhecimento da família. Infelizmente a solicitação de permissão aos pais não teve o efeito que ela esperava.

⁷² Seguindo as indicações de ALMEIDA (2006) sobre ficar, o ficante seria aquele ou aquela com quem se fica mais de uma vez, com quem se está ficando num determinado período, sem dar a relação com este ou esta o estatuto de namoro, ou seja, sem levar em casa para conhecimento e consentimento dos pais.

Quando a gente fez um ano de namoro escondido... porque todo fim de semana eu ia ao shopping. Eu ia ali, ia lá... Quando a gente fez um ano certinho de namoro ele pegou e veio aqui em casa, pedir meu pai, só que aí, depois disso, ele nunca mais voltou aqui. Ele veio aqui uma vez e nunca mais. Por causa do meu pai. Porque quando ele estava pedindo o meu pai para me namorar, meu pai falou assim “você não vai fazer hora com a cara da minha filha não” ele disse “oh Sr A, eu ia sair lá da Nova Pampulha, para vir aqui, fazer hora com a cara da filha do senhor?!”. Ai meu pai já se sentiu, ofendido né!? Os dois não se deram bem, nem o F com meu pai, nem meu pai com ele. O F disse: “não... eu não vou lá não, seu pai é muito folgado” e meu pai: esse namorado seu é muito folgado”. O F não veio mais, a gente se viu assim, algumas vezes, poucas. Num mês a gente se viu umas cinco vezes. Ai eu terminei, a gente não se via!

O enfrentamento do garoto ao seu pai assinalava características de uma masculinidade que Patrícia admira e que se opõe à insensibilidade e violações do corpo constituinte do “ethos guerreiro” como descrito por Zaluar (2004), também presente entre jovens do Taquaril. A honra, confiança e, sobretudo, o respeito aparecem aqui como elementos importantes na hora de escolher um parceiro. No capítulo anterior, assinalei a relevância da segurança na escolha dos lugares aonde ir pelas garotas que comumente são expostas à “bolinagem”. Elas indicam, reiteradas vezes, o quanto valorizam rapazes que demonstram “respeito” para com seus corpos e desejos. De acordo com Queila, meninos “respeitosos” não correspondem apenas a um único tipo de masculinidade, visto que boa parte de seus parceiros (ficantes e namorados) pertencia ao *movimento* (inclui-se aqui os usuários de drogas no conjunto de rapazes não qualificados para companhia de uma jovem de família), portando masculinidades ancoradas no “ethos guerreiro”. Para ela não importa o que ele faz “longe dela”, e sim que a trate bem. Ao contrário de Patrícia que sempre olha para o que o rapaz tem a “oferecer”. A oferta é uma vantagem sobre os outros garotos, como ter um trabalho fixo, ser inteligente ou ao menos não ser ignorante - leia-se machista e mal educado -, e também, se possível, ter algum romantismo no trato com ela.

Queila, por sua vez, mantém relação de difícil negociação com os pais sobre os horários e companhias para sair. Frente ao rígido controle no qual eram pré-definidos os dias e horários para namorar, tendia sempre a optar pela transgressão das regras e afirma, categoricamente, que se *ela (a mãe) não deixava por bem eu ficava por mal, ficava até três da manha para provocar mesmo* e não levava os “namorados” em casa *porque ela (a mãe) ia falar não*. Sempre esperava da mãe uma resposta negativa, mesmo quando ao pretendente era supostamente aceito pela família

enquanto ele era só meu amigo minha mãe gostava muito dele, meu pai, ele ia lá em casa, almoçava. Quando eu comecei a namorar com ele, ele virou ladrão de peça de carro,

veado... Minha mãe era muito ciumenta comigo! Até hoje na minha situação de vida (numa relação homoafetiva) ela é ciumenta. Tudo o que acontecia qualquer pessoa que chegava perto de mim virava ruim de repente. Amiga, que quando eu era (heterossexual) amiga era tranqüilo, mas quando eu começava a andar demais... ela já não gostava. Ela nunca falou “Você pode namorar com fulano porque ele é bonzinho, porque é de família, porque é isso e aquilo”. Só tinha um, mas se eu namorasse ele, ela ia achar um defeito, eu sei que ia!

Queila, evita, relacionamentos sérios, e mesmo quando está “namorando” continua ficando com outros garotos, especialmente quando começou a estagiar na Cruz Vermelha onde havia muitos garotos também trabalhando, de modo que ela aproveitou para *ficar* com vários deles. Em suas palavras, esse período de sua vida foi *uma cachorrada, uma bagunça só*. Não se preocupa com a *conversa fiada* da vizinhança que é para tantos jovens, motivo de preocupação e regulação de seus comportamentos. As fofocas são para ela apenas mais uma barreira sem sentido a ser ignorada, afinal não importava o que ela faça, será falada de igual maneira. Convicta de que não vale a pena o esforço de se “encaixar” nas regras ou responder tais expectativas, ela segue conhecendo e ficando com pessoas o tanto quanto for possível.

É curiosa a maneira pela qual, garotas do Taquaril fazem uso reiterado da palavra *desviei*. Queila utiliza também o termo “revoltei”, mas, com a mesma intenção de designar a passagem por um período de descumprimento das normas e valores, incluindo os religiosos, vigentes em sua rede mais densa de sociabilidade, digo mais especificamente da família, amigos e vizinhança. Na pesquisa anterior, notei o uso quase indiscriminado desse termo para se referir ao distanciamento da religião no período em que a vivência da sexualidade é mais intensa. Nesta investigação, percebi que desviar-se configura um comportamento mais amplo e não restrito aos preceitos religiosos. Significa mais do que se ausentar de cultos é, sobretudo, permitir-se lançar vãos mais altos e distantes em relação as suas dimensões da vida. Para Queila, a “revolta” se deu frente às severas restrições do namoro em casa, de modo que, ia até ele sem que os pais soubessem. Em seguida, com o estágio na Cruz Vermelha, ela pode também circular mais livremente na região hospitalar da cidade. Esse deslocamento possibilitou uma expansão geográfica de suas relações cotidianas, frequentando bares e praças na região centro-sul onde a imensa oferta de lazer e serviços significou partilhar de um outro universo de possibilidades materiais e simbólicas.

Patrícia foi exposta ao mesmo conjunto de regras que Queila para suas investidas afetivas e sexuais. Contudo, sua conduta foi distinta. Empenhada em obedecer às restrições imposta pelos pais, levou todos os namorados em casa mesmo ao custo de arriscar a continuidade do namoro. Tendo

tido quatro de seus cinco namorados entre os doze e quatorze anos de idade, os encontros ocorriam predominantemente em casa, no sofá, na companhia de um dos pais ou irmãos etc. Namorou garotos que trabalhavam e podiam levá-la para passear fora do Taquaril, ao shopping, no centro da cidade e outros espaços de mais fácil negociação com os pais. As saídas à noite, em boates da zona sul só ocorreu após os quinze anos, com ajuda do grupo de dança em suas apresentações por várias casas noturnas da cidade. Segundo Patrícia, esse foi um período intenso de sua vida quando era amiga de um DJ e pôde frequentar com assiduidade boates na região da Savassi⁷³. Sua narrativa esteve fortemente marcada pelo orgulho de transitar em ambientes distintos daqueles comumente acessíveis à sua rede de amigos. Seu relato traz também o sinal de distinção na circulação por esses lugares, acompanhado pelo reconhecimento das dificuldades de alguém “de fora” a frequentar tais espaços. De modo bastante explícito, ela percebeu como a cor estava conjugada às percepções do território no mercado afetivo fora da favela. Sua cor de pele negra associada à sua desenvoltura corporal para variados ritmos dançantes garantia a Patrícia enorme sucesso nas pistas das baladas, não resultando, porém, na ampliação de suas possibilidades para ficar ou namorar. Nas suas palavras, *ser branco e rico faz com que eles pensem que são melhores*. De modo que, em nenhuma boate ou casa noturna da centro-sul, Patrícia investiu em *ficar* como nas festas que ocorriam no Taquaril ou nas casas noturnas de outras regiões que frequentava na companhia dos amigos do Taquaril, como a Fênix e o Armazém. Nesta última, ela conheceu Diego, que ela descreve como *um cara bonito, respeitador, tinha...sei lá, não sei explicar o que para mim era um cara fino. Não usa droga, fica, dança, curte numa boa. Não é de beber para caçar encrenca, nada dessas coisas*.

Patrícia estabelece critérios de escolha e, neles, a noção de que os rapazes deveriam lhe oferecer algo se baseando em certo tipo de masculinidade que reverberava também sua própria feminilidade. Aqui estão postos tipos de masculinidade e feminilidade que, mantêm, no cuidado com a família, padrões “tradicionais” de comportamento, mas incorporam estilos de vida dentre os quais a inversão dos “papeis” possa ser realizada com leveza e sem risco ao efeito de desprezo pelo não cumprimento de seu “papel” de homem ou mulher. Digo, da vaidade de seu companheiro composta em estética sintonizada à moda atual, gostar de dançar não só funk, mas também miami e axé (coreografias que demandam mais leveza dos movimentos corporais), e prazer em cuidar da casa ou das crianças. Enquanto para ela possa ser também vaidosa, sem ter de ser render aos modelos “vulgares” da moda mini, ter melhores qualificações profissionais bem como, ganhos

⁷³ Entre os jovens belorizontinos a savassi representa o perímetro de maior e melhores ofertas para diversão noturna,

salariais mais altos que do companheiro, conformando novos arranjos familiares. Ela que teve no seu pai a principal figura da “dona de casa” vê com particular admiração homens que integram mais significativamente a divisão do trabalho doméstico.

3.2.2. *Sexo, maternidade e união*

Queila saía, divertia-se, porém, não “aprontava” tanto quanto nos faz pensar. Essa *cachorrada* na qual sua vida se transformou, referia-se ao alargamento dos limites convencionais da quantidade e frequência de parceiros com que ficava, mas não implicou a expansão das práticas. Como ela mesma diz *beijar na boca não mata, não arranca pedaço*. Entre os vários garotos com quem esteve, com apenas três deles manteve relações sexuais e com nenhum deles foi casual. Eles eram *ficantes*, de modo que mantinha relação afetiva, ainda que frouxa, de comprometimento. Sua primeira relação sexual foi com seu terceiro e último namorado com quem ela ficou por dois anos. Ainda que não tenham conversado a respeito de quaisquer práticas preventivas ou contraceptivas, fizeram uso de preservativo nas primeiras vezes, perdendo regularidade depois.

Uma situação em particular a fez repensar o modo como seu corpo era apresentado aos outros, bem como observava e desejava outros. Provocativa dentro dos limites que sua mãe impunha ao seu corpo e o uso que ela fazia dele, Queila também apreciava “provocar” os homens, produzindo-se com trajes e acessórios que acentuavam suas formas. Mas, numa determinada situação percebeu que essa provocação afetava também mulheres e travessamente se fez igualmente insinuante. Com um pouco de curiosidade e também um “frio na barriga” em função da insegurança que a situação lhe impunha. Porém, seu jeito sempre descontraído e espontâneo criava as “saias justas” em que ela mesma se colocava. E desse jogo de sedução, insegurança e curiosidade resultou afeto, desejo e cumplicidade com sua atual companheira, com quem vive há três anos.

Todavia, pela insegurança ou intensidade de um desejo orientado à pessoa de mesmo sexo, foi motivação para um dos atos de maior arrependimento de sua vida, pois teve como consequência o sofrimento de abuso e violência contra seu corpo. Queila se sentiu confusa quando percebeu que estava “gostando” de uma mulher e acabou procurando o ex-namorado para certificar-se do que estava acontecendo. Entretanto, após as preliminares, ela acabou desistindo, sentiu-se desconfortável

e não quis levar a diante, “*peguei minhas roupas e fui embora, tive certeza de que não queria mais ficar com homens, que iria ficar com ela*”. Depois de quatro meses, descobriu que estava grávida, mesmo não tendo “terminado” a relação sexual com o ex-namorado. E foi, então, que num ato de desesperança e medo ela decidiu contar ao rapaz que não demonstrou qualquer simpatia ao efeito descuidado dos dois e reagiu atacando-a e exigindo que abortasse o feto. Ela não o fez, voltou para a casa da mãe que a expulsou, de modo que sua única alternativa foi morar com a irmã ainda que no mesmo terreno da mãe. Não demorou muito para que a namorada a perdoasse, munida do sentimento de culpa por ter solicitado à Queila, logo no primeiro mês, que deixasse de usar anticoncepcional, somando seu desejo de também ser mãe, providenciou espaço em sua casa de modo que pudesse acolher Queila e mais nova integrante da família. A companheira de Queila tem cerca de quinze anos mais do que ela, e na época dividia a casa com uma ex-companheira de modo que a novidade não estava apenas em dividir a intimidade com alguém de mesmo sexo, mas, também com as lembranças de uma relação anterior cotidianamente. Pode ter sido um enorme azar uma gravidez nessas circunstâncias, mas, um campo novo de possibilidades se fez às suas experiências. Da cachorrada à conjugalidade e maternidade, ela diz ter alcançado imensa satisfação pessoal na nova configuração de seu cotidiano, especialmente com o conforto de que sua filha Júlia mantém estreito laço afetivo com *Papito* (como Júlia costuma chamar à companheira de sua mãe). Realizar-se na conjugalidade, na maternidade, no trabalho, no âmbito doméstico concomitantemente, deu a ela, durante certo tempo, sensação de realização plena. A satisfação sexual também apareceu em sua fala ao alertar de que nunca “precisou” frequentar sex shops, nem usar nada de diferente com a companheira, pois o “básico” a mantinha muito satisfeita, referindo-se tanto às relações que teve com homens quanto, e, sobretudo, com sua atual companheira. Seu relato nos convida a considerar os discursos sobre sexo inscritos em uma normativa heterossexual a partir da qual o sexo entre mulheres recai a ilegitimidade em razão da ausência de um pênis como bem ressalta TOLEDO (2008), ao qual seria preciso alguns adereços especiais para ser elevado à condição de atividade sexual real. Sua resposta é tecida com veemência, confirmando a satisfação plena. No geral, essa determinada configuração parece dispor as linhas de forças das diferentes dimensões com confluência tal que suas respectivas potencialidades se efetivassem mutuamente. Por três anos, ela esteve com uma única parceira, realizando mesma atividade ocupacional e cuidando da casa e de sua filha.

Depois de certo tempo, o tédio estava presente não apenas na vida profissional, mas, também, na afetiva, independentemente do amor e dedicação que recebia de sua companheira. Há no

ficar um prazer que envolve toda uma energia empregada à sedução e conquista que parece ser possível reverberar apenas na sua repetição. Ficar é uma prática essencialmente situacional, cuja habilidade de não se comprometer reflete justamente aquilo que singulariza a trajetória de Queila. Se *beijar não arranca pedaço* qual a razão de não fazê-lo?! Contudo, não parece que, nesse caso, a relatividade da fidelidade seja apenas o seu, digamos, desencantamento com a monogamia, mas percebe-se que há outros elementos na dinâmica da relação que envolve, por exemplo, a dependência financeira em relação à parceira e a gratidão pelo cuidado de “pai” para com sua filha. Tendo ela um emprego de baixa qualificação, busca atualmente cursos de formação que possam aumentar possibilidades em estabelecer maior autonomia financeira não apenas quanto ao cuidado com sua filha, mas, também, em novas investidas afetivas sem por em risco o conforto e segurança da filha.

No caso de Patrícia, a primeira gravidez ocorreu quando completava dois anos de namoro. Tendo tido um único parceiro sexual, sua primeira relação ocorreu um ano após o início do namoro e seu companheiro coabitava a casa de seus pais. Como no caso anterior, a gravidez ocorreu também de modo também acidental, pois ela estava trocando o método anticoncepcional e acabou ficando grávida e decidindo-se ter a criança. A não observância da “devida” dedicação do companheiro a ela e sua filha - buscando oportunidades melhores de trabalho e comportando-se como “homem de família” e não mais como um garoto garanhão, rodeado de mulheres – levou Patrícia a separar-se, a despeito das perdas afetivas e financeiras para ela e sua filha. Em muitos aspectos, poderíamos sugerir que sua conduta refletia os mesmos caminhos da mãe, achando que não precisa de homem para viver, mas ela ainda residia com o pai e, diferentemente de Queila, poderia ali permanecer com sua filha. Na vivência cotidiana com Patrícia, pude notar certo desprendimento dos valores que ela mesma apregoava, quando afirmava que o homem tem de ser predominantemente o principal responsável pelas despesas da casa, tais como aluguel, comida, água e luz e, que a ela ficavam destinados os cuidados com a saúde e educação da filha, bem como os afazeres domésticos em geral. Ela assinalava também que essa era a dinâmica específica naquela circunstância em que sua filha era recém-nascida, pois o desejo de voltar a trabalhar e estudar era recorrentemente assinalado, bem como a possibilidade de uma retomada de sua “independência”. A separação, porém não deveria resultar no rompimento dos laços familiares, pelo contrário, deveria funcionar como impulso para fortalecê-los, forçando o companheiro a assumir sua posição de pai e marido, ainda que os custos dessa estratégia fossem altos.

Nesses dois casos, temos que o tipo de feminilidade composta na trajetória das duas foi,

predominantemente, propulsor das variadas experiências que tiveram. No ficar ou no namorar a filha obediente, temerosa dos castigos físicos bem como a revoltada, transgressora às regras arbitrárias, constituíram arranjos através dos quais seus desejos e potencialidades pudessem ser efetivados. A cor atuou com intensidade maior nas circulações de Patrícia em territórios de classe média, sobrepondo-se às expansões que sua feminilidade atraentemente dançante alcançara em seu espectro de possibilidades. Sua pele negra criou barreiras justapostas ao seu território de origem marcadamente inscrito em seu vestuário. O nível de informação sobre práticas contraceptivas, importante indicador nos diagnósticos de vulnerabilidades, mostrou-se neutro no campo de forças de suas escolhas e oportunidades na medida em que suas gravidezes ocorreram em razão de fatores não relativos ao acesso e/ou uso desses. Para cada uma delas, a gravidez não planejada redimensionou suas escolhas, bem como de seu/sua companheiro/a, cuja “culpa”, num caso, e “obrigação”, no outro, motivaram a composição de condições para um projeto comum de vida que conjugasse as necessidades dos três. Ter o ensino médio incompleto não impossibilitou nenhuma delas de encontrar oportunidades de trabalho em condições semelhantes a outras jovens que concluíram esse ciclo. Queila está empregada como auxiliar de escritório enquanto Patrícia exerce função de caixa em uma agência lotérica. A volta ao trabalho após o período de amamentação e o forte desejo em retorno também aos estudos indexa o reconhecimento de certo tardamento de seus projetos pessoais, mas não a renúncia a eles.

3.3. Da expansão do território à extensão dos projetos pessoais

No capítulo anterior, ao apresentar os circuitos de lazer nos quais jovens do Taquaril estavam inseridos, também foi indicado o modo como as diferentes dimensões da vida de cada um deles era relevante em suas circulações bem como em suas experiências. Viu-se, também, que para alguns o campo de possibilidades afetivas e sexuais encontradas no Taquaril eram repostas em outros territórios, porém para outros a circulação em novos territórios implicava não apenas da reposição mas, sobretudo, na ampliação do campo de possibilidades afetivas na medida em que também havia o rompimento de determinados scripts e a incorporação de novas práticas. Neste tópico, retomo três trajetórias entre as quais a configuração familiar foi, também, preponderante a vários elementos que compuseram o campo de possibilidades amorosas e sexuais desses jovens. Entre dois deles, os pais

eram mais escolarizados, recusavam quaisquer práticas violentas na educação de seus filhos e, estabeleceram entre si e também com os filhos relações de maior diálogo, fazendo da rede de proteção desses três jovens, mais densa, se comparada às trajetórias anteriores. Para um deles, a mãe não tinha maior escolaridade, porém, era a única mãe solteira de todos os jovens entrevistados, e constituiu dinâmica semelhante com seus filhos. Tendo-se separado do marido com os três filhos ainda pequenos, em razão das frequentes ameaças e violência sofrida, não contava com familiares próximos.

Outro elemento importante a ser considerado para compreensão das trajetórias destes jovens é a inserção em projetos sociais. Ela se mostrou fortalecedora da rede de proteção, mas, também, produtora de projetos pessoais de longo prazo entre os quais a escolarização e profissionalização foram a tônica maior.

Levo em conta, também, a expansão do território, bem como o rompimento de barreiras discutido no capítulo anterior, que no crivo de suas escolhas afetiva e sexuais reflete a presença de elementos que possam ser complementares aos seus projetos pessoais.

Entre os três jovens a seguir, veremos como as escolhas dos parceiros, os níveis de envolvimento afetivo, o cuidado com o corpo e saúde sexual, o zelo por interações marcadas pelo respeito e diálogo, bem como o engajamento nos projetos sociais direcionados a outros jovens, estão fortemente ligadas à relação que mantiveram com seus pais e com os projetos sociais dos quais participaram. Mas também são reflexo da força com que seus projetos de vida são impulsionados na dimensão do trabalho, projetando seus interesses quanto à formação profissional - no caso dos dois universitários – e inserção no mercado de trabalho.

Natália de vinte anos de idade, cor parda, estudante de ensino superior em enfermagem, trabalha como educadora em projeto social ligado a práticas preventivas de sexualidade. Foi criada em religião católica e assim se considera ainda que tenha, por vezes, frequentado outras igrejas protestantes. Vive com os pais e uma irmã nove anos mais nova. O pai cursou até a quinta série e trabalha como auxiliar de expedição em uma gráfica de jornal, a mãe tem superior completo e coordena uma creche no Taquaril.

Gustavo tem dezoito anos e ensino médio completo foi logo em seguida chamado a servir o exército, como já ansiava, e atualmente é bolsista numa faculdade privada onde cursa jornalismo. Mora com os pais e dois irmãos, uma mais velha e outro mais novo. Os pais são autônomos, concluíram ensino médio e trabalham juntos fazendo transporte escolar de crianças na região.

Luiza tem 20 anos, ensino médio completo, foi criada em religião católica e assim se

considera. Mora com a mãe e um irmão e tem como vizinho o outro irmão que, separado recentemente, reside no mesmo terreno, sozinho. O pai separado de sua mãe há mais de quatorze anos mora no interior do estado, concluiu apenas a quinta série do ensino fundamental e trabalha como pedreiro. A mãe que era costureira foi aposentada por invalidez devido a um acidente com suas mãos e chegou a concluir apenas a quarta série de ensino fundamental.

3.3.1 Entre as oficinas e outros territórios

Os três jovens tiveram nos projetos sociais seu principal espaço de sociabilidade em suas circulações internas no Taquaril, até completarem dezessete anos, não frequentando com assiduidade as já citadas festas no Taquaril que tem como público predominante menores de dezoito anos.

Luiza, que tinha dois irmãos mais velhos, passou boa parte da infância em casa, sendo cuidada pelos irmãos. Quando adolescente frequentou oficinas de dança, de culinária e atualmente participa das aulas de forró e capoeira. Com o controle rígido da mãe sobre sua circulação interna no Taquaril, Luiza podia frequentar as oficinas, mas tinha hora certa de chegar em casa. Não observava nesses espaços a possibilidade de estender uma conversa, paquerar ou mesmo ficar. De modo que preferia circular por outros espaços da cidade como o shopping e também casas noturnas onde pudesse dançar. O shopping de sua preferência se localiza em região distante do Taquaril e de alguma maneira sua escolha indica o desejo de se relacionar com pessoas de fora de sua rede. Embora esse seja o único relato com esse indicativo, os quatro namorados que Luiza teve eram todos do Taquaril ou lá exerciam alguma atividade. Assim como Patrícia, cada um deles também fora levado em casa para pedir permissão para namorá-la, mas seus encontros não estavam condicionados a presença da mãe ou seus irmãos mais velhos no sofá ao lado.

No caso de Gustavo, a circulação por outros territórios se dava basicamente no centro e na Savassi, mas, o tipo de atividade que ele buscava compunha um leque maior de possibilidades. Além dos shoppings e boates, ele também gostava de ir ao cinema e ao teatro, programas raramente citados entre os jovens com os quais convivi. Para a grande maioria deles, ir ao shopping não implicava assistir filmes, mas era, de modo geral, um espaço para circular. Sendo o centro da cidade o perímetro urbano que mais concentra atividades culturais gratuitas, a ausência delas no espectro de

possibilidades desses jovens não tem a ver, simplesmente, com o acesso a determinados espaços públicos, mas sim com a circulação que se faz possível em determinados territórios. Outro fator instigante no relato de Gustavo refere-se a sua participação nas oficinas de dança, que implicaram não apenas certo tipo de circulação, mas, principalmente, na constituição de si em novas posições ou outro *gênero* como ele costuma dizer. As oficinas de dança de rua proporcionaram a ele o reconhecimento de si próprio como sujeito hábil para novas formas de comunicação.

Eu não tinha muito contato com as pessoas. Sempre fui muito reservado, a dança fez eu me reconhecer. Naquele momento quando eu percebi que poderia fazer amizades bacanas, que as pessoas me conheciam, que eu conhecia as pessoas.. eu achei isso fantástico. Acho que a partir disso que eu comecei a ser mais espontâneo, ficar mais tranquilo, porque eu era muito tímido. E depois eu participei de algumas debates, cursos.

Transpor a barreira da timidez abriu para Gustavo a possibilidade não apenas de novas relações, mas, sobretudo, de novas posições. A figura do garoto quieto e reservado cedeu lugar ao articulador das demandas de jovens do bairro nos projetos sociais lá desenvolvidos. Integrante do grupo de mobilização, a convite doicineiro de rádio, Gustavo passou a visitar as outras oficinas convidando os jovens a se engajarem em novos projetos propondo e produzindo atividades de naturezas diversas. Ser reconhecido na rua, convidado para *trocar idéias* sobre assuntos diversos em qualquer uma das quatro regiões do Taquaril, era motivo de grande satisfação para ele. Não apenas pelo reconhecimento pessoal da figura que representava, mas, especialmente, em função da extensão que seus atos alcançavam.

Natália foi aquela que ampliou mais significativamente sua circulação por outros territórios e atividades. Inicialmente na companhia da equipe de trabalho e mais tarde com amigos da faculdade, ela passou a frequentar praças e parques que comumente oferecem atividades culturais e de lazer, bares e mais especialmente casas de samba. Estas últimas, inscrevem-se em um circuito universitário de público distinto desse tipo de circuito na cidade, por atrair pessoas de diferentes regiões e classes sociais. Seu deslocamento facilitado antes pelo uso do carro de seu pai e, atualmente, pela aquisição de uma motocicleta, permite que seus trajetos sejam transversais a distintos perímetros urbanos que conformam determinados circuitos ou manchas de serviços de lazer.

Sua inserção nos projetos sociais desenvolvidos no Taquaril, também ocorre de modo diferenciado. Natália não foi, em sua adolescência, frequentadora de oficinas, mas, após estagiar no posto de saúde, um amigo a convidou a oferecer uma oficina no Fica Vivo a fim de combater a alta

incidência de gravidez na adolescência do bairro. Com uma prevalência de 38% de gravidezes entre jovens com idade entre 13 e 19 anos de idade não apenas as escolas, mas pais e também jovens demandaram essa atividade. Natália foi convocada pela secretaria da saúde do estado a participar de um curso de formação em práticas preventivas e planejamento familiar. Desse modo, a posição ocupada por ela criou dinâmicas distintas na rede de relações circunscrita nos projetos sociais locais, pois era vista como parceira pelos técnicos de execução do programa, foi possível com eles se aventurar em outros territórios. Para Gustavo ou Natália a constituição de novos trajetos não implicou no estabelecimento de relações afetivas ou sexuais com pessoas de fora de sua rede de sociabilidade. A expansão do território foi seguramente fundamental à conformação dos elementos que passaram a considerar importante em suas escolhas de parceiros afetivo e sexuais, contudo, como a maioria dos jovens do Taquaril, suas relações continuam sendo estabelecidas entre integrantes de suas redes de sociabilidade.

3.3.2 Diálogos, projetos e mudanças

Notei que os posicionamentos de fala, negociação e produção de consentimentos marcantes nas relações que os três jovens constituíram com seus pais e mães, também estavam presentes nas relações que estabeleceram com seus parceiros, não de modo direto, mas, especialmente na medida em que se autonomizavam. Observei, em estudo anterior, que aquelas adolescentes cujos parceiros tinham idade superior a elas, em torno de cinco anos de diferença, eram também aquelas com maior dificuldade de negociar práticas sexuais e uso de métodos contraceptivos, especialmente a camisinha masculina (CHACHAM, 2005; LOBATO, 2007). No caso de Natália, os efeitos parecem ter sido contrários, seu primeiro namorado tinha dezesseis enquanto ela tinha apenas doze. Entre términos e voltas eles ficaram juntos até ela completar dezoito anos. Após terem sido pegos se beijando por sua mãe foram obrigados a namorar em casa e, mesmo sem ela entender bem o que era “namorar” concordou. Fascinada com o rapaz de modo tal que *as coisas mais simples que ele fazia para mim era “nossa!” eu ficava doida. Quando eu brigava com ele eu, pelo amor de Deus!, até adoecia.* Contudo, o fascínio foi motivando ela a ter condutas marcadas pelo ciúme e fortemente controladoras. Com ele, ela teve seu primeiro beijo e, também, sua primeira relação sexual a qual planejaram por quatro meses. Embora temesse o impacto desse evento em sua relação, a vontade e

curiosidade se sobrepuseram ao temor. E nos meses que sucederam a primeira relação foram marcados pelo desinteresse dela por ele. Natália ingressou na universidade e, concomitantemente, iniciou estágio no posto de saúde, de modo que sua rede de contatos se ampliou significativamente, em suas palavras *meu mundo não era mais só ele, se ele ligasse para mim e marcasse as vinte horas, marcava vinte e quinze e ele não chegava, eu vazava e deixava ele aqui. Ele até se assustou porque eu fiquei muito independente de uma hora para outra. Virei a casaca, do nada!*

Por vezes, entendeu-se que virar a casaca pudesse ter o mesmo sentido do desviar-se, mas não observei em seu relato contraponto entre as convenções vigentes que estivessem sendo transpostas, pelo contrário, a dinâmica da própria relação já indicava o afastamento do rapaz com reforço do apoio de suas amigas e de seus pais. Desde então, com forte estímulo de sua mãe, ela buscou em seus parceiros características que favorecem dinâmicas de maior diálogo, menos controle, maior autonomia, menor dependência.

Após o primeiro, ele teve dois outros namorados até o atual, um era carrancudo, não conversava e muito ciumento de modo que ela não chegou a levá-lo em casa, pois sua mãe nunca o aceitaria, o outro era muito prestativo, mas mulherengo e com a sogra também não se deu. O atual contrariou algumas de suas preferências, é branco e não tem sorriso bonito, porém nos outros quesitos ele se encaixa:

A pessoa não pode ser ciumenta. Antes eu considerava que ter ciúmes é porque gostava. Hoje em dia eu não vejo mais graça. Tem que gostar de trabalhar, porque ficar com a pessoa que está sempre ali na mesma não adianta. Tem que ter objetivo de crescer na vida, ser prestativa, saber conversar. Do que adianta eu ficar com um cara que dentro de quatro paredes faz loucura e não sabe conversar, fala os trem tudo errado. A pessoa tem que querer conversar de tudo, não só das coisas que ele gosta.

Na fala de Luísa, apareceram elementos comuns à fala de Natália, ela não qualifica em demasia os atributos pessoais que espera encontrar em seus parceiros ou em um parceiro ideal, mas ao descrever os relacionamentos anteriores ser educado e inteligente apareceu como fonte de admiração e alta valorização. Com o primeiro namorado ficou poucos meses, o segundo foi mais intenso, ele era oito anos mais velho, já havia sido casado e tinha três filhas. Com ele teve sua primeira relação sexual aos quinze anos e a despeito do que ouvia falar se sentiu muito tranquila e relaxada de modo que avalia que seu prazer não foi prejudicado pelo medo e ansiedade comuns a essa primeira experiência. Contudo, o namoro não durou mais do que um ano, a ex-esposa do namorado, movida de forte ciúme dessa nova relação, deixou em sua casa as três filhas para que ele

assumisse os cuidados. A família de Luísa ajudou inicialmente, mas logo interferiu forçando o rapaz a admitir que não teria nada a oferecer para ela pois já tinha duas filhas de quem precisava cuidar.

Três anos depois Luísa conheceu Diogo, um rapaz carinhoso, atencioso, de família educada, possuía uma condição financeira um pouco melhor, *eu não brigava com ele, não sei se é porque era uma família que tinha estudo, um pessoal que conversava, era um namoro bem tranqüilo.* Com ele esteve por três anos, uma experiência marcada pelo respeito mútuo. Nesse período, teve a oportunidade de visitar loja de sex shop com as amigas, uma experiência tensionada pela vergonha e curiosidade, que fora atenuada pelo apoio do namorado em agregar novos elementos em suas atividades sexuais. Ele mesmo passou a comprar géis de diferentes efeitos, mas ela mesma não teve oportunidade de voltar à loja, pois, poucos meses depois, ele se mudou para outra cidade, após ter sido aprovado em concurso público e eles terminaram o relacionamento. Luísa não gosta de ficar em boates ou festas, especialmente quando trava contato com um desconhecido, ela teme ser “arrastada” para algum lugar, *tenho medo... penso, quantas bocas esse cara já beijou, será que alguém tinha alguma doença e ele vai me passar! ... ah, não, tenho medo!* Atualmente não namora ninguém, mas está interessada em um rapaz do bairro que conheceu no ônibus.

Gustavo é o único dos três que não estabeleceu relações por longos períodos de tempo. Seu namoro mais longo durou seis meses e, na época, ele tinha apenas doze anos. Os outros dois que se seguiram duraram seis meses cada um e os dois terminaram em razão dos ciúmes que elas sentiam dele. A primeira demandava maior atenção, justamente, em momento que ele se inseria em novas redes de sociabilidade constituindo amizades através das oficinas de danças, rádio e do grupo de mobilização. A segunda nutria ciúmes de uma amizade em especial que ele tinha com uma garota do colégio desde os nove anos de idade. Para Gustavo que aprendeu, com seus pais, a lidar com mulheres respeitando suas especificidades, era particularmente difícil investir em relações nas quais não se sentia respeitado em sua individualidade. Em suas palavras suas para um namoro se desenvolver tem de ser

com uma pessoa que seja sincera, com a qual a verdade seja um ponto forte. O respeito também eu preservo muito. Eu não conto mais beleza, que acho que beleza não põe mesa. No meu modo de pensar, um relacionamento em que há conversa, onde você respeita sua parceira e vocês dialogam para que o namoro melhore, faz com que o namoro seja algo maior.

Dentre os três, Gustavo foi, também, o único que ainda não teve relações sexuais, ainda que tenha tido várias oportunidades. Com as duas últimas namoradas, ele diz ter chegado “perto”, não

chegou a receber nem realizar sexo oral com nenhuma delas, mas puderam tocar o corpo um do outro até que no primeiro caso, um tio da garota apareceu e quebrou o clima; no segundo ela desistiu, não se sentindo pronta e ele compreendeu. Já ao final da entrevista, enquanto me acompanhava até a esquina, confessou ter ocorrido outro “quase” com uma garota que conheceu em uma boate, mas como ela estava embriagada ele achou melhor não investir.

Dentre as linhas de força que compuseram as trajetórias acima, a configuração familiar é aquela que mais se destaca quando comparada às outras trajetórias. Nuclear ou monoparental foram igualmente preponderantes na força com que atuaram na produção da rede de proteção dos jovens, bem como na busca de uma educação pautada no diálogo. Como efeito de maior escolaridade dos pais, os projetos pessoais do três seguiram aspirações comuns, desencadeando a valorização, em si mesmos e em seus parceiros, elementos que indicavam a sua autonomização tais como obter melhor formação e qualificação profissional.

A inserção em projetos sociais impulsionou a integração em outras redes de sociabilidade a partir das quais foram incorporadas novas práticas, valores e desejos.

Estas três trajetórias são exemplares no que diz respeito ao peso da configuração familiar na constituição das trajetórias. Independentemente do estrato social ao qual eles pertencem, seus projetos de vida estão fortemente alinhados com as perspectivas elaboradas na relação, primeira com os pais e segundo com sua rede mais densa de sociabilidade fora de casa, amigos e afetos. Não desconsidero, porém que as implicações de viver em região considerada de alta vulnerabilidade social sejam muitas, e fortes. Contudo, as experiências destes jovens nos mostram que há trajetórias possíveis para romper tais barreiras. De um lado, seus pais e toda a vizinhança conformam uma rede de proteção enquanto eles próprios de outro lado, eles cavam novas possibilidades, de lazer, de prazer e desejos.

As relações afetivas e sexuais são estabelecidas no interior de suas redes de sociabilidade que nestes casos coincidem também com o “interior” de um determinado território simbólico. Não pude observar, porém elementos que sustentassem tais escolhas para quase todos eles, mas arrisco-me a indicar que elas têm pouco a ver com as dimensões de renda, gênero ou cor como outros estudos apontam quanto atentos as formas de conjugalidade e suas dinâmicas de relativa endogamia. Pareceu-me ser muito mais provável que o elemento do território mesmo seja o mais intenso nessa correlação de forças do campo de possibilidades afetivas. Contudo, no que eles se consistem esta investigação não nos permite inferir.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A busca pela compreensão do modo como gênero e sexualidade se articulam na constituição de trajetórias afetivas e sexuais foi o ponto de partida desta investigação. Nesse objetivo, já estava implicado o reconhecimento de que essas duas dimensões estão imbricadas à outras e, portanto, seria preciso considerá-las. Contudo, a escolha de uma abordagem antropológica de intersecção entre diferentes dimensões da vida social ofereceu a este trabalho não apenas maior amplitude de seus objetivos, mas, sobretudo, uma compreensão acurada da natureza mesma de aspectos da vida social que, quando observados conjuntamente e articuladamente, indexam sentidos e reverberanças distintas nas experiências dos sujeitos. As trajetórias são constituídas e constitutivas dessas articulações. É evidente que quando pomos foco em determinado aspecto que buscamos observar, identificamos em suas arestas outros elementos implicados, que ora nos causam borramento da visão, ora nos impregna mesmo com suas tangências. É preciso centrar o jogo de luzes para distingui-los e aos poucos identificar a natureza de suas conexões, suas intensidades e direções.

As trajetórias ora apresentadas mostraram-se eixos de conexões múltiplas a cada um dos elementos analíticos considerados. Em que pese, as predominâncias foram as experiências e a construção narrativa dos sujeitos que me guiaram nas ênfases aqui indicadas. Desse modo, para cada um dos três grupos de narrativas apresentadas foi elencado um conjunto de elementos específico para organizar e interpretar tais experiências. Os elementos priorizados não se excluem ou anulam, mas dão sentido, peso e direção distintos às trajetórias. Para compreender a narrativa de Bruna, por exemplo, foi preciso olhar para além de sua homossexualidade e transgeneridade, enfocando também sua trajetória laboral e seus modos de cuidado com a saúde. No caso de Patrícia e Queila, para além da maternidade, seus tipos de feminilidade e modelos familiares de conjugalidade foram preponderantes. Já a experiência de atuação em projetos sociais, marcou significativamente a circulação, bem como o campo de possibilidades afetivas de Natália e Gustavo.

A partir dos diferentes arranjos analíticos na composição das trajetórias, foi possível identificar recorrências transversais às experiências dos jovens residentes no Taquaril. A primeira e, talvez, mais interessante delas é o impacto da participação de projetos sociais no modo de circulação em territórios fora do Taquaril. Quando as atividades estão circunscritas em redes de sociabilidade que extrapolam os espaços de sua realização aos jovens, é possibilitada a inserção não só a outras redes, mas, também, noutros territórios. Assim, foram com as atividades ligadas ao circuito Hip Hop

como as oficinas de rádio, de dança de rua ou grupos musicais que através delas se formaram. O inverso também vale destacar, pois atividades delimitadas aos espaços em que são realizadas mantêm os jovens em redes que, na maioria das vezes, já estavam constituídas antes de desenvolverem tais atividades. Coura (2007) demonstrou bem o modo como a presenças em projetos sociais ampliam as perspectivas dos jovens mantendo-os, porém, em rede de relações internas ao bairro. O pioneirismo de Belo Horizonte em reconhecer o direito à cidade de seus moradores, já nas primeiras décadas de sua fundação, precisa agora ser expandido. Os esforços em garantir a permanência de populações faveladas urbanizando as áreas invadidas e dando acesso a equipamentos públicos de saúde, de educação e de lazer devem se juntar a novos esforços para expandir a circulação e apropriação do espaço público. É preciso assumir noções de sociabilidade que sejam capazes de romper as fronteiras do território garantindo não apenas atividades de lazer e formação profissional, mas especialmente pontos de conexões com outros territórios, outros espaços e modos de sociabilidade que ampliem o espectro de escolhas sobre seus projetos de vida, sejam eles quais forem.

Outro ponto interessante, que vale aqui destacar, são narrativas valorizadas de relações igualitárias entre os jovens que se contrapõem as expectativas gerais de estudos em regiões faveladas da predominância de modelos de representação tradicionais. No Taquaril, homens e mulheres, com experiências conjugais e não, demonstram forte apreço por modelos de relações baseadas na equidade de gênero, talvez seja eco da presença de diferentes projetos sociais, religiosos e culturais. Mas arrisco-me a dizer que é a coexistência, sem predominância de qualquer um desses diferentes modelos de representação, o tradicional e também o moderno, que organizam os sentidos aos comportamentos. Desse modo, práticas ou comportamentos aos quais não possam dar inteligibilidade dentro de um ou outro modelo são acomodadas em posições de interstícios como no caso de Bruna.

Quanto ao peso da configuração familiar, bem como o controle dos pais sobre o comportamento e andanças dos filhos, vale enfatizar que as relações afetivas estabelecidas, entre os doze e quinze anos, são, em sua grande maioria, sob consentimento dos pais, reinventando modos de lidar com a velha figura de um dos pais no sofá ao lado. Observei no Taquaril enormes esforços, por parte da família, em conhecer e acompanhar a rede de relações dos filhos com intuito de protegê-los não apenas dos comportamentos tidos como desviantes, mas, sobretudo da exposição à violência.

Uma análise que se propõe intersectada demanda do investigador background adensado sobre cada um dos aspectos, postos ou observados, em articulação para que as características e

vicissitudes de cada um deles sejam igualmente consideradas. Este trabalho privilegiou as tangências às experiências afetivas e sexuais de modo que as reverberações de outras dimensões foram apenas indicadas. Reconheço, porém a necessidade de me debruçar, com mais afinco, sobre os processos constitutivos das representações que na sociedade brasileira se compõem sobre cada uma das dimensões aqui analisadas. Para que em estudo posterior possa lançar mão, com maior fôlego da complexidade da articulação entre elas e, portanto, observar não apenas a constituição de trajetórias afetiva se sexuais, mas o próprio campo de possibilidades que se apresenta à jovens de diferentes extratos e contextos sociais. Para isso, seria necessário, também, a identificação de modelos analíticos que possam conjugar o plano macro e micro-sociológico com mesma atenção às sofisticadas maneiras com que certas dimensões da vida social se articulam, compondo posicionamentos singulares aos sujeitos e seus contextos.

REFERÊNCIAS

- ABRAMO, Helena; BRANCO, Pedro (orgs.). 2005. **Retratos da Juventude Brasileira: análise de uma pesquisa nacional**. São Paulo: Perseu Abramo.
- ABRAMOVAY, Miriam; CASTRO, Mary G.; SILVA, Lorena B. 2004. **Juventude e sexualidade**. Brasília: UNESCO Brasil.
- AGUIÃO, Silvia. 2007. **“Aqui nem todo mundo igual!”: Cor, mestiçagem e Homossexualidades numa Favela do Rio de Janeiro**. Dissertação (Mestrado) – Universidade Estadual do Rio de Janeiro, Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva.
- ALMEIDA, G. E. S. 2005. **Da invisibilidade à vulnerabilidade: percursos do 'corpo lésbico' na cena pública face à possibilidade de infecção por DST e Aids**. Tese doutorado em Saúde Coletiva. Rio de Janeiro: Instituto de Medicina Social, UERJ.
- ALMEIDA, Maria I. 2006. Zoar e Ficar: novos tempos de sociabilidade Jovem. In: ALMEIDA, Maria; EUGÊNIO, Fernanda (Org). **Culturas Jovens: Novos Mapas do Afeto**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor
- ALMEIDA, Miguel Renato de. 2006. **Favela, arte e juventude: pensando as relações entre ações artístico-culturais e identidade no Aglomerado da Serra em Belo Horizonte**. 144 f. Dissertação (Mestrado) – Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais.
- ALVITO, Marcos. 1999. Um bicho-de-sete-cabeças. In: Alba Zaluar, Marcos Alvito. (Org.). **Um século de favela**. Rio de Janeiro. Editora FGV.
- ARAÚJO, Clara & SCALON, Céli. 2005. Percepções e atitudes de mulheres e homens sobre a conciliação entre família e trabalho pago no Brasil. In: ARAÚJO & SCALON (org) **Gênero, Família e Trabalho no Brasil Contemporâneo**. Rio de Janeiro Ed Fundação Getúlio Vargas.
- BARBOSA, Lára de Melo. 2002. **A vulnerabilidade social à infecção pelo HIV em Minas Gerais**. Trabalho apresentado no X Seminário sobre Economia Mineira. Diamantina, no mês de junho.
- BARROS, José. Márcio. P. M. .2005. **Cultura e Comunicação nas avenidas de contorno de Belo Horizonte e La Plata**. Belo Horizonte: Editora PUC Minas, 228pp.
- BEATO, Cláudia C. F.; PAIXAO, Antonio Luiz. 1997. Crimes, Vítimas e Policiais. **Revista de Sociologia da USP**, São Paulo, v. 9, n.1, p. 233, maio.
- BEATO, Cláudio C. F. 1998. Determinantes da criminalidade em Minas Gerais. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, v. 13, n. 37, p. 74, jun.
- BECKER, Howard. 1996. A escola de Chicago. **Mana**, Rio de Janeiro, vol.2, n.2, out.

BEDERMAN, Gail. 1995. **Manliness and Civilization: A Cultural History of Gender and Race in the United States 1880-1917**. Chicago ; London: University of Chicago.

BESSA, Gina Hunter de. 2006. Ethnophysiology and Contraceptive Use Among Low-Income Women in Urban Brazil. In: **Health Care for Women International**, 27:428-452.

BOSCHI, Renato. 1999 Descentralização, Clientelismo e Capital Social na Governança Urbana: Comparando Belo Horizonte e Salvador. **Dados** (Rio de Janeiro), Rio de Janeiro, v. 42, n. 4, p. 655-690.

BOURDIEU, Pierre. 1986. A ilusão biográfica. In: FERREIRA, Marieta M.; AMADO, Janaína (Orgs.). **Usos e abusos da história oral**. Rio de Janeiro: Editora FGV.

BOZON M, HEILBORN ML.2001 As carícias e as palavras: iniciação sexual no Rio de Janeiro e em Paris. **Novos Estudos CEBRAP**; 59:111-35.

BOZON, Michel. 2004. **Sociologia da sexualidade**. Rio de Janeiro: Editora FGV.

BRAH, Avtar. Diferença, diversidade, diferenciação. **Cadernos Pagu**, Campinas, n.26, pp.329-37, jan-jun. 2006.

BRANDÃO, Elaine. 2006. Gravidez na adolescência nas camadas médias: um olhar alternativo. In: ALMEIDA, Maria; EUGÊNIO, Fernanda (Org).Culturas Jovens: **Novos Mapas do Afeto**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, p. 79 – 91.

BUTLER, Judite. 1990. **Problemas de Gênero: Feminismo e a subversão da identidade**. Nova York, ed. Routledge.

CALAZANS, Gabriela Junqueira. 2005. Os jovens falam sobre sua sexualidade e saúde reprodutiva: elementos para reflexão. In: Abramo H. H.; Branco P. P. M., (Orgs). **Retratos da juventude brasileira: Análises de uma pesquisa nacional**. São Paulo: Editora Cidadania, p. 215-241.

CALDEIRA, Teresa. P. do R. 1988 A presença do autor e a pós-modernidade em antropologia. **Novos Estudos**, n.21, p.133-57, julho.

CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. 1998. **O trabalho do antropólogo**. Brasília/São Paulo: Paralelo Quinze/ Editora da UNESP, 220 pp.

CARRARA, SÉRGIO & SIMÕES, Júlio. 2007. Sexualidade,cultura e política: a trajetória da identidade homossexual masculina na antropologia brasileira. **Cadernos Pagu** (UNICAMP), v. jan, p. 65-100.

CASTRO, Mary Garcia. 2000. “Marxismo, feminismos e feminismo marxista – mais que um gênero em tempos neoliberais”. **Crítica Marxista**, n. 11, pp. 98-108. (Dossiê Marxismo e feminismo).

CECCHETO, Fátima. **Violência e estilos de masculinidade**. Violência, Cultura e Poder. Editora FGV, Rio de Janeiro, 2004.

CHACHAM, Alessandra. **Autonomia e susceptibilidade ao HIV/AIDS entre mulheres jovens moradoras de uma área de favela em Belo Horizonte, Brasil.** In: Seminário Community Responses to AIDS, 1 e 2 de setembro de 2005, Genebra.

CHACHAM, Alessandra S. ; HILBER, Adriane M. 2010. A feminist approach to sexuality counselling. **Exchange on HIV and AIDS, Sexuality and Gender**, v. 1, p. 9-10, 2010.

CHACHAM, Alessandra S. ; MAIA, Mônica Bara ; GRECO, Marília ; SILVA, Ana Paula ; GRECO, Dirceu B . 2007. Autonomy and susceptibility to HIV/AIDS among young women living in a slum in Belo Horizonte, Brazil. **AIDS Care**, Oxford, v. 19, p. 512.

CHACHAM, Alessandra; LOBATO, Ana L.; MASS, L. V. D. Perfis de Autonomia e Vulnerabilidade na Juventude: diferentes aspectos da exclusão social. In: Rosa Maria Corrêa. (Org.). **Avanços e Desafios na Construção de uma Sociedade Inclusiva.** Belo Horizonte: Sociedade Inclusiva/PUC Minas, 2009, p. 193-205.

CHACHAM, Alessandra; MAIA, Mônica; CAMARGOS, Malco. 2008. **Desigualdade, autonomia e trabalho entre mulheres jovens moradoras de bairros e favelas da região centro-sul da cidade de Belo Horizonte.** In: 32º Encontro Anual da ANPOCS, 2008, Caxambu. Anais do 32º Encontro Anual da ANPOCS, 2008.

CORRÊA, Sonia. 1996 Gênero e Sexualidade como sistemas autônomos: idéias fora do lugar?. In PARKER, Richard e BARBOSA, Regina M. (org) **Sexualidades Brasileiras.** Rio de Janeiro. Relume Dumará. ABIA/IMS/UERJ.

COURA, Claudinéia. 2009. **Juventude e desagregação urbana em Belo Horizonte: um estudo de trajetória e representações sociais no Conjunto Taquaril.** Dissertação (Mestrado) – Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais.

DAVIS, Mike. 2006. **Planeta Favela.** São Paulo: Boitempo Editorial.

DAVIS, Jr. C; FONSECA, F. 1994. Geoprocessamento em Belo Horizonte: Aplicações. In: **GIS BRASIL 94.** Curitiba. Sagres.

DAWSETT, Gary. 2006. Algumas considerações sobre sexualidade e gênero no contexto da AIDS. Revista. **Questões de Saúde Coletiva.** vol. 1 (1), p. 39. ago

DAYRELL, Juarez Tarcísio. 2003. O Jovem como sujeito social. **Revista Brasileira de Educação,** Rio de Janeiro, nº. 24, 40-53, set./dez.

DAYRELL, Juarez. 2003. O jovem como sujeito social. **Revista Brasileira de Educação,** Rio de Janeiro, n. 24, p. , set./out./nov./dez.

DURHAN, Eunice. 1986. Apresentação IN: MAGNANI, Jose Guilherme C. **Festa no Pedaco: cultura popular e lazer na cidade.** 1. ed. São Paulo: Brasiliense.

FACCHINI, Regina & BARBOSA, Regina. M. 2006. Dossiê Saúde das Mulheres Lésbicas: promoção da equidade e da integralidade. **Rede Feminista de Saúde**, (Dossiê temático - revisão de literatura).

FACCHINI, Regina. 2008. **Entre umas e outras: Mulheres, (homo)sexualidades e diferenças na cidade de São Paulo**. Tese (Doutorado) – Universidade Estadual de Campinas – Programa de Doutorado em Ciências Sociais.

FAVRET-SAADA, J. 1977. **Les mots, la mort, les sorts**. Paris. Gallimard, 372pp.

FIGUEIREDO, Regina. 1999. **Saúde Sexual E Reprodutiva de Mulheres de Baixa Renda: Favela Monte Azul – um estudo de caso**. Dissertação de mestrado defendida na USP.

FILGUEIRAS, Wanja Ribeiro dos Santos. 2009. **“Cidade Jardim, fundos”: A Vila Monte São José e as imagens sobre o lugar favela**. Dissertação (Mestrado) – Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais.

FONSECA, Claudia. 1995. **Caminhos da adoção**. São Paulo: Editora Cortez. 152 páginas.

FONSECA, Claudia. 2000. **Família, fofoca e honra: a etnografia de violência e relações de gênero em grupos populares**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2000

FOUCAULT, Michael. 1977. **A história da sexualidade: volume 1: a vontade de saber**. Rio de Janeiro. Graal. 152 pp.

FOUCAULT, 2006. A ética do cuidado de si como prática de liberdade in: **Ditos e Escritos V, Ética, Sexualidade e Política**. Rio de Janeiro. Forense Universitária.

FOUCAULT, Michel. 2002. “Aula de 17 de março de 1976”. In: **Em Defesa da Sociedade**. São Paulo: Martins Fontes. pp. 285-315.

FRY, Peter. 1982. **Para inglês ver : identidade e política na cultura brasileira**. Rio de Janeiro, RJ: Zahar Editores.

GAGNON, John. 2006. **A interpretação do desejo**. Rio de Janeiro. Ed. Garamond

GLUCKMAN, Max. 1963. Gossip and Scandal. IN: **Current Anthropology**, 4 (3), 307-316. Papers in Honor of Melville J. Herskovits: Gossip and Scandal. Chicago: The University of Chicago Press.

GREGORI, Maria Filomena. 2010. **Prazeres Perigosos. Erotismo, gênero e limites da sexualidade**. Tese de Livre Docência apresentada ao Departamento de Antropologia Social da Universidade Estadual de Campinas. Campinas, SP.

GROSSI, Miriam P. Gênero e parentesco: famílias gays e lésbicas no Brasil. In: **XXVII Reunião Anual da ANPOCS**, 21 a 25 de outubro de 2003, Caxambu.

GUATTARI, 1985 GUATTARI, F. Espaço e poder: a criação de territórios na cidade. **Espaço e debates**. Campinas, SP.

GUIMARÃES, Berenice Martins. 1991 **Cafuas, barracos e barracões: Belo Horizonte, cidade planejada**. 323 f. Tese (Doutorado em Ciências Humanas: Sociologia) – Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

GUIMARÃES, Berenice Martins. 1992. Favelas em Belo Horizonte: Tendências e Desafios. **Análise & Conjuntura**, Belo Horizonte, v.7, n. 2 e 3, p.11, maio/dez.

GUIMARÃES, Berenice Martins. 1991. As Favelas como objeto de análise: Desafios e Perspectivas. **Cadernos Metr pole**, São Paulo, n.1, p.47.

HALL, Stuart. 2001. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 6. ed. Rio de Janeiro. DP&A.

HEILBORN, Maria Luiza 1999. Constru o de Si, gênero e sexualidade. in: HEILBORN (org.)**Sexualidade: o olhar das Ciências Sociais**. Rio de Janeiro. Jorge Zahar.

HEILBORN, Maria Luiza, AQUINO, Estela M. L, BOZON, Michel, KNAUTH, Daniela R.(Org.). 2006. **O aprendizado da sexualidade: Reprodu o e trajetórias sociais de jovens brasileiros**. Rio de Janeiro: Garamond e Fiocruz.

JEJEEBHOY, Shireen. 2000. Women's. Autonomy in Rural India: Its dimensions, determinants and the influence of the context. In: PRESSER, Harriet B.; SEN, Gita (Orgs) **Women's Empowerment and Demographic Processes**. Oxford: Oxford University Press, p. 204 – 238.

LAQUEUR, Thomas. 2001. **Inventado o sexo**. Rio de Janeiro: editora Relume Dumará.

LAURETIS, Teresa. 1994 A tecnologia do gênero. In: HOLLANDA, B.H. **Tendências e impasses: o feminismo como crítica da cultura**. Rio de Janeiro: Rocco.

LEEDS, Anthony. 1978. **A sociologia do Brasil urbano**. Rio de Janeiro: Zahar, 327 pp.

LEITE, Vanessa Jorge. 2009. **Sexualidade adolescente como direito? A visão de formuladores de políticas públicas**. Disserta o (Mestrado) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Programa de Pós-Gradua o em Saúde Coletiva.

LIBÂNIO, Clarice. 2004. **Guia Cultural das Vilas e Favelas de Belo Horizonte**. 1. ed. Belo Horizonte.

LINS, Isadora. 2010. **Consumindo lugares, Consumindo nos lugares: Homossexualidade, Consumo e Produ o de Subjetividades na Cidade de São Paulo**. Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós gradua o em Ciências Sociais da Universidade estadual de Campinas. Campinas, SP.

LOBATO, Ana Laura. 2007. **Perfis de Autonomia e Vulnerabilidade de Mulheres Jovens residentes do Taquaril, Belo Horizonte**. Monografia (Conclusão de Curso) Puc Minas. Curso de

Ciências Sociais. Belo Horizonte.

LOPES, Paulo. V. L. 2011. **Sexualidade e construção de si em uma favela carioca: pertencimentos, identidades, movimentos**. Dissertação de Mestrado em Antropologia Social. Rio de Janeiro: UFRJ/Museu Nacional – PPGAS

MACHADO DA SILVA, Luiz (Org.)2008. **Vida sob cerco: violência e rotina nas favelas do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira. MACHADO, L. 1998. Gênero : um novo paradigma? In: Cadernos Pagu (11) pp. 107-125

MAFFESOLI, 1998. **O tempo das tribos: o declínio do individualismo nas sociedades pós-modernas**. Rio de Janeiro: Forense Universitária.

MAGNANI, Jose Guilherme C.1986. **Festa no Pedação: cultura popular e lazer na cidade**. 1. ed. São Paulo: Brasiliense.

MAGNANI, Jose Guilherme Cantor . A Antropologia Urbana e os desafios da metrópole . Tempo Social. **Revista de Sociologia da USP**, São Paulo, v. 15, n. 1, p. 81-95, 2003.

MAGNANI, Jose Guilherme Cantor . De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, v. 17, n. 49, p. 11-29, 2002.

MEAD, Margareth. 2003 Sexo e temperamento.São Paulo: Editora Perspectiva

MEDEIROS, Camila. 2006. **Mulheres de Kêto: etnografia de uma sociedade lésbica na periferia de São Paulo**. Dissertação de Mestrado em Antropologia Social. Rio de Janeiro: UFRJ/Museu Nacional

MENEZES, Lucas V. 2009. **Condomínio : status e utopia num subúrbio brasileiro do século XXI**. Dissertação (Mestrado) – Universidade de Federal de Minas Gerais, Escola de Arquitetura.

MONTEIRO, Simone. 1999. **AIDS, Sexualidade e Gênero: a lógica da proteção entre jovens de um bairro popular carioca**. 186 f. Tese (Doutorado) - Escola Nacional de Saúde Pública (ENSP) da Fundação Oswaldo Cruz (FIOCRUZ).

MOUTINHO, Laura. 2006. Negociando com a adversidade: reflexões sobre “raça”,(homos)sexualidade e desigualdade social no Rio de Janeiro. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v.14, n.1, p. 15, jan./abril.

NOVELLINO, Maria. S. F. 2007 **Os feminismos latino-americanos e suas múltiplas temporalidades no século XX**. Trabalho apresentado no seminário Internacional Fazendo Gênero 7, ST 40 Florianópolis Acessado em junho de 2009. Disponível em

PANEGASSI, Rubens Leonardo. Alimentação no Brasil Colonial: economia, sociedade e cultura. **Revista de Economia Política e História Econômica**, São Paulo, n.4, p.121, ago. 2008.

PARK, Robert. 1979. A cidade: sugestões para a investigação do comportamento humano no

meio urbano, in: Velho, Otávio (org). **O fenômeno urbano**. Rio de Janeiro. Zahar.

PEIRANO, Mariza. 1995. **A favor da etnografia**. Rio de Janeiro. Relume-Dumará.

PEREIRA, Gilberto C.& SILVA, Bárbara- Christine. 2001 Geoprocessamento e Urbanismo IN: GERARDI, L. H. O. & MENDES, I. A. (Org.) . Teoria, técnicas, espaços e atividades: temas de geografia contemporânea. 1. ed. **Rio Claro: Programa de Pós-Graduação em Geografia/AGETEO**. v. 1.

PERLONGHER, Néstor Osvaldo. 1987. **O negócio do michê: Prostituição viril em São Paulo**. 341 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Estadual de Campinas, Programa de Mestrado em Antropologia Social.

PISCITELI, A. GREGORI, M. CARRARA, S. 2004. “Apresentação Sexualidade e Saberes: Convenções e Fronteiras”. In: PISCITELI, Adriana, GREGORI, Maria Filomena, CARRARA, Sérgio (Org.). **Sexualidade e Saberes: Convenções e Fronteiras**. Rio de Janeiro: Editora Garamond.

PISCITELLI, Adriana. G. Interseccionalidades, categorias de articulação e experiências de migrantes brasileiras. **Sociedade e Cultura Revista de pesquisas e debates em ciências sociais**, v. 11, p. 13, 2008.

RODRIGUES, Carla. Butler e a desconstrução do gênero. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, vol.13, n.1, p. 179, jan./abril. 2005.

RUBIM, Gayle. 1993 **O tráfico de mulheres: notas sobre a “economia política” do sexo**. S.O.S Corpo. Recife.

SAID Camila do Carmo. **Os grupos musicais juvenis e a participação das jovens mulheres**. Trabalho apresentado no Seminário Internacional Fazendo Gênero 7 em Agosto de 2006 Florianópolis – SC. Acessado em abril de 2007. Disponível em: http://www.fazendogenero7.ufsc.br/artigos/C/Camila_do_Carmo_Said_01.pdf

SALGUEIRO, Heliana. 1995. Revisitando Haussmann ou os limites da comparação. **Revista USP**. n.26. pp. 195-205

SAMPAIO, Camila. 2007. **“Remido pelo Espírito”, no comando da vida: trajetórias de líderes pentecostais em uma favela carioca**. Dissertação de mestrado defendida na UERJ.

SARTI, Cynthia. 2007. **A família como espelho: um estudo sobre a moral dos pobres**. São Paulo. Ed Cortez

SAWYER, Diana Oya; LEITE, Iúri da Costa; ALEXANDRINO, Ricardo. Perfis de utilização de serviços de saúde no Brasil. **Ciência e Saúde Coletiva**, vol. 7, n. 4,

SCOTT, Joan.W.1991. **Gênero: Uma categoria útil para análise histórica**. Tradução (para o português) de Christine Rufino Dabat e Maria Betânia Ávila. Recife: SOS Corpo.

SEN, Gita, BATLIWALA, Srilatha. 2000. Empowering Women for Reproductive Rights. In: PRESSER, Harriet B.; SEN, Gita (Orgs). **Women's Empowerment and Demographic Processes**. Oxford: Oxford University Press, p.15 – 36.

SEN, Gita, BATLIWALA, Srilatha. 2000."Empowering Women for Reproductive Rights". **Women's Empowerment and Demographic Processes**. Org. Harriet B. Presser e Gita Sen. Oxford: Oxford University Press.

SILVA, Aurélio José da. 2006. **Entre o medo, a cooperação e o conflito: o papel dos conselhos comunitários de segurança pública em Belo Horizonte**. 208 f. Dissertação (Mestrado) – Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais.

SIMMEL, 1997. A metrópole e a vida mental: In: VELHO, Otávio (org.). **O fenômeno urbano**. Rio de Janeiro: Zahar

STOLCKE, Verena. 1991. Sexo está para gênero assim como raça para a etnicidade?. **Estudos Afro – Asiáticos**,(20):101-119, junho.

STRATHERN, Marylin. 2006. **O Gênero da Dádiva: Problemas com as Mulheres e Problemas com a Sociedade na Melanésia**. Trad. André Villa lobos. Campinas Ed. Unicamp

TEIXEIRA, Alexandre. 2003 **Territórios Homoeróticos em Belo Horizonte: um estudo sobre interações sociais no espaço da cidade**. Dissertação (Mestrado) – Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais.

TOLEDO, Livia Gonsalves. 2008. Lesbianidades e biopoder: um olhar genealógico. **Revista de Psicologia da UNESP**, Assis, v. 7, n. 1, p.176.

TONUCCI, João B. M. ; TEIXEIRA ÁVILA, J. L. 2008. **Urbanização da Pobreza e Regularização de Favelas em Belo Horizonte**. In: XIII Seminário sobre a Economia Mineira, 2008, Diamantina. Anais do XIII Seminário sobre a Economia Mineira.

VALLADARES, Licia do P. 2005. **A invenção da favela: do mito de origem à favela**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005.

VELHO, Gilberto.2006. Juventudes, projetos e trajetórias na sociedade. In: ALMEIDA, Maria Isabel Mendes de; EUGENIO, Fernanda. (Org.). **Culturas jovens: novos mapas do afeto**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

VIDAL E SOUZA, Cândice. 2006. Professores de antropologia em Belo Horizonte: esquecimentos, descaminhos e conflitos. In: **25ª Reunião Brasileira de Antropologia**, 11 a 14 de junho de 2006, Goiânia.

WACQUANT, Loïc. 2001. **Os condenados da cidade: estudos sobre marginalidade avançada**. Rio de Janeiro: Revan, 2001.

WACQUANT, Loic. 2008. **As duas faces do gueto**. São Paulo: Boitempo Editorial.

WAGNER, Roy. 1981. **The Invention of Culture**. The University of Chicago Press: Chicago, 1981, 119 páginas.

WHYTE, W. F. **Sociedade de esquina: a estrutura social de uma area urbana pobre e degradada**. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2005.

ZALUAR, Alba e ALVITO, Marcos. 2006. **Um século de favela**. Rio de Janeiro. Ed. FGV

ZALUAR, Alba. 1999. **A máquina e a revolta: as organizações populares e o significado da pobreza**. São Paulo: Brasiliense.

FONTES

Associação Projeto Providência. Disponível em: <www.projetoprovidencia.org>. Acessado em: setembro de 2010.

Metodologia do Programa de Controle de Homicídios - FICA VIVO!. Superintendência de Prevenção à Criminalidade – Secretaria de Estado de Defesa Social - Governo do estado de Minas Gerais. Belo Horizonte. Junho de 2009

Prefeitura Municipal de Belo Horizonte. Disponível em: < <http://portalpbh.pbh.gov.br/pbh/>>. Acessado em: maio de 2011.

Prefeitura Municipal de Belo Horizonte. Disponível em: <<http://portalpbh.pbh.gov.br/pbh/ecp/comunidade.do?app=habitacao>>. Acessado em: agosto de 2010.

Prevenção social à criminalidade: a experiência de Minas Gerais. Superintendência de Prevenção à Criminalidade – Secretaria de Estado de Defesa Social - Governo do estado de Minas Gerais. Belo Horizonte. Junho de 2009

Projeto de Mapeamento dos Recursos Comunitários para a Juventude do Taquaril. GERSON & SOUZA (Org). Prefeitura de Belo Horizonte, Centre for Human Settlement. Belo Horizonte. 2008. RELATÓRIO ANUAL PBH, 2010

URBEL. Disponível em: < <http://portalpbh.pbh.gov.br/pbh/ecp/comunidade.do?app=urbel>>. Acessado em: agosto de 2010.

ANEXOS

ANEXO 1 - Identificação dos entrevistados.

IDENTIFICAÇÃO								
					Pai		Mãe	
	Idade	Escolaridade	Religião de criação/ atual	Ocupação	Escolaridade	Ocupação	Escolaridade	Ocupação
Ivan	21	E. Médio C.	Católica / Protestante	Estudante	7 série Fund.	Gerente de Merceria	4ª série Fund	Faxineira
Gustavo	18	E. Médio C.		Estudante	E. Médio C.	Motorista	E. Médio C.	Autônoma
Lucas	17	E. Médio C.	Protestante	Estudante	Sup. Comp.		7ª série	
Bruna	28	E. Médio C.	Católica		4ª série	Pedreiro	E. Médio C.	Serviços gerais
Queila	22	1º ano E. Médio	Católica / sem religião	Secretária	4ª série	Pedreiro	N S	Agricultura urbana
Patricia	18	1º ano E. Médio	Católica	Desempregada	4ª série	Pedreiro	8ª série Fund.	Agricultura urbana
Luísa	20	E. Médio C.	Católica	Aux. Escritório	5ª série Fund.	Pedreiro	4ª série Fund	Aposentada
Natália	20	Sup. Inc.	Católica	Estudante	5ª série Fund.	Aux. Expedição	Sup. Comp.	Coord. Creche

ANEXO 2 - Roteiro (prévio) Entrevistas jovens no Taquaril

Explicação sobre o método e confidencialidade da pesquisa

Identificação

Nome, Idade e escolaridade (dos pais também)

Religião

Bloco I – Histórico (Modelo Familiar)

Como é/era a relação entre seus pais? (afetiva e sexual)

Com qual deles você se identifica mais e porquê?

Você conversa ou conversou com eles sobre namoro? (se sim) que tipo de conselhos eles lhe dão?

Há um tipo preferido de parceiro dos seus pais para você? (se sim) qual?

Bloco II – O namoro

Como e quando (idade) foi seu primeiro namoro? (beijo, paixão)

O que lhe chamava atenção nele / nela?

Qual seu tipo preferido? Por quê?

Conte-me como foram seus namoros seguintes. (breve descrição um por um)

Namora atualmente? Ele se parece com seu tipo ideal?

Bloco III – Os lugares

Quando solteira (o) onde você gosta de sair para paquerar? Por quê?

Conte-me um pouco dos lugares e das experiências com os rapazes/mulheres nestes lugares.

Bloco IV – Sexo e prevenção

Quando foi sua primeira relação? Usou algum contraceptivo? Qual e por quê?

Onde você busca informações sobre sexualidade e contracepção?

Conte-me sobre cada um de seus parceiros? E como era o uso de contraceptivo com cada um deles.

Algum deles se recusava usar camisinha e por quê?

Bloco V

Vou ler algumas frases e você me diz se concorda ou discorda e por quê.

Autonomia de Gênero

A mulher cuida melhor dos filhos do que o homem
A mulher é naturalmente mais vaidosa
Estudar é mais importante para a vida do homem do que para a mulher
Mulher que apanha e fica com o parceiro é porque gosta de apanhar
Ter ciúme da roupa e da maquiagem é uma prova de amor
A mulher deve se afastar de amizades que incomodem o companheiro
A mulher deve evitar sair com amigos/turma se o companheiro não deixar
Nas decisões importantes da casa, é justo que o homem tenha a última palavra
Trabalhar é bom, mas o que a maioria das mulheres realmente quer é ter um lar e filhos
O trabalho do homem é ganhar dinheiro, o da mulher é cuidar da casa e da família
Ser dona de casa é tão gratificante quanto trabalhar fora

Autonomia financeira

O homem deve ser o principal responsável pelas despesas da casa
O homem sabe lidar melhor com o dinheiro
A mulher só deve trabalhar fora de casa se o companheiro deixar
O ideal é que a mulher pare de trabalhar quando tem filhos pequenos
O dinheiro do meu parceiro também é meu, mas o meu dinheiro é só meu
Quem tem mais dinheiro deve ter a palavra final nas decisões da casa
Trabalhar fora de casa não é importante para a mulher se realizar
No final das contas, a vida familiar fica prejudicada quando a mulher tem m emprego de tempo integral.
Crianças pequenas (até 5 anos) sofrem mais quando a mãe trabalha
Uma mãe que trabalha fora não consegue estabelecer uma relação tão carinhosa e dedicada com seus filhos quanto uma mãe que não trabalha fora.

Sexualidade

Cabe ao homem iniciar a relação sexual
Mulher que tem muitos parceiros sexuais se desvaloriza
É importante que a mulher case virgem
Evitar filhos é responsabilidade da mulher
Em um casal, é importante que o homem tenha mais experiência sexual do que a mulher.
A mulher que vai para a cama logo no início da relação é galinha
Tapa de amor não dói
Se a mulher provoca o homem sexualmente, ela tem que ir até o fim
Para a mulher, o amor é mais importante do que o sexo
A mulher casada deve satisfazer o marido sexualmente, mesmo que não tenha vontade.
Homens têm mais necessidade de sexo do que as mulheres.

ANEXO 3 - Decreto Estadual Nº 2.486 de 1909

"O vice-Presidente do Estado de Minas Gerais, usando da attribuição que lhe é conferida pelo art. 57 da Constituição do Estado, e pelas leis nº. 3, adicional à mesma Constituição, e 275, de 12 de setembro de 1899, e de conformidade com a lei nº. 33, de 11 de fevereiro do corrente anno, do Conselho Deliberativo desta Capital, decreta:

Art. 1º. Fica designada para área operaria a parte da 8ª seção urbana limitada pelas avenidas Paraopeba, Christovam Colombo, e 17 de Dezembro, e

ruas Rio Grande do Sul e Barbacena, compreendendo os quarteirões de ns. 22 a 27, 30 a 3 e 38 a 42.

Paragrapho unico. Essa área será destinada exclusivamente à habitação de operários e será regida pelas disposições do presente decreto.

Art. 2º. Ficam respeitadas a divisão e demarcação dos lotes e as denominações das ruas e praças, feitas de accordo com a planta geral da cidade approvada pelo decreto nº. 817, de 15 de abril de 1895.

Art. 3º. Além desta área operaria, poderá o governo do Estado, sob representação do Prefeito, designar outros pontos da cidade, em logares convenientemente escolhidos, para completar a localização dos operários.

Art. 4º. Os lotes da área operaria serão concedidos a titulo gratuito, de accordo com as disposições seguintes.

Art. 5º. Só terão direito à concessão de lotes na área operaria os individuos que provarem:

a) ser operarios, isto é, tirarem sua subsistencia de trabalhos manuaes, no exercicio de qualquer arte ou officio;

b) ter residencia na Capital durante, pelo menos, dois annos antes da data do seu requerimento pedindo a concessão do lote, e ter exercido sua arte ou officio ininterruptamente durante esse tempo;

c) ter bons costumes e ser dedicado ao trabalho.

Paragrapho unico. As condições das letras a e b serão provadas por um attestado jurado de tres pessoas conceituadas, a juizo do Prefeito; a da letra c, por meio de um certificado de auctoridade policial.

Art. 6º. Aos operarios actualmente detentores de lotes na zona designada para área operaria, em virtude do dec. nº. 1.516, de 2 de maio de 1902, será concedido o titulo a que se refere o art. 4º do presente decreto.

Art. 7º. Os operarios actualmente possuidores de titulos provisórios, em virtude do dec. nº. 1.516, acima referido, de lotes da 8ª. secção urbana, situados fora da área operaria, terão preferencia

para obtenção de lotes vagos existentes na mesma área.

Art. 8º. A nenhum operário podera a titulo algum ser concedido mais de um lote, e aquelle que tal concessão obtiver, por interposta pessoa ou illaqueando a boa fé do prefeito, terá annullada a concessão de todos os lotes, sem direito à indemnização de especie alguma, ainda mesmo de bemfeitorias.

Art. 9º. Os lotes serão concedidos a titulo provisorio até que nelles se edifiquem casas, sendo expedido o titulo definitivo depois de concluida a construcção, de accordo com a planta previamente approvada pela Prefeitura.

Art. 10. Os lotes não poderão ser hypotecados e nem alienados por venda; somente as bemfeitorias poderão ser transferidas entre operarios, si a essa transacção preceder licença da Prefeitura, a qual poderá transmitir ao adquirente a propriedade do lote.

Art. 11. Nos titulos provisorios serão estipuladas todas as condições, obrigações e garantias de que trata o presente decreto, que deverá ser transcripto nos mesmos titulos.

Art. 12. Aos actuaes detentores de lotes, não comprehendidos nas disposições do art. 5º, letras a, b e c, fica marcado o prazo improrrogavel de trinta dias para retirarem as bemfeitorias que possuirem nos mesmos lotes, ou transferi-las nos termos do art. 10. Findo esse prazo e não transferidas ou retiradas as bemfeitorias, serão as mesmas vendidas em hasta publica, observadas as disposições regulamentares.

Parapho unico. Exceptuam-se os actuaes detentores que obtiveram titulos provisorios em virtude do dec. n. 1.516, de 2 de maio de 1902, e que, embora não operarios nos termos do presente decreto, exerçam profissão licita, estando comprehendidas nessa categoria os empregados subalternos (porteiros, continuos e serventes) das Secretarias de Estado e outras repartições publicas, que residem actualmente na area, não tendo casa propria na Capital.

Art. 13. O concessionario do lote será obrigado a construir nelle uma casa, de accordo com as disposições abaixo, dentro do prazo improrrogavel de quatro annos, contados da data da expedição do

título provisório, e a cercal-o no prazo de seis meses contados da mesma data, sob pena de caducidade da concessão que será declarada por edital da Prefeitura.

Art. 14. Os fechos serão feitos de accordo com o disposto no art. 16 P. 1º e art. 17 do dec. n. 1.516, já mencionado, podendo a frente do lote ser fechada com arame liso sobre postes de madeira lavrada e entrançado de plantas vivas, sem espinhos e de modo a impedir a passagem de animaes e aves.

Art. 15. As casas serão construídas obedecendo aos typos approvados pela Prefeitura e que, uma vez organizados, farão parte do presente decreto e também ás disposições geraes relativas ás construcções, devendo ser applicadas na área operaria as disposições em vigor do regulamento que baixou com o dec. n. 1.453, de 27 de março de 1901 e não alteradas pelo presente.

Art. 16. Os concessionarios de lotes na área operaria serão obrigados a manter no mais completo asseio e limpeza as frentes de seus lotes, até o meio da rua e a dar annualmente dois dias de serviço para conservação e reparação as ruas, de conformidade com o disposto nos arts. 16, 17, 18 e seus paragraphos, do decreto nº 1.211, de 31 de outubro de 1898.

Art. 17. O aluguel de casas ou barracões na área só é permitido para residencia de operarios, provada essa condição com os documentos exigidos no art. 5º. Os infractores ficam sujeitos á multa de 100\$000, e ao dobro, na reincidencia, cabendo metade da multa effectivamente arrecadada a quem denunciar a infracção.

Art. 18. O governo do Estado reserva-se o direito de, sob representação do Prefeito, regulamentar e decidir todas as occurrencias que forem evidentemente omissas neste decreto, cumprindo aos detentores dos lotes a observancia do que for decretado.

Art. 19. Ficam reservados na área operaria doze lotes, a juizo do Prefeito, para nelles sere edificados escolas e outros estabelecimentos publicos, estaduaes ou municipaes.

Art. 20. O presente decreto entrará em vigor desde a data de sua publicação.

Art. 21. Revogam-se as disposições em contrario."